



COOPERATIVISMO TRAÇOU

DIRETRIZES EM GRAMADO



Ao final do 4º Seminário Gaúcho de Cooperativismo, realizado entre 16 e 18 de março último na cidade de Gramado, promoção da Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul (OCERGS), foi traçada uma diretriz de ordem social, filosófica e educacional para a vivência do sistema, segundo se consubstancia na "Carta Cooperativista" lançada ao final do encontro. O COTRIJORNAL, presente ao Seminário, está relatando o que aconteceu de mais importante nas páginas 10, 11 e 12.



O GRANDE FUTURO

Ao saudar o Presidente da República do Peru, a bordo de um barco ancorado no meio do rio Amazonas no fim do ano passado, o presidente Ernesto Geisel referiu-se a aspectos da política adotada pelo Governo em relação a Amazônia, especialmente no que diz respeito às suas implicações internacionais. Assim, o problema da integração foi abordado do ponto-de-vista dos interesses superiores dos países amazônicos, mostrando o Presidente que o Brasil procura sempre e cada vez mais estreitar os laços de amizade com as demais nações latino-americanas abrangentes àquela região.

Em seu pronunciamento, o Presidente não deixou de ressaltar que a tarefa é sobretudo gigantesca. Pois o desenvolvimento da Amazônia, se analisado do ponto-de-vista estritamente brasileiro, já pode ser considerado empreendimento ciclópico.

Representando o Presidente da República em Manaus, durante o III Simpósio Nacional da

Amazônia, o ministro do Interior, Rangel Reis, destacou a grandeza do trabalho a ser desenvolvido na área. Demonstrou, na ocasião, através de sintético balanço, o trabalho que vem sendo realizado com vistas à ocupação para a integração e o desenvolvimento zonal.

Destacou o Ministro que este trabalho exige estudos, pesquisas, continuidade e sobretudo "união de esforços entre Governo e iniciativa privada. Destacando o Polamazônia (Polos Agropecuários e Agrominerais), o Ministro ressaltou a perspectiva de colonização a níveis agrícola e pecuário, que sem dúvida se constituirá na mola-mostra para o desenvolvimento da região. Pois a COTRIJUI está habilitada a participar desse empreendimento gigantesco. Leia na última página desta edição os detalhes da assinatura do documento pelo qual a cooperativa responsabiliza-se pela colonização de 400 mil hectares na região de Altamira, no estado do Pará.



Rua das Chácaras, esquina
Av. Porto Alegre,
Caixa Postal, 111
IJUI - RS.

CGC ICM - 065/0007700
Inscr. INCRAN 248/73
CGC MF - 90726506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva
- Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar
Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Fa-
rina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides
Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodri-
gues Borges, Nelcy Rospide Nunes,
Oswaldo Olmro Meotti e Werner Er-
win Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer,
Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bi-
zarello, Flávio Sperotto e Reinhol-
do Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Itelvino Sperotto,
Herbert Hintz, Carlos Krüger, Amau-
ry Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

José Cláudio Kohler, Emilio Uhde e
Zeno Foletto.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Mário Euzires de Moura Guterres,
Harry Reisdorfer e Olderige Antonio
Bertol.

Capacidade em Armazenagem

IJUI (Sede)	164.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jóia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao qua-
dro social, autoridades, universida-
des e técnicos do setor, no país e ex-
terior. Nossa tiragem, 12.000 exem-
plares.



Associado
da ABERJE
Associação
Brasileira
de Editores
de Revistas
e Jornais
de Empresa

EXPEDIENTE

Redação e Administração

Rua das Chácaras, esq. Av. Porto Ale-
gre, Caixa Postal, 111

98.700 - IJUI - RS

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9. Certificado de marca de pro-
priedade industrial M/C11 n. 022.775
de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n.
022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176,
matricula no SJPPA n. 550, sócio da
Associação Riograndense de Impren-
sa sob n. 1571.

Composto no JORNAL DA MANHÃ
Ijuí, e impresso em rotativa off-set
no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

EDITORIAIS

O NOVO PREÇO DO TRIGO É UM BOM PRESSÁGIO

Antes de qualquer outra consideração há que dizer que o efeito altamente positivo do reajuste no preço do trigo, determinado pelo Conselho de Desenvolvimento Econômico, em reunião de 23 último, em Brasília, dá-se pelo fato de mostrar que o Governo continua compenetrado do propósito de perseguir a auto-suficiência tritícola. E o faz da maneira mais objetiva e concreta que lhe compete, majorando o preço mínimo do produto em aproximadamente mais 20 cruzeiros a saca de 60 quilos.

Sem dúvida, a decisão há-de se constituir benéfica para a triticultura em particular e para a agricultura como um todo, pois é da certeza de uma remuneração compatível que o produtor obtém os maiores estímulos para seu trabalho. E a agricultura — a única riqueza realmente gerada pelo trabalho criador do homem — a despeito da mecanização que se faz presente nas lavouras, dependerá sempre da ação coordenada do próprio homem.

No caso presente, constituído pelo reajuste de preço mínimo, talvez bem mais do que o impacto já de si bastante positivo do maior preço, constitui-se no fato favorável para o setor que é a certeza transmitida de que o Governo persiste na manutenção da política de auto-suficiência para o trigo. Esta, a nosso ver, a grande lição a ser retirada do fato.

É salutar ao produtor o constatar que o Governo faz-se presente na sua luta quotidiana de produção, buscando remunerá-lo de acordo não só com suas necessidades mas também em relação ao peso social da produção criada. E nesse particular, o trigo se impõe no contexto da economia como elemento de real preponderância social. Basta analisar o custo do trigo em montante de divisas dispendidas a todo o ano, causando profundas sangrias nos recursos do País, para que se possa medir a extensão do efeito no conjunto de nossa economia.

A triticultura nacional, a despeito da incerteza de seus resultados e da expressão de seus números econômicos, tem-se constituído nestes últimos oito ou dez anos em fonte geradora de riqueza que se multiplica em efeitos sucessivos. Basta atentar para o crescimento da indústria mecânica de implementos agrícolas em geral, para que se tenha a confirmação. Aliás, o Governo está ciente do fato. Em sucessivos pronunciamentos, através dos setores competentes, o Executivo tem manifestado de público a decisão de manter o País na busca da auto-suficiência do cereal.

De sorte que a decisão tomada a 23 de março de majorar o preço do produto não chega a surpreender; mas ao contrário, consubstancia uma idéia fixa, uma quase filosofia governamental em torno do trigo. O novo valor caracteriza-se num excelente presságio à lavoura tritícola do País. E não só estimula o produtor, mas também todos os que na pesquisa, na experimentação e mesmo na indústria setorial vivem em função da triticultura. COM ESTA EDIÇÃO PUBLICAMOS CADERNO ESPECIAL QUE DIZ TUDO SOBRE O TRIGO.

INCAPACIDADE DE GERIR E DIREITO DE ESTRILAR

Narra Le Sage, através de seu personagem máximo, Gil Braz de Santilhana, que dois estudantes viajavam a pé de Panafiel à Salamanca. Já cansados e sedentos, detiveram-se junto a uma fonte para saciarem a sede. Ao olharem com maior atenção viram gravadas sobre uma laje, algumas palavras já quase apagadas pela ação do tempo. Orientados pela natural curiosidade, limpam-na e puderam ler a seguinte frase em espanhol: "Aqui está encerrada el alma del licenciado Pedro Garcia".

Um dos estudantes, lerdo de raciocínio, riuse e comentou: "Que pilhéria! Uma alma encerrada". E assim dizendo, levantou-se e prosseguiu viagem.

O companheiro, mais refletido, pensou consigo mesmo: "Aqui há mensagem a ser decifrada. Vou ficar para examinar o que é."

Tão pronto o companheiro desapareceu na primeira curva do caminho, pôs mãos à obra, e tanto fez que levantou a laje e encontrou uma bolsa com cem ducados e um bilhete que dizia: "Tu, que tiveste bastante espírito para decifrar a inscrição, sê meu herdeiro e faze melhor uso deste dinheiro do que eu".

Há fatos na vida real que nos fazem lembrar a narrativa de Le Sage. Do ponto-de-vista econômico, por exemplo, sem que as vezes nos apercebamos, eles ocorrem com a intensidade que escapa à própria ficção.

Hoje, com os meios de comunicação existentes à disposição de todos; na era de uma telecomunicação que já se aproxima do tecnicismo da cibernética, no confronto de atitudes que exigem raciocínio rápido para decisões instantâneas, há pessoas que continuam imitando o lerdo estudante exposto neste comentário.

Há não só os que não conseguem decifrar mensagens, mesmo quando apresentadas com regular clareza e há os que, desprezando todos os princípios de lógica e de inteligência, são incapazes de seguir qualquer caminho, por menos que seja seu desvio, desde que este saia do traçado trivial do dia-a-dia.

O pior, no entanto, não se constitui na sua incapacidade de discernimento e ação em prol da causa a que estão responsáveis.

Estes, jogando o mesmo jogo, com cartas idênticas e detendo os mesmos trunfos perdem os lances de jogadas decisivas. Ao verem-se derrotados na soma geral, ao em vez de sujeitarem-se ao princípio consagrado (a Cesar o que é de Cesar) de render honras ao vencedor, revoltam-se contra o êxito daqueles e pretendem-lhes retirar a vitória.

Sem dúvida, estes identificam o tipo do indivíduo que nivela por baixo. Seu raciocínio, curto, tem a dimensão da sua própria ação: escassa. Oxalá possamos ser sempre como o segundo dos estudantes de Le Sage. Argutos de raciocínio, rápidos de ação e honestos nos nossos empreendimentos globais, pois só assim seremos dignos de gerir os interesses daqueles que depositaram em nós a sua confiança. Achamos que quem tem pequena capacidade para gerir, não tem o direito de estrilar.

O RIGOROSO INVERNO DOS ESTADOS UNIDOS

O frio abateu-se com inconstância inaudita neste inverno norte americano. Temperaturas de até 34 graus abaixo de zero, as mais baixas dos últimos 90 anos, circularam do Artico para o Sul e do Ocidente para o Oriente através de toda a extensão do País, cobrindo de espessa neve as montanhas do Oeste e os estados do Norte.

Os ventos gelados cortaram as planícies centrais desde os Grandes Lagos até a Flórida, no Golfo do México, acumulando neve que interferiu na estrutura dos transportes e em todos os trabalhos expostos.

Paradoxalmente, enquanto as nevascas acumuladas interrompiam os transportes no Meio-Oeste, Leste e Sul, a seca na região Ocidental influenciou fortemente no comportamento dos preços das "commodities" agrícolas. Operações especulativas ligadas a situação do clima ajudaram a impulsionar os preços dos contratos futuros de cereais durante o mês de fevereiro e parte de março, quando este comentário foi redigido.

Na opinião unânime dos climatologistas, as baixas temperaturas no atual inverno nos Estados Unidos foram o resultado de uma mudança na direção dos ventos a grandes altitudes. Normalmente, esses ventos circulam do Artico para o Sul e avançam do Ocidente para o Oriente, através dos Estados Unidos. Mas este ano os ventos passaram a correr de Norte a Sul, voltando outra vez para o Norte e levando ar quente para o Alasca, Estado que — paradoxalmente — teve um inverno relativamente suave.

No Alasca, os ventos retrocederam de volta para o Sul, congelaram o Canadá e continuando em direção ao Leste das Montanhas Rochosas provocaram chuvas que inundaram os estados meridionais e orientais do País.

A explicação para o rigoroso inverno americano foi dada pelos climatologistas. Eles ainda não chegaram a uma conclusão definitiva sobre os motivos dessa mudança na direção dos ventos e do clima, mas Reid Bryson, diretor do Instituto de Estudos Ambientais da Universidade de Wisconsin, acha que o fenômeno é consequência de um acúmulo de pó vulcânico e da contaminação industrial na atmosfera, o que bloqueia o calor do sol e provoca resfriamento do Artico. Segundo Bryson, os vulcões têm estado em erupção na Indonésia, Filipinas, Japão, Alasca, e também na América Central com erupções em El Salvador, Costa Rica e Colômbia.

Tendo como preocupação fundamental o comportamento das safras, não há dúvida que esse inverno nevascoso e seco, como ocorreu com as regiões centrais (Iowa, Minnesota, Dakota do Sul e do Norte), foi excessivamente nervoso para os norte-americanos.

De qualquer forma, o USDA (Departamento de Agricultura) procurou tranquilizar através de relatório preliminar divulgado na primeira quinzena de fevereiro, intitulado "Situação Agrícola Mundial". Diz o USDA que a produção agrícola mundial — excluída a China — cresceu de 3% em 1976, e suas perspectivas são favoráveis para o corrente ano de 1977. Sendo assim, o comportamento do mercado de gêneros agrícolas, no mundo, ainda não se definiu.



PALHA DE TRIGO É BOA RAÇÃO ANIMAL

O grupo europeu Unilever desenvolveu uma tecnologia de transformação de palhas como a do trigo, da soja, arroz, aveia e milho, em alimentos com características nobres para engorde de animais, especialmente gado bovino, suínos e aves. A explicação para a boa qualidade das palhas na alimentação animal é que as mesmas são formadas por celulose e tem incrustações de lignina (elemento químico que impregna os componentes da madeira e lhe dá a sua consistência) em suas fibras, a qual é responsável pela rigidez. O processo descoberto pela Unilever, consistiu em destruir essa lignina através da aplicação de preparados químicos, liberando a celulose que passa a ser uma fonte de energia facilmente assimilável pelos animais, em especial os ruminantes.

A informação foi trazida para o COTRIJORNAL pelos sr. Valdiner Silveira Fagundes, operador de mercado internacional da COTRIEXPORT, que visitou o grupo Unilever, na Inglaterra, em companhia do sr. Werner



Wagner, diretor industrial da COTRIJORNAL.

O principal produto químico no processo de aproveitamento descoberto pela Unilever é a soda cáustica, que além de destruir a lignina, revelou em uma série de pesquisas não deixar resíduos tóxicos no alimento. Segundo os especialistas, as rações a base do novo processo são mais facilmente digeríveis, pois ficam levemente alcalinas.

Para nós, o aproveitamento dessas palhas como ração animal seria duplamente vantajoso, pois além de uma matéria-prima que é jogada fora atualmente, se evitaria que a mesma fosse queimada na lavoura, onde o fogo causa efeitos altamente danosos à integridade física do solo. Na foto vista parcial de uma fábrica, aparecendo fardos de palha para ser submetidos ao processo de ração.

PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DA SOJA NO MUNDO

Estudos elaborados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos mostram que, apesar de esse país ainda ser o maior produtor e exportador de soja do mundo, vem perdendo terreno, paulatinamente, principalmente para o Brasil. E além do Brasil, que vem crescendo mais acentuadamente, também a Argentina e o Paraguai somam índices de crescimento. A informação é do Boletim de Informações Econômicas Itaú, que afirma ainda que para o corrente ano de 1977 os Estados Unidos terão declínio de 18% em sua

produção, em confronto com a do ano passado.

Entretanto, a produção para este ano na Argentina, Brasil e Paraguai aumentará 73%, 17% e 18% respectivamente, em relação a 1976. Esse mesmo estudo mostra que a produção brasileira, tomando-se por base a estimativa para 1977, aumentou de 2.433% desde 1965. Durante o mesmo período a da Argentina aumentou 6.959%, a do Paraguai 1.567% e a dos Estados Unidos 78%. No que se refere às exportações os Estados Unidos venderão este ano 1% menos que em

1976, enquanto a Argentina e o Brasil exportarão mais 198% e 10%, respectivamente. As exportações do Paraguai se manterão inalteradas, ao redor de 120.000 toneladas.

As exportações brasileiras de soja em grão atingiram o total de 60.000 toneladas em 1965, aumentaram para 230.000 toneladas em 1970 e deverão chegar a 3,51 milhões de toneladas este ano. No quadro abaixo podemos ver a estimativa para 1977 da produção e exportação para os Estados Unidos, Brasil, Argentina e Paraguai:

EM 1.000 TONELADAS

PRODUTOR	GRÃO		FARELO	
	PRODUÇÃO	EXPORTAÇÃO	PRODUÇÃO	EXPORTAÇÃO
Estados Unidos	34.012	11.900	25.417	4.375
Brasil	13.350	3.510	9.796	5.130
Argentina	1.200	358	878	250
Paraguai	300	120	219	40

LIBERTE-SE DO FUMO!

Aumenta a cada dia a conscientização dos males que o fumo causa à saúde. Ainda a 10 de março que passou, uma cientista escocesa, a dra. Eilsen Crofton, proferiu palestra no plenário da Assembléia Legislativa gaúcha, para grande público constituído de médicos, estudantes de medicina e interessados. A dra. Eilsen ressaltou a necessidade de os países de todo o mundo "lutarem com todas as armas para acabar com o vício do fumo, que se alastra desde o feto através da mãe fumante, até a idade prolecta do indivíduo".

A luta contra o fumo, em termos mundiais, já é antiga. Por essa razão, a cada ano, milhões de pessoas deixam de fumar. De outro lado, começa a se ouvir de quase todos os que ainda fumam a promessa de que desejam deixar de fumar para melhorar a própria saúde.

Para estes últimos, damos algumas idéias consagradas sobre regras para deixar de fumar. Toda a movimentação para o êxito do empreendimento deve partir da convicção de que fumar é um comportamento adquirido, ou aprendido. Pois bem, se foi aprendido, pode perfeitamente ser desaprendido. O segredo está apenas em "querer" deixar; "querer" desaprender. Deixar de fumar é uma decisão pessoal, que ninguém pode tomar por você.

Os ingredientes básicos para se deixar o hábito são: Motivação. Encontre razões pessoais, fortes e importantes para "querer" deixar de fumar. Essas "razões" o ajudarão a reforçar sua decisão de parar.

Conhecimento — Tente compreender o que o cigarro provoca em você, para que possa encontrar substitutos e passar a dispensá-lo. Como pessoas diferentes fumam por diferentes razões, o que funciona para um pode não funcionar para outro.

Atitude — Considere a idéia de deixar como um acréscimo (como se estivesse atingindo um estágio superior de autocontrole e autoestima), em vez de encará-la como uma perda.

Prática — Depois de anos praticando fumar, você poderá agora praticar não fumar. Para aumentar as chances de sucesso, a sua razão para deixar deve ser baseada nos motivos pelos quais fuma. Alguns estudos psicológicos definiram seis papéis que o cigarro desempenha na vida das pessoas:

1. Estímulo — Para alguns ele fornece um impulso e ajuda a concentração no que se está fazendo. Esse tipo de fumante tende a fumar muito pela manhã, às vezes acendendo o primeiro ci-

garro no momento em que acorda. Como substitutivo para isto, deve-se tentar outros estimulantes, como um banho frio, uma rápida caminhada, respirar fundo ou alguns minutos de ginástica.

2. Manuseio — O cigarro fornece o pretexto para se manusear um objeto e para se ter o que fazer com as mãos e com a boca. Esses fumantes se distraem com o processo de tirar um cigarro, acendê-lo, senti-lo nos lábios, ver a fumaça e bater demoradamente a cinza ou apagar o toco.

3. Prazer — Para alguns, o cigarro é apenas um complemento a outras coisas boas e que ajuda a relaxar. Esses fumantes só costumam se lembrar do cigarro após uma refeição, depois de fazerem amor ou de ter completado uma tarefa. Normalmente não tem dificuldade em deixar o hábito, assim que aprendem a substituí-lo por outro tão agradável, mas menos perigoso.

4. Calmante — Para aliviar sensações desagradáveis, como a tensão, a ansiedade, a raiva, desapontamento, medo ou depressão. Tais fumantes tendem a acender seus cigarros quando as coisas estão indo mal ou quando se sentem pressionados. Para deixar o hábito, devem tentar enfrentar essas situações sem fumar — uma tarefa que, quase sempre, se revela muito mais fácil do que pode parecer.

5. Vício — Apenas para satisfazer uma terrível "vontade", que começa a se manifestar assim que o cigarro anterior é apagado no cinzeiro. Esse tipo de fumante tem de deixar numa só tacada — não pode cortar o vício aos poucos, porque cada cigarro simplesmente o reforça. Embora ache difícil deixar, esse fumante dificilmente recupera o vício, porque se lembra da agonia que experimentou e não quer passar por ela de novo.

6. Hábito — Uma reação quase automática, com pouca ou nenhuma consciência do que se está fazendo. Essa categoria de fumantes costuma acender um novo cigarro enquanto o outro continua queimando no cinzeiro, e consegue largar o hábito muito mais facilmente. Basta que se conscientize do hábito de fumar (fechando o maço com fita adesiva para dificultar abri-lo ou esquecendo-se proposadamente de comprar fósforo) e perguntar-se a cada vez: "Estou querendo mesmo fumar este cigarro?"

Cada fumante, portanto, deve descobrir seu próprio caminho para deixar. Para ajudá-lo, inúmeros macetes têm sido criados:

Primeira semana: Relacione as razões pelas quais quer deixar, enfatizando os efeitos positivos, e leia-as diariamente. Complete o autoteste. Envolve o maço com fita adesiva e papel. A cada vez que fumar, escreva a hora do dia, porque quis fumar, o que estava fazendo, como estava se sentindo e qual era a importância daquele cigarro para você (numa escala de 1 a 5, sendo 1 o mais importante). Depois embrulhe novamente o maço.

Segunda semana: Continue lendo a sua lista e acrescentando dados, se possível. Continue também embrulhando e colando o maço, para dificultar o ato de abri-lo, e registrando os dados acima. Não compre fósforos nem isqueiros, e mantenha o maço a alguma distância (nunca nos bolsos ou dentro de sua gaveta). A cada dia tente fumar menos cigarros do que no dia anterior, eliminando sistematicamente aqueles que julgou menos ou mais importantes, como preferir. Decida pela manhã com quantos cigarros poderá passar naquele dia e tente chegar o mais próximo possível do número que estabeleceu.

Terceira semana: Continue com as instruções da segunda semana. Além disso, nunca compre um novo maço antes de terminar o último, e de maneira alguma compre um pacote. Mude de marca duas vezes por semana, escolhendo a cada vez uma marca com menor índice de nicotina e alcatrão. Escolha uma época propícia e tente ficar sem fumar durante 48 horas. Se conseguir, tente outras 48.

Quarta semana: Mantenha as instruções acima. Aumente sua atividade física. Tente evitar situações intimamente associadas ao cigarro (por exemplo, levante-se imediatamente depois da refeição e faça alguma coisa que torne difícil fumar). Descubra temporariamente um substituto inofensivo (chiclé, biscoitos, palitos). Quando sentir vontade de fumar, faça um ligeiro exercício de respirar fundo: com o corpo relaxado, aspire profundamente, prenda a respiração, conte até cinco e então respire lentamente. Elabore um plano de ação para quando se sentir tentado durante outras atividades.

Muitos fumantes descobrem às vezes que precisam deixar várias vezes antes de serem completamente bem sucedidos. Portanto, se fracassar na primeira, ou mesmo na segunda e na terceira, não desanime. Tente outra vez. Se quiser realmente deixar o fumo, não há como não consegui-lo.

O CÂNCER PODE SER EVITADO

Câncer é uma palavra que gera temor. Todos sabem que é uma doença grave; mas nem todos sabem que o câncer pode ser evitado. E é isto que vamos explicar agora.

O conhecimento de um problema é o primeiro passo para a sua solução, além de contribuir para que sejam vencidos os temores que, muitas vezes, nos impedem de agir.

O que é o câncer? Câncer é a proliferação desordenada das células, que são os "tijolinhos" de que é feito o corpo humano. Nosso corpo se desenvolve de acordo com certas leis básicas; as células cancerosas, porém, crescem desordenadamente, prejudicando outros órgãos e se espalhando pelo organismo. Há órgãos mais propensos ao câncer, como o pulmão, por exemplo, em grande parte devido ao hábito de fumar. Na mulher, um dos tipos de câncer mais temíveis era o câncer de colo do útero. Dizemos "era", porque, no princípio deste século, com o advento de novos métodos de diagnóstico do câncer do útero, abriu-se um novo capítulo na medicina e na saúde pública.

Os médicos começaram a dirigir a atenção, estudos e pesquisas para as células existentes no conteúdo vaginal e oriundas do útero. Os trabalhos de pesquisa foram surgindo e, com eles, confirmou-se a grande importância prática do novo método, chamado colpocitologia, na descoberta do câncer do útero em suas fases mais iniciais, ou seja, diagnóstico precoce. Colpos, em grego, quer dizer útero, cito, quer dizer célula.

Foi um cientista grego chamado Papanicolaou, radicado nos Estados Unidos, quem deu maior impulso ao desenvolvimento e aperfeiçoamento do método (colpocitologia), que hoje permite ao médico realizar o diagnóstico precoce do câncer do útero. Com isto, a medicina já possuía meios de descobrir as lesões do útero num limite entre o que não é câncer e o que começa a sê-lo.

Paralelamente, já havia sido observado que as possibilidades de curar o câncer uterino eram maiores quando se descobria no início de sua instalação.

Qual a importância destas descobertas?

Todo câncer tem seu início em um período curto ou longo, durante o qual permanece estacionário, sem apresentar sintomas. Nesta fase é preciso descobri-lo para se conseguir a cura. As formas iniciais do câncer do útero curam-se em 100% dos casos, quando ele está bem localizado.

Estes exames são realizados sem nenhuma dor para a paciente e são muito simples. Retira-se um pouco da secreção vaginal para exame, pois a mesma contém células vindas do útero. Apesar disto, por incrível que pareça, nem 5% das mulheres no Brasil submetem-se aos exames, pelo menos uma vez por ano, até os 40 anos, e de seis em seis meses, após esta idade. Observa-se ainda a importância do exame de prevenção quando se sabe existirem lesões que precedem o câncer do útero e que servem como "aviso". Nestes casos, o tratamento evitará que surja o câncer, que atinge a mulher com maior frequência entre os 35 e 45 anos de idade.

Todas estas lesões podem ser descobertas pelos exames citados com 100% de cura, bastando a mulher realizá-los periodicamente.

Por isto, a Organização Mundial da Saúde rotulou esta enfermidade como doença controlável e até prevenível, devendo ser encarada como problema de saúde pública, se considerarmos o grande número de casos da moléstia em nosso País e os recursos de que dispomos para evitá-los ou curá-los, poupando, assim, grandes gastos e problemas sociais resultantes do tratamento dos casos mais avançados.

Em março de 1971, o Secretário da Saúde do Rio Grande do Sul, Jair Soares, determinou fossem procedidos estudos de viabilidade para inclusão da prevenção e controle do câncer cérvico-uterino como uma das metas da pasta da Saúde, com aprovação do então Governador do Estado, Euclides Triches, cuja administração teve como uma de suas marcantes características a sensibilidade aos problemas de Saúde Pública.

Ficou inserida, assim, na estrutura da Secretaria da Saúde, a Equipe de Prevenção e Controle do Câncer Ginecológico, com as atribuições de orientar o programa a ser realizado nesta área. Esta equipe entrou-se com o Programa Nacional de Controle do Câncer, encetado pelo Ministério da Saúde.

Assim, em janeiro de 1973, o Secretário Jair Soares recomendou a todas as candidatas a ingresso na função pública estadual, bem como as servidoras que recorrem à Perícia Médica a fim de obter licença para tratamento de saúde, realizassem os exames clínicos preventivos para controle do câncer cérvico-uterino.

Este programa está aberto a todas as mulheres que procuram as Unidades Sanitárias da Secretaria. O exame é rápido, indolor e inteiramente gratuito. Além disso, a Secretaria da Saúde desenvolve programas de Educação para a Saúde, onde procura alertar a mulher sobre a moléstia e conscientizá-la dos grandes benefícios que ela poderá obter realizando periodicamente os exames clínicos preventivos.

Esta ação educativa deve atingir, em princípio, todas as camadas sócio-econômicas e ter como lema fundamental: educar, sensibilizar e motivar, sem alarmar.

No Rio Grande do Sul, além da Secretaria da Saúde, com suas Unidades Sanitárias espalhadas por todo o Estado, diversas entidades particulares lutam contra o câncer, como a Liga Feminina de Combate ao Câncer, Associação Sulriograndense de Combate ao Câncer, Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, Hospital Santa Rita e outros. (Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul).

MAÇONARIA PELOTENSE E HIPÓLITO DA COSTA

Por ocasião da passagem do 203º aniversário de nascimento de Hipólito José da Costa, Patrono do Jornalismo brasileiro, a 25 de março último, tendo por local o templo da Loja Simbólica Fraternidade nº 3, a maçonaria de Pelotas prestou homenagem à memória daquele vulto insigne da história da Pátria.

A homenagem, programada e patrocinada pela Loja Hipólito da Costa, constou de palestra proferida pelo editor do COTRIJORNAL, Raul Quevedo, em sessão branca, a qual compareceram além dos obreiros da Loja e de comissão vinda de Porto Alegre, autoridades civis e militares, professores e alunos de faculdades locais.

Damos, a seguir, uma síntese da conferência:

Quando D. Manuel Lobo estabeleceu os alicerces da cidadela do Sacramento, num frontal desafio à hegemonia espanhola na região do Rio da Prata, começava a forjar a ténpera guerreira de hispanos-lusos e brasileiros; ténpera essa que é reconhecida hoje nos melhores tratados de analogia bélica, mas é, principalmente, visível na altivez máscula de gaúchos naturais das fronteiras que dividem os três países do Prata: Brasil, Argentina e Uruguai.

Desde sua fundação em 1680, sob bandeira portuguesa, até a sua conquista definitiva pela Espanha, em 1777, transcorreram 97 anos de guerras contínuas. E o baluarte passou de mão em mão, sepultando milhares de soldados de ambas as bandeiras em confronto, nos escombros da praça de guerra. O sangue dos guerreiros abatidos tingiram de vermelho a metade esquerda do Rio da Prata, por todo aquele século de lutas.

Com razão, os castelhanos consideram a sua "Colônia del Sacramento", tão ou mais importante do que o foi para a Europa, o estreito de Gibraltar.

Sem dúvida, Sacramento — hoje República Oriental do Uruguai — é uma terra com vocação de história.

Foi ali que o navegador Diaz de Solis fez seu trágico desembarque na América. Em frente às suas costas, tendo como espelho de fundo as águas do caudaloso Rio da Prata, desenrolaram-se os combates mais heróicos dos séculos XVII e XVIII. Com Sacramento começou o contrabando de couro e de gado, o que, entre outras consequências, favoreceu o desenvolvimento de Buenos Aires e da própria Argentina. Foi também da Colônia que os portugueses planejaram a fundação de Montevidéu.

Do ponto de vista da formação nativista dos povos que habitam hoje esta parte do mundo, pode-se dizer que a Colônia influenciou o espírito e a vocação independentista dos povos sul-americanos.

Foi graças a Sacramento e a resistência mantida pelos milhares de defensores portugueses e brasileiros que ali tombaram — escrevendo a mais empolgante página da história americana — que tivemos condições de manter nossas fronteiras às margens do arroio Chuí.

Pois enquanto seus defensores continham os espanhóis na tentativa de conquista da cidadela heróica, os brasileiros fortaleciam os fortes do São Gonçalo (Pelotas); Jesus Mana-

José (Rio Pardo) e São Martinho, em Bagé, mantendo assim a integridade do território que no futuro viria a se constituir em parte integrante da grande Pátria brasileira.

Após 97 anos de lutas, os reis de Portugal e de Espanha assinaram o Tratado de Santo Ildefonso, em 1777, pondo fim a uma guerra de quase um século. Preceituava o Tratado, que aos portugueses caberia a posse dos territórios Missionários e aos espanhóis, a posse da Colônia do Sacramento. Fez-se, assim, a paz.

Três anos antes, a 25 de março de 1774, nascera naquela praça de guerra talvez a personalidade mais ilustre de quantas tenham vindo ao mundo, durante toda a existência da Colônia. Chamava-se o menino, Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, que viria a ser, no futuro, jornalista emérito, fundador e depois patrono dos jornalistas brasileiros.

Filho de Félix da Costa Furtado de Mendonça e dona Ana Josefa Pereira, ele de Saquarema, Rio de Janeiro, e ela da própria Colônia, Com a paz, fixaram-se em Pelotas. Hipólito viveu em Pelotas dos três aos 18 anos, quando foi mandado para Coimbra, com a finalidade de licenciar-se em leis. Foi o primeiro gaúcho a formar-se em Coimbra.

Na vetusta universidade coimbrã, aos 24 anos de idade recebe com o diploma, uma missão de D. Rodrigo de Souza Coutinho, Ministro da Marinha e Ultramar. Tem a missão o fim de realizar estudos nos Estados Unidos, para descobrir cultivos aclimatáveis ao Brasil. Sua missão é exitosa, pois em certo sentido o brasileiro excede os encargos que lhe foram colocados por D. Rodrigo.

Durante sua estada nos EUA, talvez sob a influência dos ventos de liberdade que sopravam na terra de George Washington, é convidado e aceita iniciar-se na Maçonaria, o que ocorre em Filadélfia, na Loja que tem por patrono o próprio fundador da República norte-americana. Esse fato marcou a transição em sua vida, sendo o responsável pelas perseguições que passou a sofrer, em sua volta para Portugal.

Incumbido de nova missão no estrangeiro, desta vez na Inglaterra, a serviço da Imprensa Régia, torna-se amigo, em Londres, de Francisco Miranda, maçom e um dos precursores da independência hispano-americana, em cuja residência funcionava a Loja "Gran Reunión Americana", matriz das Lojas "Lautaro" de Cadiz e Buenos Aires.

Regressa a Portugal e é preso pela Inquisição. O fato ocorre em 1802. Governa Portugal D. Maria I — a louca — clerical fanática e que tem no seu chefe de polícia — Pina Manique — um servidor fiel de igual fanatismo religioso, um perseguidor implacável de todas as idéias novas.

Durante três anos, Hipólito sofre os horrores da Inquisição.

Em 1805, com o auxílio da Maçonaria Inglesa, através do Duque de Sussex, filho do rei George III, conseguiu evadir-se. Os horrores que sofreu no cárcere durante três anos, estão registrados no livro que escreveu, intitulado Relato da Perseguição e Prisão pelo Santo Ofício.

Em 1805 estava em Londres, e desta vez, definitivamente. Ganhava a

vida como tradutor.

Três anos depois, em 1808, lança o Correio Braziliense, transformando-se no fundador da imprensa brasileira e criador da imprensa política em língua portuguesa.

O jornal de Hipólito da Costa, inspirado pelos ideais de democracia, cujos ventos sopravam na liberal Inglaterra, constituiu-se desde seus primeiros números no libelo acusador da política sórdida praticada por Portugal, na sua colônia americana.

Durante 13 anos, de 1808 a 1822, Hipólito foi inflexível em seus ideais de liberdade, que pregava através das páginas do valoroso mensário. Mas não defendia apenas a auto-determinação para o Brasil; pregava a abolição da escravatura, a interiorização da Capital para o Planalto, exatamente conforme se concretizou 150 anos após.

É importante ressaltar, que a princípio, sua pregação libertária para o Brasil, não caracterizava um espírito belicoso de rebeldia a Portugal; mas um apelo à compreensão do Reino para que cedesse em prol dos ideais dos brasileiros. Só muito mais tarde, quando constatou a má vontade e mesmo a persistência do espírito rapineiro da metrópole em relação à Colônia, é que mudou de idéia, passando então a pregar a libertação pela força das armas.

E por que o Correio Braziliense parou de circular em 1822?

Ele mesmo responde no editorial da última edição, que circulou em dezembro daquele ano: "Os acontecimentos últimos no Brasil fazem desnecessário ao redator o encarregar-se da tarefa de recolher novidades estrangeiras para o meu país, quando a liberdade de imprensa nele e as muitas gazetas que se publicam nas suas principais cidades, escusam este trabalho antes tão necessário. O "Correio" deixará, pois, de circular mensalmente".

Hipólito da Costa faleceu na capital inglesa a 11 de setembro de 1823, menos de um ano após haver interrompido a circulação do Correio Braziliense.

Em seu túmulo, no interior de uma igreja dedicada à Santa Maria Virgem, erguida há séculos, em Hurlley, no condado de Berkshire, próximo a Londres, lê-se este epitáfio mandado colocar por seu grande amigo, o Duque de Sussex, filho do rei George III da Inglaterra:

"Aqui jaz um homem não menos distinto pelo vigor do espírito e proficiência científica e literária do que pela inteireza de caráter e atitudes.

Era descendente de uma nobre família do Brasil. Neste país (Inglaterra) ele residiu nos últimos 18 anos e daqui, por seus inúmeros e valiosos escritos, difundiu entre os habitantes daquele Império (Brasil) um gosto pelos conhecimentos, afeição pelas artes — as quais embelezam a vida — e um amor à liberdade constitucional fundada na obediência a sábias leis e aos princípios de mútuo respeito e boa convivência".

E logo abaixo, arrematando o epitáfio: "Um amigo que o conheceu e admirou suas virtudes o tem lembrado para proveito da posteridade". Esse amigo foi o Duque de Sussex.

DIVULGAÇÃO DO COOPERATIVISMO

Considerando que apesar do cooperativismo ser difundido no Brasil há pelo menos 75 anos, continua pouco difundido entre a população brasileira, o jornalista José Vieira da Cunha, presidente da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre — COO-JORNAL — propôs perante o plenário do 4º Seminário Gaúcho de Cooperativismo, realizado de 16 a 18 de março último, na cidade de Gramado, que seja lançada uma campanha permanente de divulgação do sistema em todo o País.

A campanha proposta pelo jornalista Vieira da Cunha propõe "Uma ampla divulgação do cooperativismo no Brasil, a ser

desenvolvida em conjunto pelas entidades máximas do cooperativismo nacional, usando-se para isso todos os meios de divulgação possíveis, como jornais, rádio-emissoras e televisão; além de cartazes, boletins, seminários, manuais, audio-visuais, etc.

Como justificativa para a propositura, disse Vieira da Cunha que uma simples pesquisa que fosse realizada junto à classe jornalística do País tendo como tema principal o cooperativismo, revelaria um desconhecimento quase que total da questão. Daí, enfatizou, a importância que terá para o sistema, uma ampla divulgação. A proposição foi aprovada pelo plenário, sem restrições.

SINDICATO DE PORTO ALEGRE ELEGU NOVA DIRETORIA

O Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre promoveu eleições para renovação de sua diretoria, conselho fiscal e delegados representantes junto à Federação Nacional. O resultado do pleito, que se promoveu nos dias 15 e 16 de março que passou, indicou como cabeça de chapa, portanto para a presidência, o nome do jornalista Antônio Manoel de Oliveira, do quadro de profissionais do jornal "Zero Hora" de Porto Alegre. Para a primeira e segunda vice-presidência foram eleitos Ruy Carlos Ostermann (Caldas Júnior) e Luiz Cláudio Fontoura da Cunha (Editora Abril). Os secretários são Jorge Olavo de Carvalho Leite (Folha da Tarde) e Rosvita Sauressig Laux (Coojornal), sendo a tesou-

raria ocupada por Carlos Fernando Karnas (Zero Hora) e Maria Lara Rech Kasper (Folha da Manhã).

Os suplentes da diretoria são: Jair Cunha Filho, Tomás Irineu Pereira, Mário Marcos de Souza, Floriano Corrêa, Ricardo de Leoni Chaves, Alberto Serrano e Renato Pinto da Silva. Conselho fiscal, titulares: João Batista de Melo Filho, Luiz Figueiredo e Vilmo Medeiros. Suplentes: Antonio Carlos Holthfeldt, Darcy Silva Dias e Valdir Barbosa Paz. Foram eleitos delegados junto à Federação João Borges de Souza, presidente que cumpriu o mandato e Antonio Firmo Gonzales. Suplentes: Lucídio Castelo Branco e Antonio Carlos Porto.



Solenidade de inauguração da rua Hipólito José da Costa em Ijuí, a 25 de março de 1976, com a participação da Banda Municipal Carlos Gomes.

JOÃO DA SILVA E A HISTÓRIA DO BRASIL

Raul QUEVEDO

Assunto para entusiasmar o João da Silva era os de conotação histórica. Era pegar o filho a jeito, e dêle história, dêle história. E não é que o sapeca do menino gostava da eterna peroração do velho?

— Pai, como foi mesmo a frase do Duque de Caxias na Passagem do Ipororó? Bartolomeu Bueno da Silva, foi o Anhangüera pai ou filho? Como era o nome por extenso de Olavo Bilac? Por que Hipólito José da Costa, o patrono da imprensa, é brasileiro, mesmo tendo nascido na Colônia do Sacramento, que é território uruguaio?

O velho se esforçava exorcizando a mente para responder ao filho, pois acreditava sinceramente que do conhecimento da História dependia, por extensão, o domínio de todos os demais conhecimentos.

Os vizinhos, menos preocupados pela formação cultural dos filhos, troçavam do velho João, de quem diziam que tinha decorado todos os almanaques e "seletas" já editados no Brasil.

Porém, fosse ou não cultura de almanaque, a verdade é que dava gosto ouvi-lo falando sobre os fatos da nossa história. E mais

do que o lustro cultural que demonstrava, impressionava pelo calor da retórica aos relatos, preferidos às vezes em tom de verso popular:

Nos idos de 35,
Prós lados de Piratini
O entrechoque de dois tauras:
Bento Gonçalves, Onofre Pires.

Do Descobrimento às Bandeiras, da Colônia ao Segundo Império; da República Velha às origens do Estado Novo, do Gabinete Parlamentarista ao Ato Institucional nº 5, tudo João da Silva conhecia e os relatava com gesto e pompa de experimentado professor de história.

Empostando a voz, dando-lhe um tom de quase declamação analisava as origens étnicas do povo brasileiro, com seus 450 anos de civilização européia.

— É, corre nas veias do povo brasileiro o sangue heróico dos conquistadores lusitanos, mesclado com o venturoso sangue flamengo da eterna Holanda. E a França, então. A inteligência brasileira está eivada do espírito liberal filosófico dos enciclopedistas, cujo facho luminoso passou a dignificar o mundo a partir da Renascença.

E completava.

— O Brasil, filho, é a velha e liberal Europa trasladada para este novo mundo que é nosso grande e futuroso País.

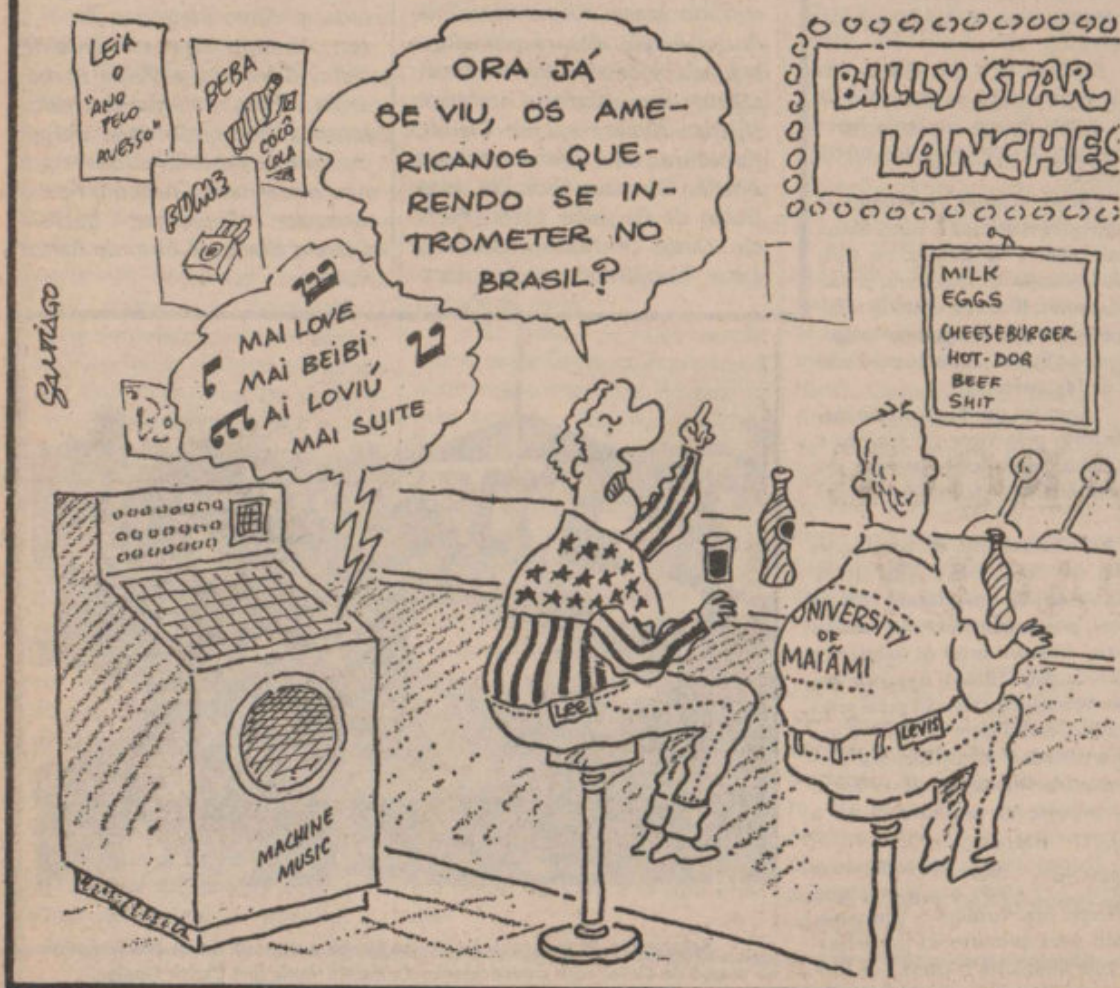
Um dia o menino resolveu pedir detalhes sobre questões sedimentadas há tempos como dúvidas em seu cérebro.

— Pai! O senhor fala sempre tão bonito da história do nosso País. São séculos e séculos de civilização européia; é a audácia incomparável dos conquistadores lusos, a intrepidez heróica da Holanda, a cultura da França, as artes da Itália, a ciência da Alemanha e já não sei mais o que. Responda, que povo é este meu pai, para o qual bastaram algumas centenas de filmes de "cow-boy", de fitas "cassette", de chicle de bola, calças "Lee" e coca-cola, para que todo esse cabedal fantástico de cultura fosse desprezado em prol da cultura norte-americana?

O velho pensou, pensou, pensou. Pigarreou, ensaiou um argumento e calou terrivelmente encabulado.

Hoje, seus vizinhos são unânimes em afirmar que o João da Silva perdeu o gosto pela História da Pátria. Não há quem consiga retirá-lo da própria mudez.

Santiago



SOBE...

Luis Fernando VERISSIMO

Quem já andou nos elevadores de uma grande loja de departamentos conhece a rotina do cabineiro. Além de abrir as portas, dizer se sobe ou se desce e avisar para ninguém tropeçar no desnível, o ascensorista de loja faz uma espécie de resumo do andar.

— Quinto andar. Artigos de cama e mesa, acessórios para o banho, papel de parede, bijouteria, prensas hidráulicas. Sobem...

O tom deve ser sempre o mesmo, emocionalmente neutro. A voz pausada, as palavras bem enunciadas. Mesmo nas emergências. Como quando o elevador se despenca.

— Caindo...

Ou então.

— Sétimo andar. Fumaça. Incêndio. Desce...

Um cabineiro que passa anos trabalhando num "magazine" deve ter dificuldade para se livrar da rotina quando vai comandar o elevador de outro prédio. O de um hospital, por exemplo.

— Terceiro andar. Maternidade. Meninos. Meninas. Cesarianas. Prematuros, Gêmeos. Sobem...

Quarto andar. Cirurgia. Apêndices, visículas, quistos...

Ou no prédio de uma repartição policial.

— Sexto andar. Defraudações. Vigarice, apropriações indébitas, desfalques...

— Para o térreo, rápido. Eu estou fugindo.

— O outro elevador, por gentileza, cavalheiro. Este está subindo. Sobem...

Numa instituição para doentes mentais:

— Quinto andar. Napoleões...

Imagine o nosso ascensorista num daqueles edifícios no centro da cidade com 40 salas por andar.

— Décimo segundo. Advogados, dentistas, despachantes, receptadores, gravação e plastificação na hora, salões de beleza (um suspeito) lanches, agência de empregos, quiromancia, Lee contrabandeada, fotos artísticas...

— Chega!

— Subindo...

Às vezes há as surpresas.

— Décimo terceiro andar. Estranho. Desce.

— Estranho por que?

— Este edifício é de doze.

A rotina deve perseguir o cabineiro até fora do trabalho.

— Entrando num ônibus. Cuidado a porta, por gentileza, há lugares. Pagando. Sentando.

— A minha parada. Descendo.

— Bar da esquina. Seu Manoel, Balcão de fórmica. Um desconhecido tomando cerveja. Mesas vazias. Comprando cigarro.

— Minha casa. Mulher, três filhos, sogra, televisão ligada, novela, jantar atrasado outra vez. Entrando. Atenção a porta.

E os sonhos do ascensorista?

— Sétimo subsolo. Chamas, enxofre, tridentes, diabos, diabetes, almas condenadas. Sobem...

Os cabineiros são uma raça em extinção. Mesmo nos magazines, podem ser substituídos por uma voz gravada.

— Quinto andar. Aparelhos de som, fitas, discos, gravado-vadô-vadô-vadô-vadô-vadô...

Não será a mesma coisa.

SOLTOS A PAU, MORTOS A BALA



O crime programado para Foz do Iguaçu foi evitado, com excelente repercussão para nosso País tanto interna quanto externamente. Mas enquanto era exitosa a campanha da imprensa, com os aplausos da opinião pública, coibindo o banho-de-sangue de Foz do Iguaçu, aqui perto de nós, na zona colonial italiana, era praticado o hediondo crime. Alguns indivíduos de Caxias do Sul, dando vasa aos seus instintos bestiais, abate-ram mais de mil pombos, num desrespeito total à

natureza e oferecendo um mau exemplo à juventude. A foto que ilustra este texto, publicada em Zero Hora, mostra bem o espírito maquiavélico dos organizadores e executores do triste espetáculo. Os pombos são enxotados a pau de viveiros (celas da morte) para o vôo da morte. Assim que conseguem tomar altura regular, são abatidos inapelavelmente por atiradores treinados, que usam armas potentes para a ação predatória. Até quando isso vai continuar?

REFLORESTAMENTO: E OS INCENTIVOS?

Falando durante o Encontro Regional Sobre Conservação da Fauna e Recursos Faunísticos, realizado no início de março em Porto Alegre, o naturalista José Lutzenberger salientou que o Governo se preocupa muito em incentivar a concentração econômica e esquece de preservar mais a natureza.

Lutzenberger referiu-se à legislação referente ao incentivo ao reflorestamento, salientando que as grandes empresas recebem incentivos para plantar eucaliptos e

outras essências com características industriais, com dinheiro que sai do povo. Mas ele acha que o País necessita é de essências nativas em maior quantidade. Pergunta por que o Governo não incentiva os colonos a reflorestar, pois a área cultivada por estes podem ser florestas secundárias.

Se é justo que o empresário seja incentivado financeiramente a plantar árvores por que não estender esse incentivo ao proprietário rural como pessoa física? Pergunta o naturalista.

LINGUIÇARIA NO PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU?

Em nossa edição correspondente ao mês de março destacamos denúncia feita pelo Jornal do Brasil, segundo a qual um restaurante em Aracaju, capital de Sergipe, estimula a caça predatória ao servir pratos a base de caça, corroborando assim para destruir a fauna. Agora destacamos denúncia de outro jornal do centro do País — o Estado de

S. Paulo — que alerta sobre a existência de caça clandestina no interior do Parque Nacional do Iguaçu.

O jornal chama a atenção para o diretor do Parque, Adilson Simão, que aconselha a todos a comer carne de paca, "pois é muito bom".

Há denúncia também de que no interior da reserva exista

uma fábrica de linguiça que utiliza carne silvestre, o que, se for confirmado, é da mais extrema gravidade, diz o jornal paulista.

O Parque Nacional do Iguaçu, uma das poucas reservas florestais do Brasil abrange áreas de vários municípios do oeste do Paraná. Faz divisa com a Argentina ao longo do rio Iguaçu.

ARNOLD TOYNBEE E A MAGIA DO SEU GÊNIO

Após uma existência de 86 anos, morreu em 22 de outubro de 1975, o historiador e humanista inglês, Arnold Toynbee, deixando um elevado número de obras inéditas. Por um desses mistérios que é a sabedoria humana, morreu apenas o físico, a matéria, pois seu gênio continua tão vivo e atual como quando o espírito coabitava com o corpo. Tal é o raciocínio que se pode fazer analisando o sucesso de seu livro "Mankind and Mother Earth, publicado simultaneamente em Londres e Nova Iorque, pela Universidade de Oxford.

No livro, espécie de diálogo com o mundo e a presença do homem como ser superior na superfície da Terra, Toynbee não altera em nada seus pontos-de-vista, mas coloca a ecologia como um problema central do desenvolvimento ou como a destruição da humanidade.

O "Jornal do Brasil" publicou há tempos importante matéria onde destacou a preocupação de Toynbee em relação ao seu mundo; ao mundo dos seus semelhantes, que ele amava a despeito da absoluta restrição que fazia a propósito do intelecto da absoluta maioria.

No livro em foco, Arnold Toynbee, o mais genial historiador de nosso século, chega a uma terrível conclusão: usando a ecologia, tão em moda como tema, o autor afirma que "o homem, a criança da mãe da Mãe Terra, não terá condições de sobreviver ao crime do matricídio, caso venha a cometê-lo. A penalidade para esse crime será a sua própria aniquilação". Toynbee chega a essa conclusão no fim, quando descreve como "compreensão da História da Humanidade em forma de narração", uma visão integral da História do Homem na superfície da Mãe Terra, já vivendo praticamente em agonia. Foi essa a última advertência do fabuloso escritor inglês.

A Terra vista da ionosfera em foto tirada por satélite, dá idéia da insignificância do nosso planeta perante a imensidão dos mundos. Toynbee tinha plena consciência disso. Dai o seu temor. E nós, estaremos devidamente conscientizados para essa realidade? Somos apenas terráqueos. Quer dizer: aconteça o que acontecer, a Terra será sempre a nossa morada; para a paz ou para a guerra, para a felicidade ou infelicidade, para a vida ou para a morte.

Nossos sentidos, nossos órgãos globais, foram feitos para gozarmos as delícias ou suportar as vicissitudes do clima e dos condicionamentos vigentes sobre a Terra. Pense nisso antes de poluir...



A DOMA

Segundo JOÃO DO SUL

Quieto. Estático. As patas separadas ao máximo do corpo, que mantém-se retesado com a rigidez do cedro centenário.

O lombo levemente arqueado, provocando forte pressão de ar na barrigueira, na intenção clara – porém infrutífera – de rebentar a cincha incômoda.

Assim fica o baçal no momento que precede a primeira monta. Se respira, não se ouve; se o sangue corre nas veias, não se vê.

Tudo é silêncio. É expectativa.

As ventas escancaradas sopram golfadas de espuma branca que se decompõem em seguida, ao contato com o ar aquecido da manhã primaveril. A boca entreaberta mostra duas fileiras de dentes fortes, que mordem com raiva o bocal do freio.

Ao grito de "larga"! Como se atingido fosse por poderosa descarga elétrica, o animal estremece. Hesitante, não sabe se corre, ensaia o corcovo ou simplesmente anda à volta. Numa imagem singela pode-se dizer que é um bólido em potencial, a espera da definição.

Súbito, arranca!

Um urro lancinante escapa-lhe dos confins do corpo, provocando ecos sucessivos pelas canchadas da serra que cruza ao longe, demarcando a extensão do campo.

E parte.

Orelhas em pé, bem na vertical, como se quisesse ouvir tudo o que se passa ao redor, até a um quilômetro de distância. O pescoço – crina esvoaçante – retesado num ângulo de 90 graus, indica o objetivo claro do animal de obter o domínio total das rédeas, que o ginete, a muito custo, consegue manter à altura conveniente.

O chão estremece sob o ribombar dos golpes, enquanto chispas provocadas pela fricção dos cascos provocam labaredas na extremidade felpuda da cauda do fegoso pingo...

É um picaço de bela estampa. E que valentia, Deus meu.

Aos "mangaços" desferidos com mestria e regularidade pelo ginete, que mais parece uma pluma ao sabor do vento sobre o lombo do bicho, o baçal responde cada vez com maior fúria e arrojo.

É o ginete querendo manter-se a cavaleiro sobre o lombo fegoso do baçal e este fazendo uso de toda a força e valentia para lançá-lo fora.

É a porfia de dois tauras; dois turunas, como diziam os gaúchos velhos do tempo dos Farrapos. Um bípede, outro quadrúpede, e cada qual no afã de desempenhar seu papel, no sensacional espetáculo da doma.



O CIRIO DE NAZARÉ

"Olhe compadre, nem quero lhe contar a triste sina deste meu barco a vela feito de tala de miriti. Eu trouxe ele mas foi pra colocar no Carro dos Milagres. Promessa feita e jurada ao pé da imagem de Nossa Senhora do Retiro, na noite de lua cheia, três noites depois do medonho temporal.

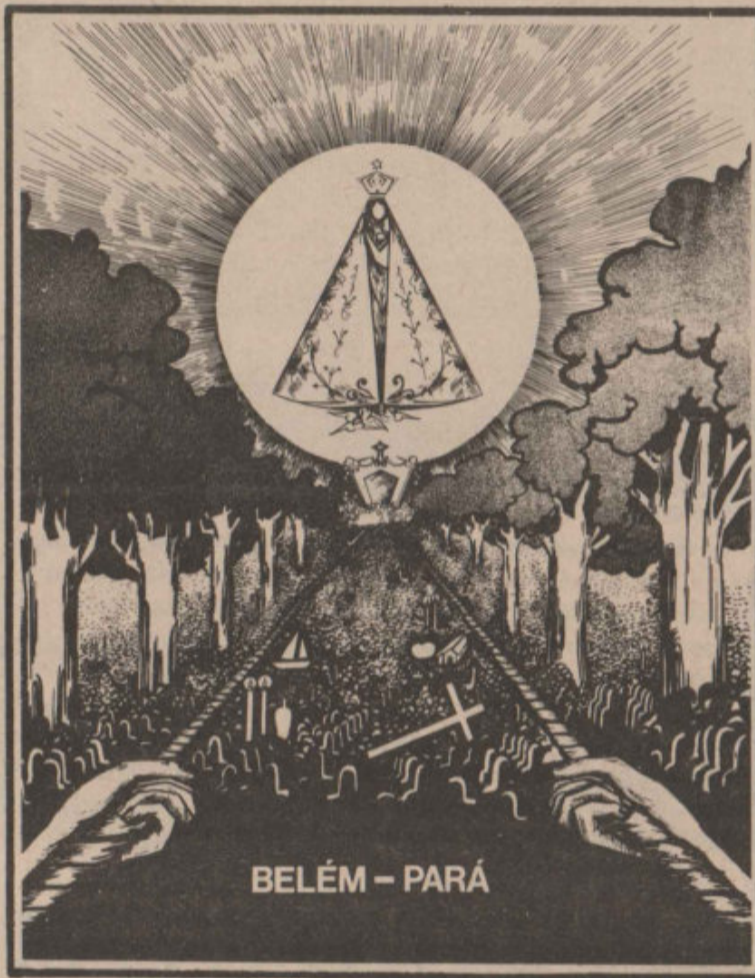
Tive que correr terra – o senhor pensa – pra cumprir dita promessa. E trazer com minhas próprias mãos esta veleira copiada da finada canoa que o vento e a água reduziram a fanico na contracosta da baía do Marajó. Só este criado seu escapou são e salvo por obra e graça de Deus e Nossa Senhora do Nazaré".

É Benedicto Monteiro em Carro dos Milagres, contando as aventuras e desventuras de um pagador-de-promessas, cujo enredo passa-se na festa religiosa máxima de Belém – o Cirio de Nazaré.

Dos fastos do Nordeste brasileiro, o Cirio, como festa popular, apesar do aval religioso, é o que mais de perto toca a sensibilidade do povo. É, portanto, folclore. O povo acompanha o Cirio em prantos, sorrindo, cantando, lamuriando. E anda de quatro, de cócoras, arrastando-se, vai sobre os joelhos que sangram abundantemente sobre o asfalto. Outros, felizes, apenas

rezam. Mas ninguém fica indiferente. A "Corda" é um espetáculo a parte na procissão do Cirio. Há duas cordas. A dos homens e das mulheres. Mas qualquer que seja convidado a acom-

panhar o Cirio no interior da Corda, significa a maior honra que lhe possa conceder. O Cirio de Nazaré realiza-se anualmente no segundo domingo de outubro em Belém.



FEPLAM RADIOFONISOU SIMÕES LOPES NETO

Numa produção de Victor Hugo Recondo, a FEPLAM levou ao ar em dez programas, o patrono do tradicionalismo: João Simões Lopes Neto. Foi a radiofoniação do moderno regionalismo gaúcho, através dos Contos Gauchescos e as Lendas do Sul, que esteve no ar dando prosseguimento à programação de verão do Projeto Minerva.

Contos e Lendas Gauchescas foi o título da série que foi ao ar diariamente durante a segunda quinzena do mês de março, numa cadeia de rádio-emissoras do Rio Grande do Sul. A série de dez programas basearam-se nos seguintes temas de Simões Lopes Neto: Blau Nunes, Artigos de Fé do Gaúcho, Batendo Orelha, O Negrinho do Pastoreio, Boitatá = a Cobra de Fogo, Salamanca do Jarau, Menino

do Presépio, Chasque do Imperador, O Anjo da Vitória, Trezentas Onças, Correr da Eguada e Duelo de Farrapos

SINTESE BIOGRÁFICA DO ESCRITOR

João Simões Lopes Neto, a figura exponencial do moderno regionalismo gaúcho, nasceu em Pelotas a 9 de março de 1865, falecendo na mesma cidade a 14 de junho de 1916. Frequentou o Colégio Abílio, no Rio de Janeiro e mais tarde a Faculdade Nacional de Medicina, tendo abandonado o curso no 3º ano, por motivos de saúde.

Em 1882 regressou a Pelotas, onde viveu o resto de sua vida, excetuadas as longas viagens que empreendeu pelo interior da província, em busca de subsídios

para suas crônicas e contos gauchescos.

Lecionou português e francês na Escola de Comércio de Pelotas, onde foi redator da "Opinião Pública" e exerceu inúmeras outras atividades como burocrata e industrialista.

Seus contos, sempre vazados numa puríssima linguagem campeira, revelaram um de nossos prosadores da maior sensibilidade e um regionalista tão espontâneo que amplia cada vez mais a sua receptividade. Estreou em 1910 com o Cancioneiro Guasca, que alcançou três edições. Em 1912 escreveu Contos Gauchescos e, em 1913, Lendas do Sul. Outras obras suas são Casos do Romualdo, Educação Cívica, Pedras, além de duas comédias teatrais: Boatos e Bacharéis e Viúva Pitorra, publicadas em folhetim (rodapé) na "Opinião Pública".

A BOMBACHA DESMORALIZADA



O gaúcho foi sempre muito cioso da sua bombacha. A bombacha geralmente enfeitada com botões dourados e até fitas coloridas, a bota cano-de-fole, o chapéu de barbicacho e o lenço esvoaçante ao pescoço. Mas esta era a figura domingueira do gaúcho para visitar a prenda, para os bailes e festas de carreirada. No dia a dia, sua indumentária era bem mais simples. Constava de bota de garrão de potro, camisa de riscado resistente e à guisa de bombacha, o chiripá. Quanto ao chiripá, este é usado hoje por nossos tradicionalistas nos clubes de CTG. E a bombacha, esta acaba de ser transformada em indumentária feminina pela moda internacional, no que não deixa de se constituir numa desmoralização para o gaúcho... Depois desta, gaúcho que é "bão" mesmo não usa bombacha.

A INJUSTA COMPARAÇÃO DOS ANIMAIS AO HOMEM

Ao ilustrar uma das últimas conferências para o desarmamento, o chargista de publicação internacional inspirou-se no costume de ver no homem um animal feroz e irreconciliável, em face de si e de seus semelhantes. Nós achamos que a comparação é infeliz e não tem amparo na realidade. Dizer que o homem é uma fera pode ter conotação com a realidade apenas no sentido de identificar o animal faminto ou acuado como caça, pelo próprio homem, seu implacável perseguidor e exterminador. Porém se considerarmos os animais no seu habitat natural; amando-se, protegendo-se mutuamente e cuidando de seus filhotes com o instinto benfazejo dos puros de coração, então não há dúvida que é o homem o mais perigoso e vingativo dos animais. O homem é o único animal que extermina sua própria espécie; também é o único que adota a morte como esporte predileto, usando uma tecnologia cada vez melhor elaborada. É fácil constatar que se o homem deixasse de existir na superfície da Terra e nesta ficassem apenas os irracionais, desapareceria praticamente todo o sofrimento. Na página "Ambiente" desta edição, sob o



título Soltos a pau, mortos a bala, onde relatamos o dantesco "esporte" do tiro ao pombo realizado no antigo Campo dos Bugres, pode visualizar-se uma par-

cela do hediondo sofrimento causado pela estupidez humana, num tenebroso crime contra a natureza que é apelidado de esporte.

CORTADORAS DE GRAMA SOBRE QUATRO PATAS

Aproveitando o costume europeu de manter um jardim na residência, uma estudante em Bonn - Alemanha Ocidental - descobriu original maneira de ganhar dinheiro. Ela aluga suas ovelhas por temporada como "cortadoras de grama". Seus clientes são proprietários de jardins, repartições públicas e administrações de aeroportos. A jovem (foto) Anette van Dorp, estudante de agronomia, tem lucro dobrado. De um lado, ganha 20 marcos por cabeça por temporada e de outro recebe as ovelhas gordas e prontas para serem vendidas aos frigoríficos. O sucesso do empreendimento foi tanto que ela acaba de criar uma empresa especializada em corte de grama ao vivo, sobre quatro pernas. O nome da empresa é "Rent a Sheep".



PALETÓ E GRAVATA?

Durante os dias mais quentes que se fizeram sentir em Ijuí, em março, a Rádio Progresso criticou nosso ativismo pelo paletó e gravata, o que naturalmente não se coaduna com o clima tropical que se faz sentir por nossas paragens. Hábito europeu, onde o clima congelante do inverno exige e o verão ameno justifica, nossos antepassados copiaram esse costume sem considerar que os povos ao sul do Equador viveriam mais confortavelmente e naturalmente com melhor saúde, se a indumentária fosse desenhada em consonância com o clima.

A convicção em relação ao erro de nossa indumentária dá-se exatamente quando observamos respeitáveis cidadãos suando em bicas sob um sol causticante, trajados em estilo social e com a indefectível gravata em torno do colarinho. O espetáculo não deixa de ser cômico. E tanto mais cômico ainda quando executivos são forçados a retirar o paletó e afrouxar a gravata em plena via pública, exatamente por não suportarem o efeito da canícula.

Decididamente, o uso da gravata, notadamente no verão, é um costume que deve ser abandonado imediatamente. Você não concorda?



SISTEMA DEBATEU SEUS PROBLEMAS EM GRAMADO

Lideranças do cooperativismo do Estado estiveram reunidas em Gramado, de 16 a 18 de março último. A Carta Cooperativista saída do encontro, é um resumo das aspirações e projeções de perspectiva para o futuro do sistema, que cada vez mais aparece como solução nacional para os problemas da sócio-economia do País. A reportagem do COTRIJORNAL acompanhou os debates, do que aqui damos uma síntese dos trabalhos, a começar pela carta do importante encontro. Foi uma promoção da Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul — OCERGS — com o objetivo de tomar posição e elaborar teses destinadas ao 8º Congresso Nacional de Cooperativas, a realizar-se de 14 a 18 de setembro próximo, em Fortaleza, no Ceará.

CARTA COOPERATIVISTA DE GRAMADO

Do enviado especial Valmir Beck da Rosa

As cooperativas do Rio Grande do Sul, presentes ao IV Seminário Gaúcho de Cooperativismo, ratificando pronunciamentos já emitidos por seus órgãos representativos de âmbito Estadual e Nacional, resolvem definir seu comportamento dentro dos itens que se- guem:

1) FILOSOFIA E OBJETIVOS DO SISTEMA COOPERATIVO

O Cooperativismo é um sistema empresarial de caráter privado e comunitário, ao qual, grupos de pessoas, ligadas entre si por atividades econômicas ou profissionais comuns, se unem por livre adesão, com os fins de:

- adquirir bens ou mercadorias para uso próprio;
- prestar serviços para seus associados;
- produzir produtos primários ou manufaturados;
- comercializar e industrializar produtos de seus associados ou de terceiros, dentro dos limites e na forma estabelecidos pelas normas em vigor.

Atingindo as finalidades acima apontadas, elimina-se a intermediação desnecessária, propiciando maior rentabilidade ao produtor e menor ônus ao consumidor.

Durante as últimas décadas, pode o cooperativismo gaúcho, a despeito das dificuldades encontradas no campo de produção, da comercialização, da industrialização e dos recursos financeiros, acumular experiências, aperfeiçoar tecnologia e criar condições de desen-

volvimento acelerado de suas organizações prestando significativos serviços à economia gaúcha e elevando o padrão de vida de milhares de famílias.

2) SIGNIFICAÇÃO DO COOPERATIVISMO NA ECONOMIA GAÚCHA

As 422 cooperativas dos diversos tipos de atividades do RS congregam hoje cerca de 380.000 associados, representando uma população em dependência direta do sistema de, aproximadamente, 2.000.000 (dois milhões) de pessoas, o equivalente a 2/3 dos habitantes da zona rural sulriograndense e significativo percentual de população urbana.

As responsabilidades decorrentes da magnitude desses números, impõem o estabelecimento de estrutura e organização cada vez mais fortes, mais dinâmicas e mais eficientes do sistema cooperativo. E isto é possível graças à união de esforços, unanimidade de pensamento, racionalidade administrativa, competência gerencial e participação dos associados na vida das empresas por eles constituídas.

3) ECONOMIA DE ESCALA

O crescimento das cooperativas do Rio Grande do Sul é uma decorrência do engenho criativo de seus participantes, elevando o volume de suas operações, racionalizando o uso dos recursos humanos, financeiros e materiais, implantando modernas técnicas de administração e de gerência de

negócios, beneficiando-se dos ganhos de economia de escala, tão salutares ao fortalecimento de qualquer empresa moderna.

Justifica-se, então, que as atividades das cooperativas se expandam em formas de integração vertical e horizontal, implantando dispositivos operacionais necessários ao desempenho econômico, profissional e social dos associados, tais como: armazéns, silos e depósitos; indústrias de transformação de matéria prima rural; elaboração e/ou fornecimento de insumos; transportes; lojas e supermercados; serviços especializados e de assistência social; empresas ligadas à comercialização interna e externa de seus produtos.

Obedecendo às linhas da economia de escala, não poderia a cooperativa se limitar à área de seu município, em face de custos operacionais de administração, transporte e comercialização tendentes a onerar o produtor agrícola e a anular a competitividade de seus produtos.

4) COMPATIBILIZAÇÃO COM PROGRAMAS DE GOVERNO

Pode-se afirmar que as cooperativas vem enfrentando, ombro a ombro, com o Governo, os duros golpes sofridos na luta pela recuperação e desenvolvimento do País. Alinhando-se aos esforços do Governo na formação de divisas para equilíbrio da balança de pagamentos, as cooperativas aumentaram o volume de suas exportações, em 1976, em

42% relativamente a 1975, passando de 430 milhões para 612 milhões de dólares dos quais o Rio Grande do Sul participou com 59,9%.

Na batalha contra a inflação, as cooperativas se lançaram em programas de modernização de suas empresas, reduzindo os custos de comercialização de seus produtos, fornecendo bens de produção a seus associados a preços acessíveis, transferindo tecnologia ao setor produtivo através de assistência técnica ao produtor, racionalizando os serviços de transporte, aumentando a produtividade e consequentemente a maior oferta de melhores produtos no mercado.

5) CONTROLE E FISCALIZAÇÃO

As cooperativas, atuando dentro do âmbito definido pelos estatutos legais que regem as atividades comerciais no País, e subordinando-se, ainda, à Lei Cooperativista nº 5.764, de 16.12.71, têm consciência de que seu desenvolvimento deve ser progressivo, evolutivo e dinâmico, necessário ao aperfeiçoamento das técnicas mais racionais e de novos sistemas de gerência de negócios em benefício da economia do estado e do País.

Os mecanismos de controle e fiscalização, acionados quando necessários, serão sempre benéficos às cooperativas, cuja responsabilidade é garantir a tranquilidade produtiva de seus associados.

Não temem as cooperativas, nem o debate, nem a fiscalização, nem as críticas, conscientes que são de sua estrutura democrática, de sua participação no regime de livre competição do mercado, em que permanecem os que evoluem, crescem e

se antecipam na solução dos problemas próprios às organizações empresariais.

6) CONCLUSÕES

Diante das amplas perspectivas de crescimento de nosso país, as cooperativas reunidas no IV Seminário Gaúcho de Cooperativismo consideram que o desenvolvimento do cooperativismo ainda não atingiu estágio inteiramente satisfatório e que as forças ainda latentes precisam ser canalizadas e melhor orientadas para que se chegue ao mais alto grau de eficiência do setor.

As cooperativas, obedientes aos princípios universalmente aceitos e reafirmados pela Aliança Cooperativa Internacional, têm sempre presente que são empresas de caráter econômico, aptas a promover a ascensão social de seus associados, visando ao incremento dos ganhos dos produtores mediante aumento da produtividade e consequente redução dos custos de produção.

Ao manter e apoiar as condições de desenvolvimento do cooperativismo, sem paternalismo nem concessões, o Governo estará amparando o produtor e defendendo o consumidor, propiciando uma atmosfera de paz e tranquilidade social necessários ao trabalho produtivo e à criatividade do setor.

Conscientes de que a excelência do sistema Cooperativo está perfeitamente integrada nos ideais de desenvolvimento e bem estar da Nação e do povo brasileiro, as cooperativas do Rio Grande do Sul repudiam toda e qualquer tentativa de obstaculizar ou denegrir sua benéfica ação em prol da solução dos problemas nacionais.

ELEITA A NOVA DIRETORIA DA OCERGS

A Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul elegeu sua nova diretoria para o triênio 1977/80, ficando na presidência o sr. Seno Dreyer (FECOERGS) e na vice presidência o sr. Ruben Ilgenfritz da Silva (Cotrijui) e na Secretaria o sr. Frederico Gunnar Dürr (CCGL). O novo Conselho de Administração está integrado pelos srs. Hermes da Silva Pinto (Fecolan), Cláudio Dario Lopes de Almeida (Centralcarnes), Reni Pedro Ely (Coopavi) e Eli Lisca (Cooperativa de Consumo dos Funcionários da CEEE). O Conselho Fiscal está constituído assim: Francisco Gazavel, Rene Vier, José Antonio Vieira da Cunha, tendo como suplentes Verno Blazio, Arnaldo Silvestre Mallmann e Hugo Oliveira dos Santos.

O SISTEMA ECONÔMICO QUE MAIS EVOLUI



Durante três dias o plenário do Hotel Serra Azul esteve lotado. Autoridades da área Federal e Estadual, lideranças cooperativistas e convidados trocaram idéias sobre a melhor forma de conduzir o sistema de forma a alcançar os seus objetivos num contexto sócio-econômico o mais abrangente possível. O COTRIJORNAL acompanhou o Seminário em todo o seu desenrolar, trazendo agora enfoques sobre as teses, pronunciamentos e a Carta Cooperativista de Gramado, como ficou denominado o documento elaborado durante o conclave.

“UMA OBRA GIGANTESCA”

O presidente em exercício da OCERGS, Seno Dreyer, no pronunciamento de abertura do Seminário, disse que o conclave objetivava “uma participação autêntica do mundo cooperativista do Rio Grande do Sul no Congresso de Fortaleza”, e que “nos vemos libertos dos exageros desumanos de um capitalismo avasador”.

“O que se está fazendo aqui é uma obra gigantesca”.

Na sessão solene de abertura, na tarde do dia 16, presidiu os trabalhos a convite do presidente Seno Dreyer, o vice-governador do Estado, Amaral de Souza, que respondia pelo Executivo Gaúcho naqueles dias. A mesa, por ocasião da instalação dos trabalhos foi constituída por Nelson Dinnebier, prefeito municipal de Gramado; Getúlio Marcantônio, Secretário da Agricultura; Lourenço Tavares Vieira da Silva, presidente do INCRA; Amaral de Souza, vice-governador do Estado, em exercício; Seno Dreyer, presidente da OCERGS; Jorge Alberto Pillar Bandarra, representante do Presidente da Assembléia Legislati-

va; Benedito Miranda, secretário executivo do Conselho Nacional de Cooperativismo e Tertuliano Boffil, diretor do Banco Nacional de Crédito Cooperativo-BNCC VENCER A FOME

Muito aplaudido e cumprimentado após o pronunciamento feito na abertura do 4º Seminário Gaúcho de Cooperativismo, foi o presidente do INCRA, sr. Lourenço Tavares Vieira da Silva. De início, afirmou tratar-se a promoção da OCERGS “um retrato vivo da pujança e do significado que o cooperativismo passou a desempenhar neste progressista Estado da federação brasileira. Nós bem sabemos que o cooperativismo é hoje um sub-sistema econômico dos que mais evoluem, dos que mais conseguiram se desenvolver, graças aos processos de administração, de organização, de operação no sentido de uma modernização que passaram a gerir o sistema cooperativista brasileiro, e de um modo especial, o sistema cooperativista do Rio Grande do Sul. A importância do cooperativismo — prossegue o presidente do INCRA — está bem patente nas palavras de sua Excelência, o Presidente da República, quando por ocasião do 7º Congresso Brasileiro de Cooperativismo, na capital da República, afirmava que a presença do Governo Federal no 7º Congresso Brasileiro de Cooperativismo é a reafirmação do franco apoio ao sistema cooperativista nacional e traduz a firme disposição do Governo em apoiar de modo significativo a modernização desse importante sistema de apoio à comercialização e à produção. Mais adiante, o presidente do INCRA asseverou que “esta posição se justifica porque foi através das cooperativas, principalmente, que nós encontramos uma pronta resposta aos

desafios a enfrentar, resultantes dos efeitos negativos das críticas generalizadas e que se abateram sobre determinados setores da economia brasileira e, de um modo especial, no setor agro-pecuário”.

Em outro trecho de seu pronunciamento, Lourenço Tavares Vieira da Silva fez menção a aprovação da Lei 5.764, em 16 de dezembro de 1971 e seu significado para a reformulação do cooperativismo brasileiro. Disse ele que “se diminuimos o número de cooperativas, nós podemos dizer que crescemos no número de agricultores cooperativados, crescemos significativamente em números de operações realizadas. Foi o cooperativismo que por si sentiu a necessidade de modernização do seu sistema e hoje o que nós vimos aqui no Rio Grande do Sul é exatamente o retrato vivo das modernizações do cooperativismo gaúcho que entendeu que precisava como cooperativismo brasileiro de ter práticas operacionais, de ter técnicas de administração, de ter estruturas

organizacionais mais adaptadas para que se pudesse, de um sistema paternalista, entrar num sistema competitivo. E hoje, quando observamos este desenvolvimento e este comportamento, nós vamos ver que aqui no Rio Grande do Sul já cinco cooperativas despontam como as maiores entre as maiores que tiveram participação ativa na exportação brasileira, que tiveram participação no setor de produção nacional, que este ano, graças a esta conscientização, à conscientização da classe rural brasileira na qual o cooperativismo tem um papel fundamental, nós pudemos galgar um invejável lugar de 2º exportador de produtos agrícolas. E o nosso presidente — ainda é interessante que aqui se frise uma frase dele, que dá uma dimensão da profundidade com que ele encara o movimento cooperativista brasileiro, diz: As realizações que foram feitas em alguns campos, como no campo dos grãos, de carne e de leite, fazem que o Governo incentive no sentido de ampliar e melhorar cada vez mais esse sistema. E se assim não procedesse, estaria cometendo um ato de inconsequência, dentro do sentido de modernização, de ampliação”.

Depois de manifestar certeza de que o Governo do Estado está dando uma contribuição ativa para o desenvolvimento do cooperativismo gaúcho, o presidente do INCRA afirmou ser este o sistema “mais democrático, porque ele tem uma aliança entre o econômico e o social”.

Sempre de improviso, o presidente do INCRA voltou a ser aplaudido quando corroborou citação feita anteriormente pelo presidente da OCERGS,

acrescendo que cooperativismo quer dizer construir; quer dizer oferecer a todos aqueles que por ele se interessam, uma lição de cooperação, um trabalho conjunto para que possamos ajudar a vencer o desafio da fome que assola o mundo, fome essa que tem levado intranquilidade a milhões de lares e o desassossego a centenas de países. E o nosso País tem condições de expandir sua produção, não só no sentido vertical, pela melhoria das práticas agrícolas e das técnicas aplicadas, pelo aumento dos índices de sua produtividade.

Referindo-se a expansão das fronteiras agrícolas, o presidente do INCRA assim se expressou: “E amanhã (17/3/77) nós teremos a assinatura do 1º contrato nesse sentido. Será assinado com uma cooperativa gaúcha — COTRIJUI, num sentido que se possa fazer olhando o panorama fundiário brasileiro não como departamento estanque, mas sim o Brasil como um todo, onde os problemas de uma região são solução para problemas de outras regiões.

As palavras finais, textuais, do sr. Lourenço Tavares Vieira da Silva, ao proferir discurso na sessão solene de abertura do 4º Seminário Gaúcho de Cooperativismo, foram estas: “E queremos dizer que a luta não está terminada, mas está a exigir de cada um de nós, de todos aqueles que nela se integraram, que por ela se interessam e que dela participam, uma maior soma de esforços para que a grande batalha da produção, para que a grande batalha do desenvolvimento rural brasileiro possa ser vencida e vencida através de instrumentos democráticos como o cooperativismo”



PRONACOOOP E O FORTALECIMENTO DO NOSSO DESENVOLVIMENTO

Este tema, constante do programa do 4º Seminário Gaúcho de Cooperativismo, foi desenvolvido pelo Chefe da Divisão de Cooperativismo e Sindicalismo do INCRA, Osvaldo Freire da Fonseca Junior. Segundo afirmou, era necessário alcançar três objetivos para mudar o quadro existente: dos mais de 8 mil km quadrados de área do Brasil, se ocupar somente 16% com a pecuária; 4% com agricultura e 2% com florestamento. Relacionou as metas nessa ordem: aumento da fronteira agrícola num processo de produção agrícola; maiores índices da nossa agropecuária (produtividade) — produção de

kg/ha; promoção do homem do campo, pela valorização de seu trabalho. Fonseca Junior foi de opinião que "nossa agricultura está dando uma resposta aos estímulos que o Governo está oferecendo através de instrumentos competentes". Salientou também que o PRONACOOOP visa a integração institucional, que por sua vez objetiva o crescimento e o fortalecimento do cooperativismo brasileiro. É a união do INCRA, EMBRATER, BNCC e OCB — Organização das Cooperativas Brasileiras.

AS TESES APROVADAS

Das teses aprovadas, e que

serão levadas a apreciação dos participantes do Congresso de Cooperativismo de Fortaleza, em setembro, merecem destaque as de autoria de José Vieira da Cunha, presidente da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre. Numa delas, propõe o autor "uma ampla, criteriosa e permanente divulgação do cooperativismo no Brasil, a ser desenvolvida em conjunto pelas entidades máximas do cooperativismo nacional".

Em outra, o jornalista propõe que os órgãos do cooperativismo incentivem a criação no Brasil de cooperativas de trabalho.

Estímulos creditícios às cooperativas de eletrificação rural, implantação de um Departamento de Comunicação e Educação Cooperativista em cada cooperativa, a eletrificação rural como fator de fixação do homem ao campo, foram outras teses encaminhadas e que obtiveram unânime aprovação.

SEDE PRÓPRIA PARA OCERGS

—A NOVA DIRETORIA—

No sábado, 19 de março, realizaram-se as assembleias gerais extraordinária e ordinária da OCERGS — Organização das

Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul. Na primeira delas, procedeu-se a alterações estatutárias que proporcionaram nova dinâmica à entidade representativa das cooperativas gaúchas.

Na assembleia geral ordinária foi eleito o Conselho de Administração, assim formado: presidente, Seno Dreyer; vice-presidente, Ruben Ilgenfritz da Silva; secretário, Frederico Martin Gunnar Dür. Ficou definido também que as sobras do exercício destinar-se-ão a construção da sede própria da OCERGS, um objetivo que a nova diretoria procurará alcançar.

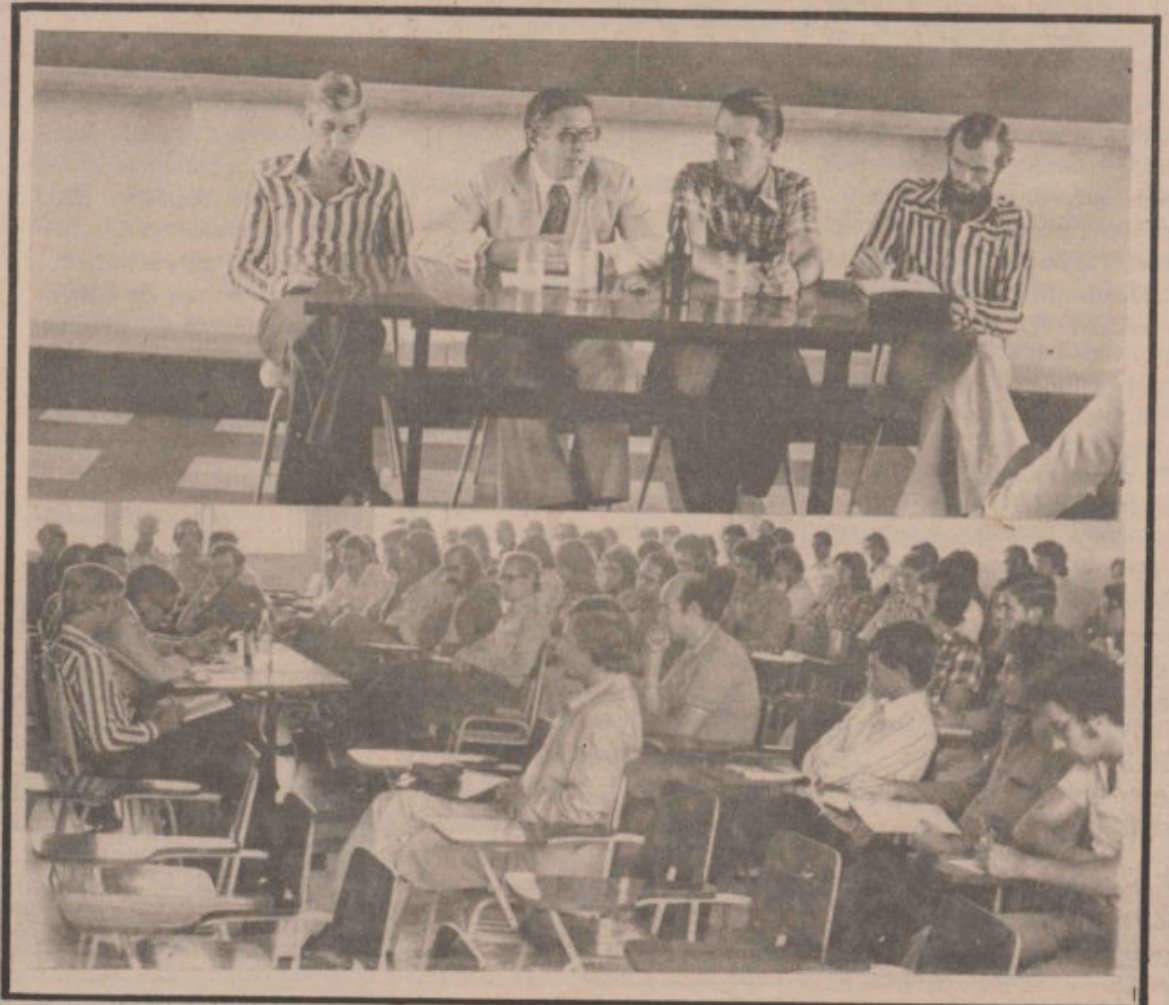
A IMPORTÂNCIA DO TECNÓLOGO

A convite da presidência da FIDENE, vieram a ljuí dia 3 de março para proferir a aula inaugural do ano letivo de 1977, aos tecnólogos em cooperativismo e administração rural, o diretor comercial da FECOTRIGO, sr. Rubem Ricardo Matte e o diretor técnico daquela federação, eng. agr. João Lena. O convite fora endereçado ao presidente da FECOTRIGO, Ary Dionisio Dalmolin que, em vista de compromissos assumidos, se fez representar pelos diretores. Falando aos tecnólogos, Rubem Matte dissertou sobre o desenvolvimento do cooperativismo no Estado, a partir das pequenas cooperativas mistas. Dentre os tópicos ressaltados, mencionou a preocupação com a armazenagem das safras, de 1955 a 1965. Ao citar o Terminal Graneleiro da CO-TRIJUI em Rio Grande, afirmou tratar-se de iniciativa quase milagrosa, sem o que, os prejuízos advindos da superprodução de soja, seriam incalculáveis. O diretor comercial da FECOTRIGO disse na oportunidade que "as cooperativas são um campo de trabalho extraordinariamente fértil", podendo absorver a mão de obra que vierem a oferecer ao setor os bons tecnólogos. A propósito do crescimento do cooperativismo, afirmou: "Seria ilusório garantir ao agricultor bons preços pelos

seus produtos, se as cooperativas se ativessem a comprar e comercializar a produção. É necessário extravasar, ir mais adiante, para os campos da industrialização. Do contrário, se o cooperativismo repassar a terceiros a matéria-prima, transmitirá a estes o que por direito é do produtor. Isso fere o intermediarismo, mas minimiza os custos e maximiza os resultados".

Falando em seguida, o dr. João Lena, diretor técnico da FECOTRIGO, disse aos tecnólogos que, "ao se entrar para o cooperativismo, devemos ter em mente que começamos a participar de um sistema grande e forte. Não só porque seja bonito, mas principalmente porque é economicamente viável". Disse também que a FECOTRIGO, que congrega mais de sessenta cooperativas, se orgulha de manter alguns tecnólogos estudantes da faculdade da FIDENE como bolsistas, pois saberão aproveitar a oportunidade que lhes foi dada.

Na foto aspecto da assistência, vendo-se entre os alunos alguns líderes rurais e elementos ligados a cooperativas. A mesa, composta do presidente da FIDENE, professor Paulo Afonso Frizzo; dos diretores comercial e técnico da FECOTRIGO, respectivamente Rubem Ricardo Matte e João Lena, e professor Adelar Baggio.



NOVOS DIRETORES NA OCESC

A Organização das Cooperativas de Sta. Catarina está com novos diretores, alguns deles reeleitos. É a seguinte a nova diretoria da OCESC: presidente, Ivo Vandertinde; Aury Luiz Bo-

dan, 1º vice-presidente; Fidelis Bach, 2º vice-presidente; Conselho Administrativo, Laires Bodanese, Ingo Strein, Arcângelo Zambiasse e Orlando Jacob Cela. Conselho Fiscal: Gelson

Cláudio, Athos de Almeida Lopes e Gustavo Bruske; suplentes, Nilson Nandi, Liberato José Dal Pont e Arthur Girardi. O mandato da atual diretoria vai até 1979.

FAMÍLIA AMERICANA DIZIMADA POR VENENO



Os quadrinhos da Lola, seção entretenimento que circula diariamente no alto da penúltima página da Folha da Manhã de Porto Alegre, sem abandonar seu sabor cômico, por vezes abordam temas que convidam a pensar com seriedade. Tempos atrás, na seção Ambiente, reproduzimos o quadro em que a Lola (Quem muito quer, tudo perde) derruba uma bela árvore para destiná-la à lareira. Ao tombar, a árvore derruba-lhe a casa, deixando-a ao relento enregelada de

frio. Os quadrinhos que reproduzimos nesta edição, com a permissão da Folha da Manhã, enquadram-se na seção Ambiente. Aparecem na seção Segurança porque o redator lembrou de uma tragédia ocorrida há anos nos Estados Unidos, numa época em que não havia ainda conscientização sobre os perigos tóxicos dos venenos aplicados na agricultura. O fato, que aconteceu por volta dos anos 50 num dos estados do Meio Oeste (parece que no Illinois), são reprodu-

zidos aqui de memória. Vão, assim, no condicional.

Um grande proprietário determinou aos empregados que levassem as máquinas que haviam aplicado veneno num riacho que passava ao longo de sua propriedade. Esse riacho desembocava 500 metros abaixo, num outro de maior caudal, que logo a seguir formava uma cachoeira. O local era aprazível e por isso mesmo muito disputado pelas crianças da região para os banhos e folguedos de verão. Naquele

dia, a esposa do "farmer" tinha levado os filhos e ela própria os imitara nos mergulhos inocentes na piscina natural. Mas a água, branca da cor do mais fino cristal, naquele dia trágico ocultava o aspecto cruel da própria morte. Estava envenenada.

Os resíduos letais do violento defensivo agrícola lançados na corrente foram aspirados e ingeridos pelos rapazes, que em número de três, morreram após terríveis sofrimentos. A esposa do "farmer", menos exposta à

ação do tóxico, pois dera apenas dois ou três mergulhos, salvou-se mas teve vida precária, sofrendo efeitos colaterais progressivos num organismo que se debilitou tremendamente.

O inocente quadrinho da Lola lembrou ao redator a tragédia da família norte-americana. Esperamos sinceramente que do relato que fazemos no COTRIJORNAL, nossos leitores e em especial nossos agricultores, possam tirar algum proveito em benefício da sua própria segurança.

VOCÊ JÁ VACINOU SEU CÃO?

As pessoas em geral, e especialmente as crianças, costumam ter em casa animais de estimação, que variam desde os delicados passarinhos até macacos e porquinhos da Índia.

Um cuidado especial devem ter estas pessoas, com referência a cães e gatos, que podem ser facilmente contaminados por outros animais portadores da raiva.

A raiva é produzida por um vírus que se transmite pela saliva do animal afetado. A forma mais frequente de contágio é o ferimento provocado por mordedura, que será tanto mais perigoso quanto mais profundo e mais próximo da cabeça.

Existem, porém, outras formas de contágio, como uma lambida de animal raivoso em um ferimento na pele de outro animal ou de uma pessoa. O gato, na maior parte das vezes,

transmite a raiva por arranhaduras, pois suas unhas se contaminam com a saliva em consequência do hábito de lambe as patas dianteiras.

A eliminação do vírus pela saliva começa dias antes de se manifestarem os primeiros sintomas da doença no animal. Disso decorre a necessidade de mantê-lo em observação se ferir alguém para verificar se ele estava ou não contaminado no momento da agressão. Se, decorridos dez dias, ele não manifestar sinais da doença, não terá havido contaminação.

Para se saber se um animal está raivoso, deve-se apenas observá-lo: qualquer modificação em seus hábitos deve ser considerada suspeita. O cão raivoso fica triste, anda com dificuldade e não reage aos chamados de comando do dono. Modifica o latido, que passa a ser uma espécie

de uivo rouco, fica agressivo e ataca outros animais com quem antes convivia bem, pode fugir de casa ou esconder-se em lugares escuros. Típica é a paralisia da mandíbula (maxilar inferior). Então ele não come nem bebe, porque não consegue movimentar a boca. Isso pode levar à suspeita de que esteja engasgado com alguma coisa e à tentativa de enfiar a mão em sua goela para retirar o suposto corpo estranho, o que ocasionará um ferimento na mão daquele que o tentar.

Se a mão resultar ferida, por menor que seja o ferimento, o contato direto com a saliva trará um risco muito grande de contaminação e tornará obrigatório o tratamento anti-rábico.

No homem, os sinais da raiva são semelhantes aos apresentados por animais. Aparecem

sintomas de depressão, febre, dores musculares e, em consequência das contrações dolorosas da traquéia durante a deglutição, ocorrerá a hidrofobia (horror à água). A doença é sempre fatal, tanto em animais como em pessoas, e a morte sobrevém de três a cinco dias após o aparecimento dos primeiros sintomas.

Em alguns casos, a doença manifesta-se por paralisia, sem alteração do sistema nervoso central. Neste estágio, a sobrevivência pode prolongar-se por uma semana ou mais.

Em qualquer caso de mordedura ou lambida em ferimento por animal, mesmo sadio, algumas providências devem ser tomadas com urgência: prender o animal agressor para observação. Nunca sacrificá-lo, pois isto impedirá a verificação da necessidade ou não de tratamento, tornando-o obrigatório.

Lavar bem a ferida com água e sabão ou detergente, aplicar mertiolato ou mercúrio cromo e procurar imediatamente a unidade sanitária mais próxima ou o médico da família.

Durante o período de dez dias de observação do animal, dar-lhe água e comida normalmente, tendo o cuidado de evitar novas agressões. Para evitar estes problemas, o melhor é levar cães e gatos para serem vacinados. Além disso, os animais poderão ser vacinados durante as campanhas, quando os vacinadores visitam as residências. Não permitir que o animal perambule pelas ruas, em contato com outros, de procedência ignorada. É outro cuidado que deve ser tomado, bem como motivar amigos e vizinhos a procederem da mesma forma.

(UM CONSELHO DA SECRETARIA DA SAÚDE).

Enquanto estiver lidando com defensivos não coma, não beba e não contamine suas mãos e roupas com o veneno.

Sementes tratadas com defensivos não servem para alimentar pessoas ou animais. Estão envenenadas.

Terminado o trabalho com defensivos, a roupa usada deverá ser lavada separadamente das demais com bastante água e sabão.



O ÁLCOOL JÁ ERA BOM COMBUSTIVEL EM 1925

Um automóvel Ford preparado pela Estação Experimental de Combustíveis e Minérios (hoje Instituto Nacional de Tecnologia) órgão do Ministério da Agricultura, foi testado com êxito tendo como combustível álcool puro.

O percurso foi de 230 quilômetros, entre o Rio de Janeiro e Barra do Piraí, com álcool destilado a base de 70 graus.



O engenheiro Souza Mattos, com dois companheiros, testa o velho Ford, então o que havia de mais moderno em termos de automóvel. A indumentária do piloto com aparência espacial não era naturalmente devido a velocidade, que pelo contrário, era bastante modesta. O macacão e capacete com vistoso óculos era para aparecer com intenções publicitárias.

No ano de 1925 o Ocidente não tinha maior noção do mundo árabe. No Brasil, o Oriente Médio de um modo quase geral entrava nas conversas e sarás culturais e artísticos apenas e por consequência do rio Nilo, das Pirâmides e deserto do Saara. Sobre a riqueza petrolífera dos árabes não havia nenhuma conscientização, mesmo porque a diminuta quantidade de veículos rodando nas cidades e estradas de chão batido do interior, estavam longe de dar idéia do valor do petróleo e a sua consequente significação econômica para o futuro. Os trens e navios que cruzavam os sete mares eram movidos à força do carvão de pedra, pois o óleo diesel mal estava saindo dos laboratórios de análise, como força motriz emergente.

E no entanto, o álcool etílico era pesquisado para fins de aproveitamento como combustível para auto-motor. No dia 23 de novembro de 1925, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, o engenheiro Ernesto Lopes da Fonseca Costa, diretor da Estação Experimental de Combustíveis e Minérios, proferiu palestra sobre as experiências que se faziam no Brasil e no exterior em relação ao carburante do metanol. O engenheiro citou o "Natalite" (45 partes de éter e 55 de álcool) já usado na então colônia do Cabo (África) e os testes com misturas álcool-benzol empregadas nos ônibus de Paris durante 17 meses.

Para justificar o trabalho a que se dedicava, Lopes da Fonseca Costa alertava para o futuro esgotamento das jazidas de petróleo, o que deveria ocorrer num prazo máximo de 80 anos e aler-

tava para o crescimento inquietante de seu consumo, além da "evasão de ouro" na sua aquisição. O engenheiro brasileiro não deixava também de mencionar o papel do combustível como elemento de defesa nacional.

Na sua exposição o diretor da Estação Experimental de Combustíveis e Minérios — hoje Instituto Nacional de Tecnologia — mencionou a experiência feita com um carro Ford provido de aquecedor e abastecido exclusivamente com álcool de 26 graus Cartier (70° GL). O veículo, que aparece em clichê nesta reportagem, participando de uma competição, percorreu 230 quilômetros. O consumo foi da ordem de 20 litros por 100 quilômetros.

O êxito alcançado pelas experiências de adição de álcool à gasolina levou o Governo a tornar obrigatória a mistura de cinco por cento de álcool à gasolina.

Mas por que tanta preocupação com o uso do álcool se não havia nenhum problema com a gasolina — abundante — e a preços bem inferiores ao álcool? Bem, é que havia super-produção de açúcar. Para garantir tranquilidade às indústrias do setor, o Governo tornou obrigatória, para os importadores de combustíveis a adição de 5% de álcool. Isso ocorreu no princípio do ano de 1931, já no Governo do sr. Getúlio Dorneles Vargas.

Paralelamente à garantia da indústria açucareira, cujo excedente de produção reclamava o aumento do consumo, há de acrescentar-se que os reflexos da Depressão Econômica de 1929 fa-

ziam sentir no concerto da economia de todos os países. A gasolina custava libras esterlinas para o Brasil, ao passo que o álcool destilado da cana-de-açúcar sobrava nos canais do centro e norte do País.

Agora, cerca de 50 anos depois, os argumentos são outros, porém com os mesmos efeitos negativos em relação à economia nacional. Os árabes, dos quais pouco se sabia, passaram a ter fundamental importância na movimentação do mundo, dada a cada vez maior dependência do homem à máquina. Dos poucos e desajeitados Ford Bigode e Chevrolet Pavão dos anos 20, passamos para os milhões de Galaxie e Mercedes Benz que povoam hoje as cidades e estradas do mundo. Os grandes transatlânticos, muitos até com 140 mil toneladas métricas, são movimentados a diesel e até mesmo na mais atrasada região da África já rodam potentes locomotivas a óleo. Assim, não é difícil atentar para a importância da gasolina.

A conclusão que se pode tirar de tudo isso, é que à semelhança do ano de 1925, quando o engenheiro Ernesto Lopes da Fonseca Costa provava a eficiência do álcool como combustível, precisamos retomar a experiência e partir para a sua adoção. Ao preço da gasolina e diesel hoje, com a máquina nacional hoje dependente a razão de 70 por cento do petróleo importado, não há economia que resista. Parece que cultivar mais cana para o uso como combustível é política sábia e coerente, conforme dizia o citado engenheiro no distante ano de 1925.

BAMERINDUS ATENTO À REGIÃO



O diretor de crédito rural do Banco Bamerindus do Brasil, sr. Mathias Vilhena de Andrade, esteve a 8 de março em visita a região, acompanhado por diversos assessores. Em Ijuí foi feita visita a COTRIJUI, tendo sido recepcionado juntamente com seus acompanhantes pelos diretores Oswaldo Olmiro Meotti, diretor-financeiro e Euclides Casagrande, diretor de operações, além de outros altos funcionários da cooperativa. Os banqueiros foram recepcionados com um churrasco servido na sede social dos funcionários, a AFUCOTRI, na Linha 3 Oeste.

Acompanhavam o sr. Mathias Vilhena de Andrade o sr. Hibrain Faiad, diretor-geral do Bamerindus em Porto Alegre; Ademar Zanini, gerente regional em Porto Alegre e José Vergílio Bruno, gerente regional para a região de Passo Fundo e Mauro Afonso Pinto Cezimbra, da direção em Curitiba. A foto, tomada na sala do Conselho da cooperativa, assinala os visitantes com os diretores Oswaldo Olmiro Meotti e Euclides Casagrande.

PRESIDENTE DO GRUPO HERTA

Na companhia do sr. Dieter F. J. Blaschke, diretor do Frigorífico Serrano em Ijuí, estiveram em visita a COTRIJUI a 25 de fevereiro os srs. Karl L. Schweisfurt e Lucien Blum, respec-

tivamente, presidente do Herten-Westf e da Interatlanta Frankfurt, da Alemanha Ocidental. O grupo Herten-Westf, ao qual pertence o Frigorífico Serrano, produtor dos produtos Herta

no Brasil, opera com indústrias na Alemanha Ocidental (República Federal Alemã); Inglaterra, Holanda, Bélgica, França, Áustria, Etiópia, além do Brasil.

O grupo Herten-Westf

não perde de vista o setor da carne no mundo, principalmente a bovina e suína, que representam grande parte do peso específico de industrialização do grupo. Durante sua estada na COTRI-

JUI, os empresários foram recepcionados pelo seu vice-presidente, sr. Arnaldo Oscar Drews, com quem abordaram assuntos de interesse mútuo.

COMPANHEIROS DAS AMÉRICAS

Stanley E. Poe, diretor de educação do "Indiana Farm Bureau", uma central de cooperativas que congrega 70 unidades em 92 condados da região central dos Estados Unidos, reunin-

do 243 mil associados, esteve em visita à COTRIJUI no último dia 22, acompanhado pelo sr. Cláudio Lopes dos Santos, diretor-secretário da Associação dos Companheiros das Américas.

O técnico norte-americano, que a convite do INCRA participou de curso em Brasília sobre cooperativismo, demonstrou interesse em visitar a COTRIJUI no Rio Grande do Sul, tendo re-

cebido convite.

Stanley Poe concedeu entrevista à imprensa de Ijuí em dependências da própria cooperativa, quando responde perguntas

sobre o complexo cooperativista que é o "Indiana Farmer Bureau", bem como sobre o sistema nas demais regiões dos Estados Unidos.

ASSESSOR DA CORSAN EM IJUI

Em cumprimento a um programa de visitas traçado pela Assessoria de Relações Públicas da CORSAN, da qual é titular, esteve em Ijuí no dia 22 de março

último o jornalista e folclorista Barbosa Lessa. Conhecido também pelas suas criações musicais regionalistas, já há dois anos é responsável pela edição do COR-

SAN É VOCÊ, informativo interno da Companhia Riograndense de Saneamento. Na redação do COTRIJORNAL manifestou sua apreciação pela dinâmica que a

COTRIJUI vem imprimindo, como cooperativa moderna.

Acompanhado de Humberto Cabrera Pinheiro, responsável pela distribuição do informativo

da CORSAN, e do gerente da companhia em Ijuí, Gunnar Roland Pearson, Barbosa Lessa visitou também autoridades locais e órgãos de divulgação social.

CHIAPETTA CONTRATA CONSULTOR JURIDICO

Acompanhado do prefeito municipal de Chiapetta, sr. Herbert Hintz, esteve

em visita a esta redação o dr. Aécio Gandolfi Ouriques, diplomado em Direito pela

UFRGS e redator do Correio do Povo de 1970 a 1974. O visitante, a convite

da administração de Chiapetta, vem de assumir a consultoria jurídica daquele

município. Sua posse ocorreu dia 15 de março, e reside em Santo Augusto.

COOPERATIVAS AGRICOLAS NA FRANÇA

Jean-Pierre BERLAN
Jean-Pierre BERTRAND
Cândido GRZYBOWSKI

Dois autores do presente artigo, J.P. BERLAN e J.P. BERTRAND, são pesquisadores do "Institut National de la Recherche Agronomique (INRA), da França. Em novembro de 1976 eles estiveram no Brasil em missão de estudos sobre o desenvolvimento da soja. Estiveram em Ijuí visitando a COTRIJUI. Parte do que viram e sentiram está exposto no artigo a seguir, que redigiram com a co-participação de Cândido GRZYBOWSKI, brasileiro estudante em Paris (Sorbonne) e já apresentado na edição anterior, quando assinou artigo intitulado "Posicionamento da Inglaterra no Capitalismo".

Este artigo se inscreve na problemática geral do movimento cooperativista na agricultura. As cooperativas no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, avançam rapidamente. O seu papel é decisivo no processo de desenvolvimento agrícola recente.

Muitos aspectos, econômicos e políticos, são normalmente lembrados como condicionamentos desta expansão das cooperativas agrícolas. Os problemas de comercialização das safras, as necessidades em termos de infraestrutura para a estocagem e escoamento dos produtos, as exigências de modernização do aparelho produtivo e das técnicas de cultivo para aumentar a produtividade e tornar mais competitivos os produtos agrícolas, são alguns dos fatores que impulsionaram a criação e expansão de cooperativas agrícolas, num período de rápida transformação e desenvolvimento da economia nacional.

A própria associação de produtores, característica fundamental de uma cooperativa, não pode ser negligenciada como condição de seu avanço. Do ponto de vista econômico, as cooperativas agrícolas, por permitirem a gestão democrática da produção e da comercialização, põem os próprios agricultores em posição de comando do processo. Razões políticas, no contexto brasileiro, reforçam estes condicionamentos econômicos da cooperação agrícola. Não é por nada que nos programas governamentais as cooperativas agrícolas passam a receber um tratamento privilegiado (como, por exemplo, na política do trigo e da soja).

Discute-se muito sobre o possível papel das cooperativas no desenvolvimento futuro da agricultura brasileira. Neste sentido, a análise detalhada dos aspectos acima apontados é imprescindível. Mas também é útil uma comparação com o movimento cooperativista na agricultura de outros países. Esta é a finalidade do presente artigo.

O movimento cooperativista

na França chama atenção pela sua força e pelo seu dinamismo. Este movimento é um "agente" ativo das transformações da agricultura francesa. Além disso, ele conserva muito da sua originalidade e acumulou uma grande experiência, tanto devido à sua já longa história como às bruscas mudanças de que foi alvo. Estas são razões suficientes para despertar o interesse a todos aqueles que, no Brasil, se preocupam com o desenvolvimento do cooperativismo agrícola. Em diferentes aspectos podem ser feitas comparações. Mas para isto, antes de mais nada, é necessário se conhecer.

O aspecto fundamental da organização da agricultura francesa em torno das cooperativas é a integração da produção com a transformação industrial que elas possibilitam. A intensificação e a especialização na produção pecuária, obtidas em grande parte graças às cooperativas, estão diretamente associadas à utilização da soja como alimento animal. Devido a isto, os problemas de produção e mercado mundial da soja, de que as cooperativas agrícolas da França são grandes importadores, ocupam uma posição de relevo no processo de desenvolvimento. Esta é uma razão a mais que motivou este artigo sobre as cooperativas francesas, dada a problemática que elas levantam em relação às cooperativas brasileiras ligadas à soja.

O movimento cooperativista na França, tem uma importância considerável no aprovisionamento dos agricultores, na comercialização e na transformação dos produtos agrícolas, e também, em áreas de crédito e de seguro. Há mais de 5.000 cooperativas na agricultura francesa, só considerando as industriais e comerciais, que totalizam US\$ 15 bilhões de movimento bruto anual, empregando 110 mil assalariados. As cooperativas são responsáveis pelo escoamento de 50% da produção agrícola francesa e representam 20% das indústrias de alimentos. A isto é necessário

acrescentar 10 mil cooperativas de serviço. Enfim, o "Crédit Agricole Mutuel", com um balanço consolidado de US\$ 40 bilhões, ocupa o primeiro lugar entre os bancos franceses.

O movimento cooperativo abrange um conjunto de atividades as mais variadas e está longe de constituir um sistema unificado. Isto resulta da extraordinária diversidade tanto de produtos como de explorações agrícolas, desde os produtos marginais como o mel, até os grandes produtos agrícolas como os cereais. A esta diversidade corresponde, também, uma grande disparidade no tamanho das cooperativas. Em 1972, das 350 cooperativas agrícolas com atividade principal de transformação industrial e comercialização, 7% delas totalizaram 60% do movimento bruto.

O movimento cooperativo está também presente na própria fase da produção agrícola. A tradicional ajuda mútua entre agricultores tomou a forma de cooperativa de utilização de material agrícola (CUMA). Os agricultores de uma CUMA compram máquinas agrícolas complementares, as trocam entre si, etc. Existem na França mais de 9.000 CUMA, abrangendo em torno de 46% de todo o material utilizado na agricultura. As CUMA também se diferenciam: 40% são CUMA especializadas, constituídas para a utilização temporária de material especializado de elevado custo unitário; 40% são CUMA polivalentes, que se destinam à realização de todos os grandes trabalhos das explorações agrícolas e, também, certos trabalhos temporários; enfim, 20% são CUMA que assumem o conjunto das necessidades mecânicas dos aderentes e que supõem, por isto mesmo, formas, mais intensivas de agricultura de grupo.

Estas formas de cooperação na produção, surgidas mais ou menos espontaneamente pela ação dos próprios agricultores, se adaptam perfeitamente à estrutura da agricultura francesa, caracterizada pelas explorações de pequeno porte. Além disso, são

um meio privilegiado de difusão do progresso técnico.

Após longas tentativas e debates, em 1962, foram juridicamente criados os agrupamentos agrícolas de explorações em comum (GAEC). Os GAEC visam corrigir certos problemas que a evolução econômica e social criou para as explorações agrícolas tradicionais. Alguns destes problemas são: a especialização da atividade agrícola e a implantação de sistemas intensivos de produção, como de aves e porcos, praticamente independentes do resto da exploração; dissociação entre exploração e direito de propriedade da terra; problemas das heranças; pressões do setor privado comercial. A agricultura em grupo deveria permitir, segundo os promotores, o restabelecimento da autonomia das explorações agrícolas e a integração das diferentes fases e funções de produção, abastecimento e comercialização. Os GAEC formam centros polivalentes de produção, onde cada trabalhador é especializado numa atividade, mas ao mesmo tempo é responsável também pelo conjunto. A finalidade da lei é de criar as condições de mudança das estruturas econômicas das explorações agrícolas individuais e, além disso, assegurar uma maior participação dos trabalhadores na gestão e nos resultados da empresa. Em 1970, existiam 3.500 GAEC na França, ocupando 400.000 hectares e 20.000 trabalhadores. Desse total, em torno de 73% eram GAEC de tipo familiar, agrupando membros de uma mesma família. Frequentemente os GAEC se formam através da ação dos agricultores os mais modernos e a sua influência sobre a agricultura francesa, devido a isto, ultrapassa as explorações que os constituem.

POSIÇÃO DAS COOPERATIVAS AGRÍCOLAS DA FRANÇA

Os agricultores franceses, em sua grande maioria, são membros de uma ou mais cooperativas. Detendo-se somente nas cooperativas comerciais e industriais da agricultura, constata-se que em torno de 80% do seu movimento bruto é devido às atividades tradicionais principais: es-

tocagem e comercialização de cereais, coleta e transformação de leite e vinho, aprovisionamento das explorações em meio de produção. Já há alguns anos, a importância de outras atividades das cooperativas tende a crescer, sobretudo o comércio e a transformação de carnes, frutas e legumes e o comércio de sementes.

A participação das cooperativas agrícolas nas atividades comerciais é expressa nos dados a seguir. Da comercialização total de alguns produtos, em 1972, a participação das cooperativas foi: 60 a 80% dos cereais e grãos oleaginosos, 77% do trigo, 70% do arroz, 68% da cevada, 58% do

milho, 70% dos grãos oleaginosos; mais de 60% das sementes de cereais e oleaginosas (73% dos cereais de palha, 65% do milho e da colza); 40 a 50% do vinho, dos produtos derivados de leite, dos adubos e pesticidas; 30 a 40% das frutas e dos legumes frescos; 25% dos ovos.

Nas atividades de transformação industrial, as cooperativas representam, em seu conjunto, em torno de 20% das empresas do setor de indústrias agrícolas e alimentares, sendo responsáveis por, aproximadamente, 22% do movimento bruto total. A sua participação é, sobretudo, nas atividades de primeira transformação. As cooperativas estão bem implantadas na produção de manteiga (45% do movimento bruto total), de leite em pó (40%) e de queijo (30%). Mas muito menos nos derivados de leite mais elaborados (como, por exemplo, produtos frescos). O mesmo se passa nas atividades de transformação da carne: as cooperativas se fazem presentes sobretudo nos abates (35% da carne de porco, 15% da carne bovina) e na preparação (35% da carne preparada em frigoríficos industriais), mas bem menos na elaboração de frios e nos produtos derivados à base de carne.

As cooperativas avançaram no setor de conservas de frutas e legumes (45% para as frutas e 42% para os legumes) e ocupam uma posição importante nas fábricas de ração animal (40% para as rações simples e 24% para as compostas).

As grandes cooperativas (como U.L.N., C.A.B. de Landerneau, UNICOPA, CANA) estão, atualmente, tentando penetrar nas fases de transformação mais elaboradas. Tal avanço dá-se em geral, num quadro de estreitas relações com o setor privado. Esta tendência, em parte, explica as formas de concentração recentes.

Em termos gerais, as cooperativas agrícolas se desenvolvem num contexto em que, dada a concorrência do setor privado, elas foram levadas a se limitar às funções de primeira transformação. Estas atividades, por sua natureza, são exigentes em capital e pouco absorvedores de mão-de-obra. Consequentemente, elas possibilitam reduzidas taxas de valor adicionado e baixos lucros. Há, implicitamente, uma divisão de trabalho entre o setor privado e as cooperativas, ficando com o primeiro as atividades mais rentáveis. Segundo dados já antigos do Recenseamento da Cooperação Agrícola, em 1965, a taxa média de valor adicionado pela transformação industrial das cooperativas era baixa, girando em torno de 10% do movimento bruto total. Em certos setores, como na alimentação animal, assiste-se mesmo a uma retirada dos grupos privados nacionais ou multinacionais em benefício das cooperativas. FINALIZA NA PRÓXIMA EDIÇÃO.

COOPERATIVAS AGRICOLAS NA ALEMANHA

Walter FRANTZ

Quem leu o artigo da página precedente e comparou a eficácia da participação do cooperativismo na economia nacional francesa, não admira que processo idêntico seja seguido na Alemanha Ocidental (República Federal Alemã). Walter Frantz é de Ijuí e estuda na RFA, onde se encontra a cerca de um ano. O artigo a seguir é de sua autoria.

Ao pisar na lavoura europeia, sente-se de imediato que se trata duma agricultura fornecedora de matéria-prima, altamente mecanizada, racional e diversificada. Não poderia ser diferente, pois o setor primário está engajado ao conjunto da economia onde se obedece ao comando do setor secundário. Porém, frente a esta interrelação, a agricultura reagiu e procurou fazer sua integração à nova ordem estabelecida. O setor primário através do cooperativismo, assumiu grande parcela da industrialização e colocação de seus produtos acabados no mercado. O cooperativismo é praticado como forma de racionalizar e compatibilizar a atividade rural com as novas regras de jogo, sem perder totalmente a própria identidade. Isto se procura fazer há mais de 100 anos. Certamente que, por este já longo percurso, poder-se-á encontrar as mais diferentes experiências e resultados.

No intuito de me introduzir melhor nos meus estudos participei duma viagem organizada e promovida pelo Instituto de Cooperativismo, da Faculdade de Economia da Universidade de Münster, pelo norte da Alemanha e Holanda. Neste instituto realizei estudos de cooperativismo, atualmente.

Todas as cooperativas visitadas nos dois países eram cooperativas rurais ligadas à industrialização da matéria-prima e sua comercialização. A comercialização nem sempre se dá direito ao consumidor pelas cooperativas do setor primário, mas através das cooperativas de consumo. A primeira cooperativa visitada foi a

Milchwerke Wesermarsch e G", Strückhausen, Oldenburg, Alemanha. Esta industrializa a principal produção de seus 1.572 associados: o leite. O número de vacas é de 23 mil. Segundo as informações recebidas, a média de produção anual por vaca é cerca de 4.000 litros, sendo dos meses de fevereiro até agosto o período alto de rendimento. O mês de maio é o mês em que a cooperativa recebe maior produção (maio 7,5 milhões de litros, contra 2,5 milhões de litros em outubro, mais ou menos).

No inverno é difícil e rara uma produção superior de 12 litros diários por vaca. Enquanto no verão (abril/maio) é possível obter, sem trato muito especial, até 25 litros diários por vaca. É importante observar que no inverno cai a produção porque não convém (além de outros fatores) produzir tanto leite com os altos custos do pasto comprado.

No verão, devido a fertilidade da terra que foi em grande parte ganha pela drenagem de banhados com apenas 0,60 m acima do nível do mar, é possível produzir bastante com pastagens abundantes e pouco trato comprado. Isto se constitui num problema para a indústria; o sócio, porém, tenta se aliviar de custos muito altos desta forma. Seria necessário aprofundar, em outra oportunidade, a discussão deste importante aspecto.

O leite é recolhido em carros-tanques especiais, com aparelhagem moderna adaptada para o controle da qualidade do leite. Este serviço é facilitado pela exce-

lente rede de estradas asfaltadas pelo interior até as propriedades.

Quanto a organização dos sócios, observa-se também um trabalho de base com reuniões para discussão dos problemas, principalmente antes das assembleias da cooperativa. Numa escola, a "Raiffeisenschule", em Rastede, são organizadas reuniões e discutidos importantes problemas relacionados com o cooperativismo, pelos sócios e dirigentes.

Viajando de Oldenburg norte da Alemanha, após um trajeto de cerca de 145 km, chegamos a Delfzijl, na Holanda, para uma visita à cooperativa de ensilagem de cereais e fabricação de forragem, a "Aankoop Centrale Groningen". Nesta central são produzidos os alimentos para o gado, suínos, galinhas, etc. A compra de matéria-prima em grandes quantidades e, após trabalhadas racionalmente, permitem uma boa alimentação por relativos baixos custos. 40% da ração é vendida no mercado regional. Há uma preocupação em não invadir a área de outras cooperativas, porém vende-se a sócios e não sócios. O sistema é o preço médio, com retorno no final do período.

Em Groningen, na Holanda, já se pôde constatar a formação de cooperativas agrícolas em 1892. Em 1921 iniciou-se um trabalho integrado e conjunto entre as cooperativas agrícolas já fundadas. Também aqui se nota a fusão e o trabalho em conjunto como fórmula de economia, progresso e força. O resultado da união foi o surgimento da atual

cooperativa regional "Aankoop Centrale Groningen". Desta central podem ser sócios pessoas físicas e jurídicas, desde que ligadas à atividade rural que, além da venda de seus produtos, adquirem máquinas, insumos, sementes, etc. na cooperativa. A diversificação de produtos: cereais, gado, aves suínos, batatinhas, etc. é uma constante. Cada setor tem seus financiamentos e custos calculados. A preocupação com os custos é vital, pois a produção está organizada para o mercado e exportação.

Após uma estada para descanso e discussão em plenário no "Instituut Voor Landbouwcooperatie" em Friesland, Oranjewoud, Holanda, seguimos viagem até Warga, onde visitamos a "Konsummilch und Betterfabrik" da Frico (Cooperativa Central de Leite, em Friesland, Holanda).

Em Warga, no ano de 1886, vinte e três agricultores resolveram fundar, após formada sua cooperativa de produção de leite, uma indústria para seus produtos. Hoje, após quase 100 anos, no mesmo lugar se encontra uma das mais modernas fábricas do ramo, na Europa. Cerca de 75% das cooperativas de leite são filiadas a esta central, que no último ano produziu cerca de 74.000.000 kg de queijo, 25.000.000 kg de manteiga e 13.000.000 kg de leite em pó. Além do Mercado Comum Europeu, os países árabes são clientes. O holandês toma 150 litros de leite por ano.

As 18 cooperativas, com suas 24 indústrias em Friesland, em 1975, produziram 1.700.000.000 kg de leite, 120.000.000 kg de queijo, 32.000.000 kg de manteiga e 20.000.000 kg de leite em pó, representando 85% de todo o leite produzido na área. Para cerca de 385.000 hectares da área de Friesland, 280.000 hectares são usados na agricultura e disto 90% na produção de leite e 10% na lavoura. Na Alemanha e na Holanda, nas áreas onde o leite se constitui a principal ativi-

dade, se caracteriza um pouco a monocultura.

Uma vaca, em Friesland, produz cerca de 4.850 kg de leite ao ano, sendo 4,15% de gordura e 3,46% de proteína. Foi possível conversar com agricultores que mantinham uma produção até mais elevada. Também pude notar junto a eles uma preocupação pela formação de pastagens de qualidade como fórmula fundamental da alimentação das vacas, evitando a demasiada compra de rações. Tampouco estão inclinados a abater vacas em caso de crise pela super-produção. Preferem baixar a produção. Parece que a qualidade da vaca, pela qual primam, os põem em dúvida para tanto.

Na Holanda 90% da produção de leite provém das cooperativas. Como grande parte dos produtos vai para o Mercado Comum Europeu, os problemas também nem sempre são poucos e simples. Os custos de produção, o risco de uma super-produção preocupam os holandeses. Em 1977 há o risco de ocorrer uma super-produção de manteiga, assim como recém houve a super-produção de leite em pó, tendo este sido usado até nas rações para animais.

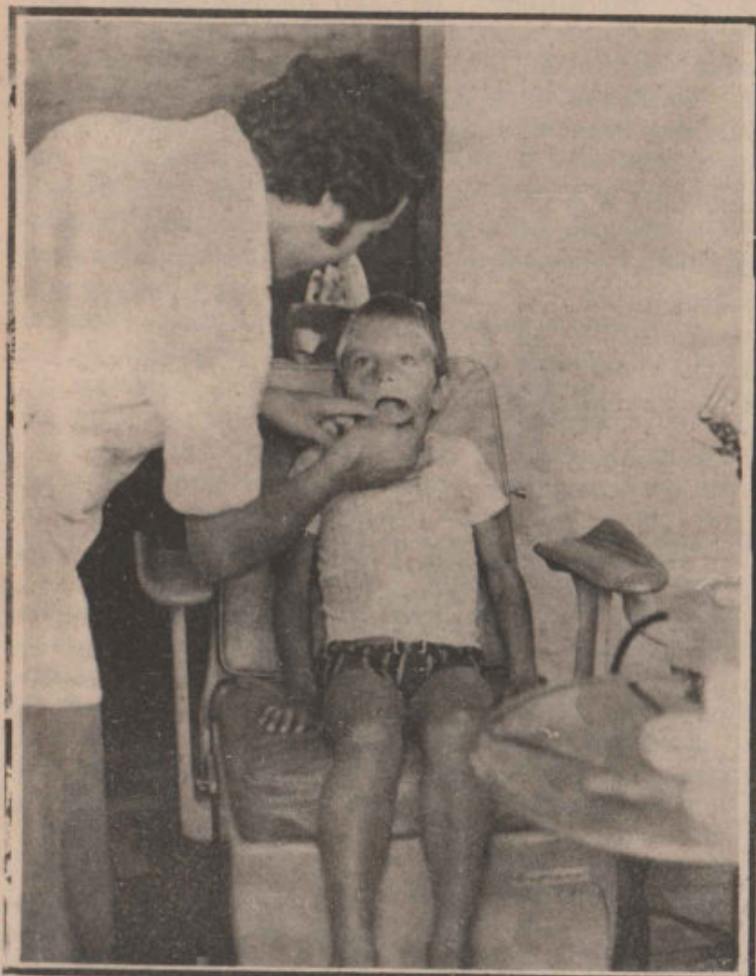
Ao lado destes problemas há também o aspecto do transporte. O mais longo e maior transporte do Mercado Comum parece ser o do produtor agrícola. Isto também reflete na economia do produtor. Talvez bem menos que em nosso caso, o da soja.

Detrás destes números, destes negócios, máquinas e produção, estão pessoas, sócios, operários e diretores. Talvez esteja aqui o ponto onde deveria ter concentrado grande parte com mais atenção no meu relatório. Como se dá a cooperação aí? Todo este trabalho através do cooperativismo, é um meio de ganhar dinheiro ou um meio de vida? É um problema econômico ou um problema social? Gostaria apenas de encerrar com esta pergunta: Como articular os dois elementos e onde está o peso da questão?

22 792 Cooperativas locais		
10 840 Cooperativas de crédito; delas 8956 com tráfego de mercadorias	9089 Cooperativas de mercadorias compra-venda 2270 leite e derivados 5267 Pecuários 272 Frutas e verduras 195 Vinícolas 541 Videiras Injetadas 190 outras 354	2863 Cooperativas de empresa Máquinas 911 Frigoríficos 465 Eleticidade 281 Canalização 295 Outras 913

TENENTE PORTELA

EXEMPLO DE DINAMISMO SINDICAL



Numa zona em que predominam as pequenas propriedades, os produtores rurais desde cedo tiveram a preocupação de se organizar, e no dia 20 de maio de 1966 era fundado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tenente Portela. Alivino Rieger, idealizador da criação da entidade, foi quem fomentou entre os minifundiários a necessidade de se unirem em forma de uma entidade classista, que servisse a um só tempo para defender os interesses dos produtores e providenciar na prestação de serviços diversos.

Mediante convênio com a Policlínica local, o sindicato oferece atendimento médico e odontológico durante todo o dia a seus mais de 5 mil associados (3.815 atuantes). Junto a sede administrativa, possui ambulatório para curativos e pequenas cirurgias em que se dispensa internamento hospitalar. Um outro convênio, este com a Central de Medicamentos (CEME), dá condições ao sindicato de distribuir gratuitamente aos ruralistas os

remédios receitados. O material escolar é adquirido diretamente junto ao MEC, e vendido aos associados a preço de custo. Atualmente, o STR de Tenente Portela conta com oito funcionários. Cinco médicos e quatro dentistas dão consultas diariamente. Em breve a Policlínica colocará a disposição das senhoras dos associados, os serviços de uma médica (ginecologista).

Um particular na diversificada atuação do STR de Tenente Portela, é a assistência médico-odontológica que dá aos índios, graças a convênio mantido com o FUNRURAL. Em Tenente Portela, os agricultores sindicalizados estão livres dos intermediaristas burocratas. Suas declarações de renda, preenchimento de contratos, Taxa Rodoviária Única, seguros, etc., são sempre confiados aos funcionários do sindicato.

Assistência médica e dentária são de real importância para as famílias da região. E todos os associados as recebem gratuitamente.

FORUM TERÁ NOVO PRÉDIO

Deverão ser iniciadas neste mês as obras de construção do novo prédio do Forum da cidade de Tenente Portela. Neste sentido, a municipalidade já está providenciando na compra do material necessário, bem como na realização de uma campanha para angariar recursos junto a comunidade.

O novo prédio será construído em convênio com a Prefeitura Municipal, Tribunal de Justiça, além da participação comunitária, devendo, concluído, possibilitar melhores condições de atendimento ao público.

Atualmente o Forum de Tenente Portela está instalado em prédio de propriedade particular.

IJI

A APICULTURA É O LAZER QUE PRODUZ



Com o auxílio da esposa e um filho, Siegmund vai realizando um trabalho nobre pelos seus benéficos fins.

Na edição de junho de 1976 do COTRIJORNAL, focalizamos reportagem com o sr. Mietieslau Czepelewski, militar da reserva, que dedica grande parte de seu tempo à produção de mel. Pelo mesmo motivo daquele, também o sr. Siegmund Deckmann, residente no Rincão dos Góis, pouco mais de 10 km do centro de Ijuí, produz mel. Associado da COTRIJUI, em meio às lides na lavoura juntamente com a esposa, filho e nora, sempre encontra tempo para dar uma olhada nos colmeiais. E o faz com gosto, há quase 40 anos.

Mostrar ao repórter

como se tira mel das caixas, não foi tarefa difícil para o sr. Siegmund. Mas a máquina fotográfica e as perguntas que a cada instante iam sendo feitas, deram um tom festivo a tão antiga função.

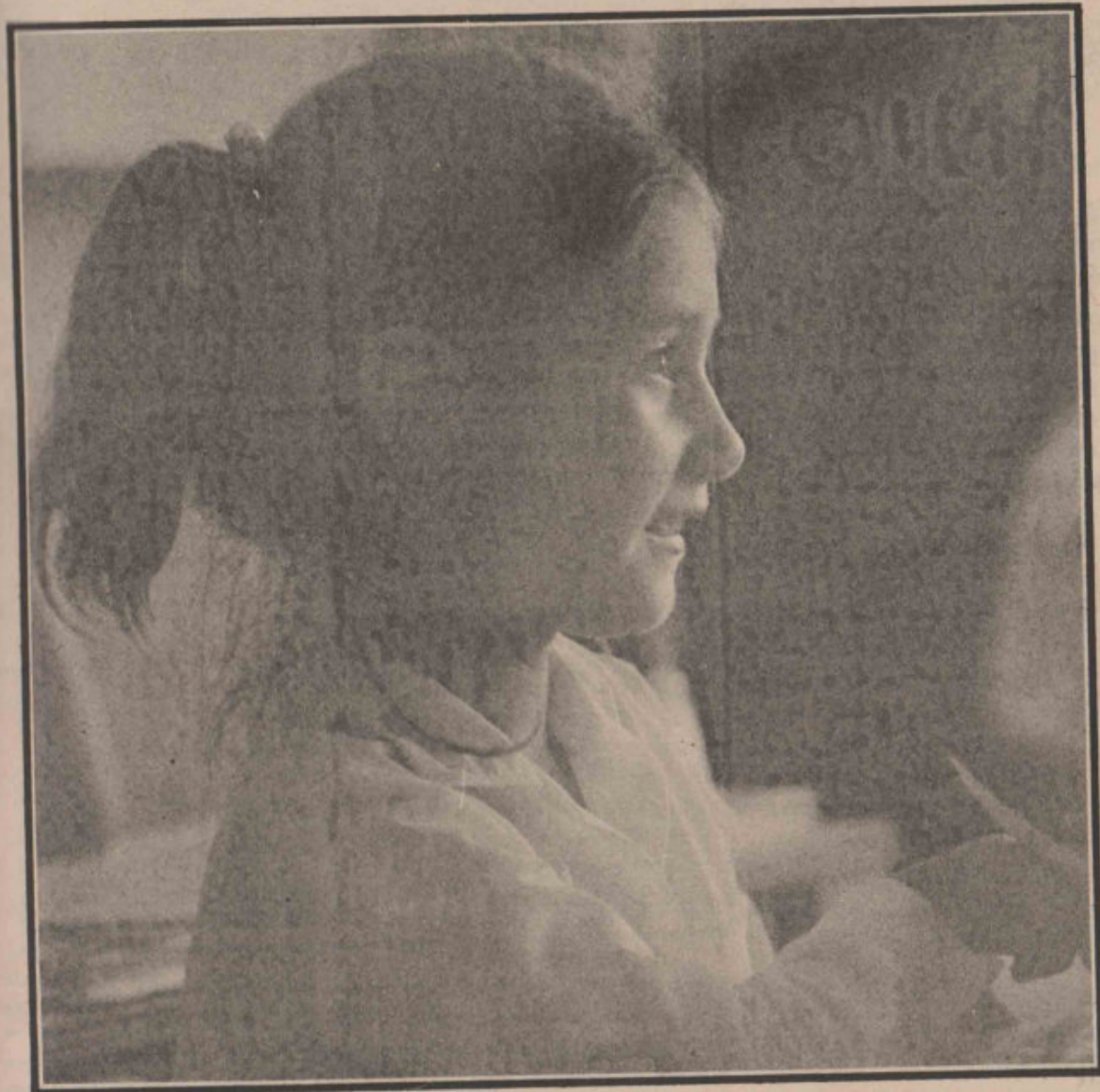
De tradicional família, Siegmund Deckmann sempre residiu no Rincão dos Góis, mas até poucos anos atrás ainda mantinha colmeiais em Centro Novo, localidade interiorana de Tenente Portela. Hoje, suas mais de 250 caixas estão espalhadas em 29 propriedades de parentes e amigos que residem nos municípios de Ijuí e Cruz Alta.

Sempre de óculos e um pequeno chapéu na cabeça, o apicultor vai mostrando numeros de safras melíferas anteriores. Com orgulho, mostra os dados referentes ao ano de 1965: 8.000 quilos de mel, colhidos em mais de 500 caixas. Hoje isto não é mais possível para quem é apicultor de horas

vagas. O crescimento das lavouras e mesmo a pulverização para exterminar pragas, influíram negativamente na produção das colmeias. Ainda assim, com suas pouco mais de 250 caixas, espera produzir na atual safra 3.000 quilos de mel. Mais do que suficiente para o consumo caseiro de sua família e das outras 29 onde os colmeiais estão instalados.

Sobrará mel para vender, ou como acontece comumente, servir algum amigo, dado o conhecido valor terapêutico deste produto, ainda não igualado pela criatividade humana. Vê-se, então, que o sr. Siegmund Deckmann dá exemplo de diversificação quando se pensa em produzir. Sem ocupar mais do que um canteiro de terra aqui e outro acolá, dezenas de famílias têm gratuitamente ou em troca de um passatempo, mel durante o ano inteiro.

AJUDE NA EDUCAÇÃO DE SEU FILHO



A educação não se dá só nos bancos escolares. Por isto, todo o interesse demonstrado pelos pais em relação a sua educação é importantíssimo. Pais que se interessam por leituras, manifestações artísticas e conhecimentos em geral, transmitem aos filhos, desde cedo, a mesma maneira de pensar. Porém aqueles pais que consideram o estudo uma obrigação e vivem criticando pessoas estudiosas, acabam prejudicando a educação das crianças, inclusive desestimulam a vontade de aprender.

De acordo com os princípios modernos de educação, a escola e a família se completam no trabalho de incentivar o desenvolvimento da criança. Alguns pais pensam que cabe a eles dar carinho e conforto à criança, enquanto a escola se encarrega de educá-la. Entretanto, muitos pais erradamente, não procuram conhecer os métodos, os professores e colegas da criança, nem se interessam em saber seus êxitos ou dificuldades na escola.

Mesmo que essa atitude seja bem intencionada, porque acham que não devem interferir no trabalho da escola, a criança sente de maneira contrária: pensam que eles estão desinteressados pela escola e passam a desinteressar-se também por ela. Por

isso, é fundamental que os dois ambientes — escola e família — se completem, mesmo porque, aquilo que se passa na escola faz parte do mundo da criança: suas experiências, suas descobertas e seu relacionamento com os colegas são assuntos que ela gosta de contar quando chega em casa. Se os pais estão dispostos a discutir e ouvir os problemas quando solicitados, podem também participar de suas lições, orientar pesquisas e organizar com a criança seus horários de estudo e os momentos dedicados ao lazer.

É necessário que os pais entendam que a escola é uma comunidade onde se integram e trabalham juntas. Por isso, nenhuma criança deve merecer atenção especial, a não ser em casos excepcionais. Por exemplo: se a escola costuma dar merenda, a mãe não pode pretender que a alimentação dada a seu filho seja diferente dos outros só porque ela não gosta disso ou daquilo. O mesmo acontece com certas atitudes, como por exemplo, não se justifica que a mãe mande bilhetes para a professora pedindo atenção especial por qualquer motivo, como brigas com os coleguinhas e outros. Mesmo que a professora tivesse tempo para atender aos pedidos, prejudicaria a integração da criança e sua

adaptação às regras que valem para todas as outras. Os pais devem entender que a vítima nesses casos é a própria criança, que passa a se sentir frágil, diferente das outras, servindo de motivo para brincadeiras por ser a "queridinha" da professora e da mãe. Importantíssimo é evitar comparações como: "na sua idade eu estava mais adiantado" ou "só aprendíamos coisas úteis". Outra comparação muito frequente é comparar com primos ou amigos da mesma idade. Embora estas comparações sejam feitas com o objetivo de estimular a criança, o resultado é exatamente o contrário: ela se sente desvalorizada, inferior, atrasada e seu rendimento tende a cair. A ansiedade exagerada de certos pais com relação ao futuro dos filhos, ao ingresso na faculdade, em conseguir ou não um bom emprego, se transmite à criança e por trás disso se esconde com muita frequência a incapacidade de aceitar que outras crianças possam ser melhores que o próprio filho. Geralmente a criança passa a ter raiva da escola e dos estudos, pois mesmo que se esforce, os pais sempre acham que ela "não faz mais que sua obrigação".

Entre uma escola e outra existe muita diferença e todas justificáveis. Se o priminho tem

ótima caligrafia e sabe bem história, não quer dizer que a escola é melhor. As lições de casa também não podem servir de critérios para avaliar se a criança aprende mais ou menos em relação a outras crianças de sua idade.

Por isso, acompanhar o desenvolvimento da criança e recorrer diretamente à escola para acabar com as dúvidas evita comparações e exigências fora de hora.

Para alguns pais, não há nada pior que um boletim com notas baixas. Para defender-se, a criança diz que a culpa é da professora que não gosta dela ou que precisa de ajuda em casa. Pode ser que seja mais fácil aceitar estas razões do que descobrir se não é a criança que tem dificuldades. Em geral, os pais acabam concordando que o ensino é fraco, ou então que o método da escola é muito complicado.

Realmente, os métodos mudaram muito e essa é mais uma razão para que as explicações em casa estejam de acordo com o método da escola. Caso contrário, confundem ainda mais a criança. Além disso, é um erro criticar os professores, pois a criança pode perder a confiança neles; o melhor é constatar diretamente na escola onde está a falha, para tentar ajudar a criança a superar as dificuldades, que, na maioria das vezes, são muito mais dela do que do método ou do professor. Devemos ter muito cuidado com os castigos, porque geralmente a criança não precisa ser castigada em casa pelo que acontece na escola, pois esta tem seus meios de estabelecer disciplina. Mesmo em caso de queixa

da escola, deve-se ver exatamente o que aconteceu antes de castigar a criança. Como a punição deve seguir imediatamente a falta, quando o castigo é necessário precisa ser dado na hora, pela escola. Os pais podem advertir a criança que se a mesma coisa acontecer novamente, haverá punição em casa, mas não pode esquecer de elogiá-la, caso ela se corrija.

Muitas mães, por vontade ou necessidade, costumam ignorar certas normas da escola. Por exemplo: levam o filho antes da hora estabelecida e acabam criando problemas. Ou não existe pessoal para tomar conta, ou a criança atrapalhará a saída do período anterior.

Todas as ordens, mesmo as mais insignificantes, existem por algum motivo e devem ser respeitadas. Os agrupamentos de mães na porta da escola e saída também podem perturbar bastante a ordem. Conversas a respeito dos professores devem ser evitadas. Sobretudo quando existirem queixas do tipo "este ano meu filho mudou de professor (ou de turma) e o do ano passado era muito melhor".

Tudo isso, além de servir de péssimo exemplo para a criança, contribuirá para que ela também se sinta tentada a não respeitar as normas e orientações da escola. Os próprios professores ficarão irritados, pois além da tarefa de instruir e resolver os problemas das crianças, terão o trabalho de educar certas mães, que em vez de ajudarem na educação dos filhos, contribuem para torná-los irreverentes, acostumando-os a criticar sem base e agir sem pensar nas consequências.



As grandes safras de trigo começam a ser grandes antes da semeadura

Começam na correta escolha do fertilizante. Quando o adubo é Ipiranga, a grande safra começa no Centro de Análises e Experimentos Técnico-Agrícolas da Fertilisul, onde a proporção exata de nutrientes em cada grão de fertilizante é estabelecida e testada.

Continua no processo de fabricação e ensacamento, que assegura o grão sempre seco e solto. Continua na adubação feita com a orientação dos técnicos da Fertilisul. E pronto. Para a grande safra, só falta semear.

ADUBOS IPIRANGA
qualidade Fertilisul

O FILHO DE JOSÉ DO PATROCÍNIO

Em edição que circulou em setembro de 1976, focalizamos na página de História uma síntese biográfica de José do Patrocínio, que passou para os registros da história da Pátria como "O Tigre da Abolição". Neste espaço focalizamos Patrocínio Filho. E se no enfoque anterior tivemos apenas palavras desvanecedoras para destacar a vida gloriosa do modesto filho de padre com a quitandeira, que ergueu-se pelos próprios méritos até o ponto de debater leis e direitos humanos com o Imperador, príncipes e altas figuras, infelizmente não podemos dizer o mesmo do filho do abolicionista. Este, segundo a totalidade dos historiadores, foi um estouvado e mau caráter, péssimo filho e pior amigo para seus protetores. Sua vida, porém, foi surpreendente. Basta dizer que por pouco não foi enforcado na Inglaterra pelo suposto crime de ser espião em benefício dos alemães, durante a Primeira Guerra Mundial. Tido como amante da espiã Mata-Hari (Marguerite Gertrude Van Zelle Mac Leod), esta sim, executada pelos ingleses. Patrocínio Filho foi um egocêntrico, forjador de histórias fantásticas carentes de veracidade. O comentário a seguir é uma tentativa biográfica do boêmio jornalista.

Se os efeitos da criação fazem-se sentir no caráter do homem, marcando-lhe o temperamento e o proceder, então o fausto e o luxo com que foi cercado Patrocínio Filho, ao em vez de lhe serem úteis estragaram-no para a vida.

Quando lhe nasceu o filho, Patrocínio pai vivia o auge do prestígio como jornalista. Abastado, se não até mesmo rico, a frente do jornal "A Cidade do Rio", cercou o menino de um caudal de conforto que ultrapassou o exagero.

Nascido e criado na pobreza, tendo que enfrentar os maiores sacrifícios para sobreviver e formar-se, o velho não permitiu nunca que faltasse algo para o filho. E exagerou. O filho nunca o mereceu. Foram dinheiro e poder jogados fora; pérolas lançadas aos porcos...

Zeca, como era conhecido no Rio de Janeiro e mesmo na Europa, tinha a mania de cartaz e de grandeza. Dizia privar da amizade de reis e imperadores; artistas e intelectuais dos mais ilustres do mundo. O egocêntrico se vangloriava, conforme a história mostrou depois.

Ao morrer-lhe o pai, em 1905, graças ao peso do nome do abolicionista, passa a trabalhar na "Tribuna", de Felício dos Santos e na "A Nação", de Alcindo Guanabara. Faz poesias, as-

sinando-as como Jesephus do Patrocínio, Antonio Simples e João das Regras. Em 1909 encontra-se em Paris — é de supor que ainda pelo prestígio do genitor morto — onde entrevista Jean Jaurés, Savage Landor e Anatole France, para a "Gazeta de Notícias".

Não se revela pelo próprio talento ou força de vontade. Sobe porque assina Patrocínio. Em 1917 é adido consular do Brasil na Holanda. E aí, exatamente no honroso cargo diplomático que o guindou o nome glorioso do pai, é que vive a estranha e fantástica aventura que quase o leva ao patíbulo, na Inglaterra.

Ele viaja da Holanda para a Grã-Bretanha. A bordo, relaciona-se com um militar belga, o capitão Emile Reul. Dando vasa a sua tendência irreprimível para a fanfarronice, diz ao belga estar ligado a uma teia de espiões alemães que operam na Holanda. Ao desembarcar no porto inglês de Gravesend é "recepionado" pela polícia. O oficial belga o havia denunciado aos ingleses.

Ficou encarcerado por 403 dias na Inglaterra, só não sendo condenado à força (castigo destinado aos espiões) devido ao esforço de nosso embaixador Antonio Fontoura Xavier, que advogou a causa da deportação em favor do acusado.

De volta ao Brasil, em 1919, escreve um livro intitulado A Sinistra Aventura, espécie de autobiografia, onde diz relatar a aventura vivida como prisioneiro inglês. No livro, dá a entender haver sido amante de Marguerite Gertrude Van Zelle Mac Leod, conhecida artisticamente por Mata-Hari, famosa bailarina dos tempos da I Grande Guerra, que julgada espiã a serviço dos alemães, foi executada na Inglaterra.

O seguinte fato prova o mau caráter de Patrocínio Filho: morto o Tigre da Abolição, foi Coelho Neto quem arranhou com o então prefeito carioca, Bento Ribeiro, um emprego para a viúva de Patrocínio, a qual o filho nunca amparou. Um dia os amigos pensaram fazer Coelho Neto senador. Zeca, que lhe devia favores, mostrou a ingratidão, publicando no jornal "A Pátria", a 23 de fevereiro de 1923, um artigo intitulado "O Manipanso", no qual havia trechos como este:

"O senhor Coelho Neto? Mas esse mulato safado e sarará é a negação mais completa da literatura no Brasil.

Escreve com a resignada inconsciência com que os bonzos chineses manivellam os moinhos de rezar. Da sua obra copiosíssima não se salva uma página. Os seus 70 volumes nada provam.



Poderiam ser 140 se a natureza não tivesse tido uma injusta parcimônia ao atribuir-lhe os membros ambulatórios".

Ora, essa carrada de veneno não poderia atingir Coelho Neto. Fora um dos poucos amigos que não faltaram ao velho Patrocínio, pai de Zeca, quando o grande abolicionista perdera tudo já ao fim da vida, inclusive o próprio jornal.

Neto fez uma carta pessoal a Zeca e deu-lhe o troco. Acachapante. Acabou com o adversário. Começou assim: "Zeca. Li o teu artigo. O que nele me surpreendeu foi a parcimônia de misérias. Assinado com teu nome, devia ser mais torpe. Faze outro. Embebe, porém, a pena bem no fundo da tua alma para que saia obra digna de seu autor".

Estava aniquilado o trêfego atacante. Mas o brilhante autor de "A Conquista", livro que tanto enaltece a memória de José do Patrocínio, termina com estas palavras que tem o poder ciclópico do raio que fulmina as lonjuras no ímpeto da tempestade: "Eu podia responder-te com tuas próprias palavras, matar-te com tua

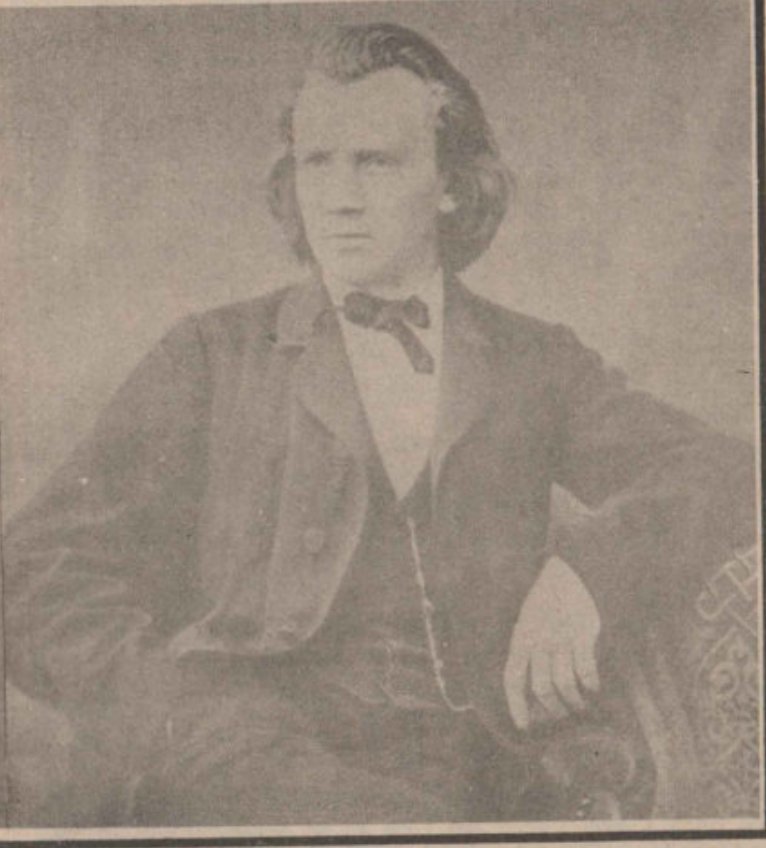
própria peçonha porque possuo cartas tuas e de tua mãe. Podia também apelar para o testemunho da Secretária do Ministério das Relações Exteriores, onde, comovido com as lágrimas de tua mãe e principalmente pelo culto que dedico à memória de teu pai, trabalhei empenhadamente para evitar que padecesses morte afrontosa, que é, como sabes, a morte dos traidores.

Fiz pouco, é verdade, mas sempre ajudei a quebrar os ferros de tua prisão. Expungir o estigma, isso é que não foi nem era possível".

E para rematar, liquidando o assunto, pois não voltaria mais a ele:

"Vives a teu modo, sordidamente. Mas, seja como for, é sempre melhor do que espernejar no patíbulo. Do que fiz por ti em Paris tenho as provas comovidas nas cartas que me escreveste. Não te respondo em um artigo de jornal para não aparecer em público ao teu lado. Questão de escrúpulo".

Este foi Patrocínio Filho. Que diferença do Patrocínio, pai, o herói da abolição, cuja síntese biográfica publicamos na já referida edição de setembro último.



O GENIAL CRIADOR DAS RAPSÓDIAS

Apareceu no mundo fantástico do classicismo compondo réquiem. E sem abandonar nunca o suave lirismo da poesia e o bafejo do romantismo mais puro, chegou a dar a impressão de um expoente dos sons vibrantes da mais fulgurante e estrepitosa das rapsódias. Suas rapsódias ou danças húngaras espelham talvez a sua personalidade escondida, oculta no amor platônico e nunca confessado que dedicou a Clara Wieck, esposa de Schumann, seu amigo e protetor no começo da carreira.

Referimo-nos a Brahms (Johann Brahms), nascido a 7 de maio de 1833 e falecido a 3 de abril de 1897, uma personalidade marcante que se evidencia pelos contrastes mais inesperados. Quando o pai (João Jacob Brahms, um pobre músico da banda municipal de Hamburgo) notou as qualidades do filho, fez o possível para que recebesse uma boa educação musical. A despeito da pobreza, esse pai esforçado e amigo, proporcionou ao rapaz os melhores mestres de Hamburgo. Sua iniciação foi de

teoria, piano, composição e instrumentação.

Mas as posses do pai, como vimos, eram diminutas. De sorte que Brahms, ainda estudante, teve de empregar-se nos cabarets e café-concertos que abundavam em Hamburgo, principalmente na zona de seu imenso porto.

Aí, talvez, residisse seu ímpeto para as rapsódias, que comporia posteriormente já na idade madura, simbolizando uma memória aos tempos da juventude.

Mas na realidade, as longas noites e o ambiente turvo dos marinheiros e dos "basfon" não são o mais apropriado para aperfeiçoar o estilo e formar a sensibilidade de Brahms, que anseia em deixar aquela vida. A sorte lhe chega aos 20 anos, na pessoa do também jovem violinista húngaro Remenyi, que lhe pediu o

acompanhasse em uma "tourné" artística. Brahms era, até então, completamente desconhecido. A excursão foi um sucesso.

Por esta época conhece Roberto Schumann, o chefe supremo da escola romântica. Schumann foi a mão poderosa que lhe faltava para ascender aos grandes círculos musicais da Europa. Através de Schumann conhece o grande amor de sua vida. Amor platônico, nunca concretizado, pois a inspiradora desse amor era Clara Wieck, a própria esposa de Schumann.

Um acontecimento doloroso impele-o a compor. A morte de sua mãe inspira-o. Nasce o Réquiem Alemão, sua primeira composição de sucesso. O Réquiem é um monumento maravilhoso de amor e piedade filial. É também, segundo os críticos, a

obra mais notável em seu gênero na metade do século XIX.

Refeito do golpe, ressurgiu versátil e inspirado. Lírico e romântico, suave e poético, tornou-se um criador abundante. A Berceuse, Segredo. Na Solidão do bosque, O ferreiro forjador, Amor fiel, Meu amor é verde como espinho., A lua, Rouxinol, Do amor eterno, A morte está na noite fresca, entre outras.

Ao morrer, moço ainda, pois contava apenas 64 anos, estava tão consagrado quanto seus contemporâneos Wagner, Beethoven e o próprio Schumann, que lhe indicara o caminho do sucesso. Pode-se dizer que Brahms exercitou todos os gêneros de música. Mas foi exatamente nas retumbantes rapsódias e danças húngaras que foi mais ele; mais soberbo e divinamente poético.

POESIA

LIÇÃO DE HUMANO OTIMISMO

Menotti Del Picchia

Acadêmico, autor de duas dezenas de livros todos com êxito de livraria e hoje consagrados como clássicos da literatura brasileira, Menotti Del Picchia foi consagrado há pouco pelo Governo do Estado de São Paulo com o prêmio Destaque do ano (1976) pelo conjunto

de sua obra. Membro de elite da Semana da Arte Moderna de 1922, numa época em que o Brasil inteiro cantava seu poema épico-nativista, Juca Mulato, passou a ser nome nacional.

Lição de Humano Otimismo, que publicamos no espaço a seguir, foi lido nu-

ma noite de junho de 1973 em homenagem a Ordem dos Velhos Jornalistas, pelo próprio Menotti, quando ele completava 80 anos de idade.

Lição de Humano Otimismo enquadra-se perfeitamente no espírito desta seção cultural. Além da beleza da forma que identifica o mestre de sempre, Menotti Del Picchia, o poema tem uma conotação de otimismo perfeitamente cooperativista. O poema é o canto de um octogenário que deslumbra a si e aos outros com a renovação de seu can-

to eternamente jovem. Veja-mô-lo:

LIÇÃO DE HUMANO OTIMISMO

Goza a euforia do vôo do anjo perdido em ti.
Não indagues se nossas estradas, tempo e vento,
Desabam no abismo.
Que sabes tu do fim?
Se temeres que teu mistério seja uma noite,
Enche-o de estrelas.
Conserva a ilusão de que teu vôo te leva sempre para mais alto.
No deslumbramento da ascensão,

Se pressentires que amanhã estarás mudo,
Esgota, como um pássaro, as canções que tens na garganta.
Canta. Canta para conservar uma ilusão de festa e de vitória.
Talvez as canções adormeçam as feras,
Que esperam devorar o pássaro.

Desde que nasceste não és mais que um vôo no tempo.
Rumo do céu?
Que importa a rota.
Voa e canta enquanto resistirem as asas!

Helio Pereira Bicudo



MEU DEPOIMENTO SOBRE O ESQUADRÃO DA MORTE

PONTIFÍCIA COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ DE SÃO PAULO

Um policial é morto em São Paulo por marginal traficante de tóxico. A reação da polícia não se faz esperar, porém de forma paradoxal e inusitada. Eles retiram 10 encarcerados do Presídio da rua Tiradentes e os fuzilam um a um nas estradas próximas a São Paulo. São os chamados "presuntos", dado o estado de decomposição dos cadáveres, por consequência da fuzilaria.

É esse o pano-de-fundo de "Meu Depoimento Sobre o Esquadrão da Morte", de autoria do promotor Hélio Pereira Bicudo, um pertinaz e intransigente membro do Ministério Público de São Paulo, que não aceitou cruzar os braços ante a institucionalização do crime por parte daqueles que deveriam coibí-lo, evitá-lo.

Na expressão de J. Batista Lemos, chefe da redação da Sucursal do "Jornal do Brasil" em São Paulo, o Presídio Tiradentes é a ante-câmara do patíbulo, e cujo principal símbolo era o assassínio impune. Para a polícia era fácil matar. Havia a certeza da impunidade. E depois, para que arriscar a vida enfrentando um marginal solto, quando bastava arrancar das masmorras do Presídio Tiradentes quantos encarcerados quisessem para o ritual da "vingança...".

O jornalista Ruy Mesquita, diretor do "O Estado de S. Paulo", prefaciando o livro, comparou os crimes bárbaros cometidos fria e calculadamente pelos membros do esquadrão da morte às chacinas praticadas pelos "gangsters" de Chicago na década dos anos 20 e 30. Mas a diferença — disse Ruy Mesquita — é que a impunidade relativa dos "gangster" de Chicago, que os Eliot Ness do FBI levaram anos para suprimir, decorria paradoxalmente do respeito sacrossanto que a democracia norte-americana vota aos direitos de cada um diante do poder público; direitos esses que assistem inclusive aos piores criminosos. Já a impunidade de nossos "intocáveis" do esquadrão da morte decorria de uma situação exatamente inversa, na qual qualquer cidadão, criminoso ou não, pode ter a certeza de que a lei não o protegerá desde que aos que detém o Poder não interesse que a lei o proteja.

A Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, que patrocinou a publicação do livro do promotor Hélio Bicudo, ao apresentar a obra, finaliza com a seguinte observação: "Ao patrocinar a publicação do presente trabalho, a Comissão de Justiça e Paz de São Paulo não teve em mira louvar a atuação de um dos seus mais ilustres membros, mas denunciar uma situação de permanente assalto à segurança pública, perpetrado por funcionários incumbidos de preservá-la.

OS DEZ NOVOS (ANTOLOGIA)

A obra é a soma dos dez contos premiados em concurso promovido pelo Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia das Missões, de Santo Ângelo, mais cinco de escritores convidados, dentre os quais Janer Cristaldo e Moacir Scliar. Entre os calouros da literatura, uma vez que o concurso resultou nesta edição da Sulina, menção especial para Arnildo Pommer, detentor do primeiro lugar, com o conto "Um Homem Inserido no Contexto". Natural de Santo Augusto, Arnildo é hoje funcionário da Rádio Progresso de Ijuí e aluno do curso de Estudos Sociais na Facu'ade de Filosofia da FIDENE. Novo ainda, Arnildo Pommer prepara material para uma futura possível edição de uma obra então só sua, para o que conta com o incentivo de escritores com os quais fez amizade após sua estréia nas letras. Os Dez Novos é um documento de uma iniciativa válida, porque nascida no seio estudantil, livre dos vícios que tantas vezes caracterizam o comportamento do mundo literário. O livro é encontrado nas livrarias do Estado.


MANUSEIO DE DEFENSIVOS

A Editora Aimara Ltda., de Pelotas, acaba de lançar dos engenheiros-agrônomo Henrique Salazar Calvero, Milton de Souza Guerra e Carlos Pereira Dutra da Silveira, todos do corpo docente da Universidade Federal de Pelotas, o "Manual de Inseticidas e Acaricidas em seus Aspectos Toxicológicos".

O livro também dá destaque à necessidade dos conhecimentos entomológicos sob o ponto-de-vista dos defensivos, através dos seguintes itens: uso de inseticida somente quando as pragas se aproximarem do nível de advertência; obediência correta das técnicas de aplicação, evitar o uso dos venenos perto de água potável como mananciais, represas ou rios e sempre fazer o planejamento prévio para cada tratamento.

FORRAGEIRAS PARA PLANALTO MÉDIO E MISSÕES

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA AGRICULTURA



FORMAÇÃO E MANEJO DE PASTAGENS PARA A REGIÃO DO PLANALTO MÉDIO E MISSÕES

Engenheiro Agrônomo Renato Borges de Medeiros

Formação e Manejo de Pastagens para a Região do Planalto Médio e Missões, de autoria do eng. agr. Renato Borges de Medeiros, em formato revista, numa edição da Secretaria da Agricultura do estado do Rio Grande do Sul, já está circulando para técnicos, instituições de ensino da área agro-pecuária e interessados em geral.

A revista tem sugestiva capa e ilustrações internas a cores, num bom trabalho gráfico da CORAG — Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas. Escrito em quatro capítulos e com ex-

tensa bibliografia, num total de 48 páginas mais as capas, o autor, que é veterano colaborador do COTRIJORNAL, destaca a situação da bovinocultura no Estado, o problema forrageiro, as forrageiras cultivadas e termina com considerações complementares sobre forrageiras e o problema ecológico.

Trata-se de obra até então inédita no Rio Grande do Sul, escrita por um técnico de reconhecida capacidade científica (é Master Science em forrageira) e que domina a redação de temas tecnológicos como poucos no nosso Estado.

NA SOMBRA DOS EUCALIPTOS

Recebemos das mãos de Cláudio Lopes dos Santos o livro de autoria de seu genitor, Carlos Lopes dos Santos, intitulado "Na sombra dos eucaliptos". Editado em 1975, com capa a cores de Nelson Boeira Faedrich, com dedicatória ao ex-governador Ildo Meneghetti, o livro é um pro-

nunciamento laudatório ao Esporte Clube Internacional, logicamente, o time da simpatia do autor. E sempre tendo como pano de fundo o Estádio dos Eucaliptos, o autor relata fatos interessantes de sua vivência de comerciante — hoje aposentado — rotariano e jornalista.

POR QUE SÓ GOVERNO CONSTRÓI ESTRADAS?

Recebemos de nosso associado, sr. Leopoldo Low, matrícula nº 15.216, ex-14, a seguinte correspondência:

Depois de tantas vezes autorizadas se terem levantado em prol da continuação e conclusão da nossa tão necessária RS 155, esta modesta voz de um simples usuário, na qualidade de produtor de porte médio, poderia parecer supérflua. Mas, afinal, estamos vivendo numa democracia, e a idéia que pretendo expor também para mim é nova. O que não é novo e nem é especialidade brasileira, é que o governo sempre luta com escassez de recursos, menos talvez os países "donos" do petróleo.

Há pouco ouvi dizer (não posso assumir responsabilidade, vou vender como comprei, mas acho que seria digno de pelo menos uma olhada), ouvi dizer que nos Estados Unidos, depois de pronto o projeto de uma estrada, se dá a concessão de uma ou várias companhias, as quais "se viram" referente aos recursos, mediante financiamentos e, concluindo a obra, por força da concessão cobrariam pedágio durante tantos anos quantos foram necessários para se fazerem pagos. Seria custear a rodovia pelo pedágio e não pelos impostos.

Boa idéia, se for possível fazer funcionar. Igual a tendência é transferir para o setor semi-estatal ou privado as atividades econômicas de interesse coletivo como energia, correio, telecomunicações e saneamento. Com a diferença que estas companhias já tem a sua renda, com a qual lhes é facilitado a ampliação dos seus serviços, enquanto que na rodovia só haveria renda após sua conclusão.

Ainda deve-se lembrar de que não se poderia transferir sem mais nem menos uma prática de um país para outro de condições diferentes. Nos Estados Unidos e no Canadá uma passagem de ônibus urbano custa US\$ 0,40 a 0,50, ou seja, Cr\$ 5,00 a 6,00 m/m: A gasolina custa m/m US\$ 0,20 ou seja, m/m Cr\$ 2,50 o litro.

O pedágio na Freeway Porto Alegre-Osório para um automóvel está agora em Cr\$ 12,00, o que já não é muito barato. Comparando com os preços dos ônibus, o americano talvez acharia um pedágio de US\$ 5,00, bem razoável.

Teria mais o problema da densidade do tráfego, da qual também dependeria a renda. Quem sabe um meio termo: pedágio até o limite admissível e o resto apenas pelos cofres públicos poderia ser a solução. Quem

não pagaria de um bom grado para viajar mais ligeiro e com menos despesas de combustível e manutenção do veículo? E mais: a própria rodovia, começada e concluída sem paralisações sairia muito mais barata.

Aqui estou eu no fim. Talvez um dos senhores que está na "luta" rodoviária e que tenha os dados à mão, faça uns cálculos e nos mande dizer algo através das colunas deste jornal. Cordiais saudações, Leopoldo Low, matrícula na COTRIJUI nº 15.216, ex 14.

"INSTITUT NATIONAL DE LA RECHERCHE AGRONOMIQUE

Publicamos, em resumo, correspondência enviada de Paris pelos professores Jean-Pierre Berlan e Jean-Pierre Bertrand, do "Institut National de la Recherche Agronomique", de Paris e Cândido Grzybowski, brasileiro que estuda na Sorbonne. Antecipamos que publicamos com esta edição, na seção Economia, a primeira parte do artigo assinado pelos correspondentes.

Paris, 17 de março de 1977. Prezado Senhor: Inicialmente queremos manifestar nosso reconhecimento pelo excelente trabalho que o senhor realiza através do COTRIJORNAL. A influência desse órgão especializado não só destaca a COTRIJUI no quadro econômico da agricultura do Brasil, mas vai além por contribuir ao debate sobre as formas de desenvolvimento e a política em relação à agricultura, por defender reivindicações dos agricultores e fortalecer o movimento cooperativista.

A nossa função específica é a análise econômica dos processos na agricultura. Nesta análise, as formas de organização cooperativista merecem uma atenção especial, dado o seu caráter de associações de produtores e a crescente importância que assumem, tanto em extensão como em quantidades de produção que controlam. Pensamos que é fundamental a discussão sobre o seu papel na agricultura.

Nossos estudos atuais tem em comum a pesquisa da agricultura brasileira, em especial a do sul. De diferentes modos tivemos a oportunidade de sentir o peso das cooperativas em seu desenvolvimento, sobretudo as de trigo e soja.

Essas diversas preocupações nos levaram a pensar na utilização, através do COTRIJORNAL, de estabelecer um inter-

câmbio que pode ser frutífero. Isso constitui, inclusive, parte de nossas atividades normais. Pensamos, assim, redigir um artigo sobre as cooperativas francesas de uma forma a ser útil ao debate que se desenvolve aí no Brasil. Ao mesmo tempo queremos fazer um outro artigo sobre cooperativas brasileiras, para ser publicado em jornal especializado na França.

Com isto, pensamos estar contribuindo para que as cooperativas se conheçam a nível internacional e para que as diferentes experiências de cooperação se desenvolvam. Atenciosamente. Jean-Pierre Berlan, Jean-Pierre Bertrand, Cândido Grzybowski.

PARABÊNS PELO PRÊMIO ABERJE DE JORNALISMO

Prezados Senhores: Pela presente temos a satisfação de comunicar a V. Sas. que foi com muito prazer que ao recebermos a última edição, de nº 58 da "Sua Boa Estrela", revista esta editada pela Mercedes Benz do Brasil S.A., constatamos que em suas páginas 30 e 31 tem um artigo no qual a Associação Brasileira de Editores de Jornais de Empresa (ABERJE), o qual, entre outros grandes veículos empresariais brasileiros, premiou o COTRIJORNAL, órgão editado por essa cooperativa.

Aproveitamos a oportunidade para nos parabenizar pela posição de destaque merecidamente alcançada pelo COTRIJORNAL e desejar que continue sempre o mesmo caminho a fim de levar para todo o País através do vibrante informativo, a pujança em todos os sentidos das riquezas produzidas na região e no Estado.

Aproveitamos a oportunidade para enviar-lhes alguns exemplares de "A Sua Boa Estrela", da mencionada edição. Atenciosamente, Orides Desordi, diretor de Veículos Debaeco S.A., Santo Ângelo, Rio Grande do Sul.

INSTITUTO CHILENO DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA

De nossa consideração: Me é muito grato saudar V.S. e juntar um exemplar de nosso boletim informativo correspondente ao último trimestre de 1976, assim como o catálogo de publicações ICECOOP para 1977. Esperando que ambos sejam de vosso interesse, saúdo-o atentamente. Myriam Saá de Larraín, chefe do Departamento de Comunicações. Santiago, Chile, 28 de janeiro de 1977.

NOVOS ENDEREÇOS

A Coordenadoria Regional do Instituto Nacional de Colonização a Reforma Agrária - INCRA - em Porto Alegre, tem novo endereço. Fica na av. Loureiro da Silva, 51 - 2º, 3º e 4º pavimentos, segundo circular assinada pelo sr. Carlos Plinio Sperb.

A Castrol do Brasil S.A. - Indústria e Comércio, do Rio de Janeiro, também comunica seu novo endereço. É av. Itaóca, 2.400, Bonsucesso - ZC 24 - 20.000 - Rio de Janeiro.

COTRIJORNAL, MATÉRIA NA PUC DE CAMPINAS

Não é preciso dizer que leio todo o seu jornal. Claro que me detenho mais em certas páginas e nas outras faço um vôo de pássaro. Este último número chamou-me a atenção especialmente, na página 15, a carruagem. É uma página muito interessante. Estou fazendo um estudo sobre transportes do passado. Outro estudo que estou fazendo é sobre Literatura de Cordel. Aliás, preciso fazer 20 artigos para a Folha de S. Paulo.

Também gostei do Espanhal na tradição popular. Os puristas estão praguejando você e a sua plantação. Mas como aceito que o fato folclórico é dinâmico e não estático e não essencialmente tradicional, anonimato e de transmissão oral, só posso dizer que estou de acordo. Só não gostei da expressão "tão típicas do interior brasileiro..." Tudo é típico, prefiro a expressão característica.

Reproduzi em xerox o "Rei do Rock Sinfônico" para os meus alunos de comunicações e artes plásticas na PUC de Campinas, aula de linguagem e estru-

turação musicais (1º ano) e para o 3º ano de especialização em música. São Paulo, 12 de março de 1977. Laura Della Mônica.

"CITE" DE PALMAS

Agradecemos o convite endereçado à redação pelo sr. Severino Collares, secretário do CITE de Palmas, de Bagé, para a extensa programação desenvolvida por aquele Clube de Serviço a 26 de março, inclusive com a participação do ecologista José Lutzenberger. Os trabalhos foram desenvolvidos na Estância Paraíso, de propriedade do sr. Favorino Tomás de Bretas Mércio. Infelizmente, em face de outros compromissos, não podemos comparecer.

COMUNICAÇÕES DE RECEBIMENTO

Teresa H. Toda, da Seção de Divulgação do Centro de Documentação e Biblioteca do Banco da Amazônia; professor José Ivo Follmann, vice diretor adjunto do CEDOPE, UNISINOS, de São Leopoldo e o estudante Clivis Kuntz, de Alecrim, agradecem o recebimento do COTRIJORNAL.

NOVOS PEDIDOS

Vera Rodrigues Castro, rua dos Passos, 355, Viçosa, Minas Gerais; Ibrantino Rebelo Flores, Caixa Postal, 401, Erechim; Sol Nascente - Pesquisa de Mercado, Planejamento e Representações, praça João Mendes, 42 - 6º andar, São Paulo; Arnildo Dressel, Caixa Postal, 0001, Tuparendi, RS e professor Paulo Mucenecki, do Setor de Informação Agrícola da Universidade Federal de Santa Maria, solicitam a remessa do COTRIJORNAL.

N. da R. - As solicitações foram atendidas.

Quando você pensar em plantar não comece sem ter MANAH.

MANAH é lucro certo. Seu amigo para quem planta. Maior qualidade. Maior produtividade. E só vai ganhar com MANAH.



MANAH



ADUBAÇÃO E MANEJO DA ALFAFA



Aspecto de um alfalal que vem recebendo adubações equilibradas e um correto manejo de cortes.

Eng. Agr. Renato Borges de MEDEIROS

Em solo profundo, bem drenado e convenientemente adubado, é possível estabelecer um bom alfalal. Entretanto, para mantê-lo com altos níveis de produção é necessário realizar adubações anuais equilibradas e um correto manejo de cortes.

A alfafa, assim como as demais plantas, à medida em que vai produzindo, vai determinando uma contínua redução na disponibilidade dos elementos fertilizantes do solo. Conforme resultados de pesquisa um alfalal que produz 12,35 t/ha/ano de feno pode remover as quantidades nutrientes expressas na tabela abaixo.

Quantidade de nutrientes removidos por 12,35 t/ha/ano de feno da alfafa 1

Elementos Removidos kg/ha	N	P	K	Ca	Mg	S
	280,2	28,2	280,2	196,2	32,2	28,0

Como se observa, o nitrogênio (N) e o potássio (K) são os elementos utilizados em maiores quantidades. Em termos de adubos, as quantidades de nitrogênio (280,2 kg/ha) e o potássio (280,2 kg/ha) removidos correspondem a uma reaplicação de 626,69 kg/ha e 470,01 kg/ha de Uréia e Cloreto de Potássio, respectivamente. No caso do nitrogênio, se o alfalal for eficientemente modulado com bactérias fixadoras de nitrogênio (Rhizobium), as necessidades das

plantas em nitrogênio poderão ser atendidas dispensando as adubações nitrogenadas. Entretanto, em nossas condições, não se tem conseguido modulações eficientes, principalmente em alfafa crioula. Este fato tem sido observado através da resposta que se obtém com a aplicação de nitrogênio, principalmente em alfafa recém estabelecidos. Em trabalho realizado com alfafa na Estação Experimental de São Gabriel, para produzir 9,16 t/ha de matéria seca, de setembro e março de 1969 (seis cortes) foram removidos do solo 24,7 kg/ha de fósforo e 174 kg/ha de potássio². Estes dados confirmam, em par-

te, os resultados apresentados na tabela anterior.

O cálcio (Ca) e o magnésio (Mg), em nossas condições, não devem preocupar, porquanto ao realizarmos as correções da acidez com calcário dolomítico, eles são fornecidos em quantidades satisfatórias.

As necessidades de enxofre podem ser atendidas aplicando-se o Superfosfato Simples que contém até 12% deste elemento. Com relação ao boro é recomendável uma aplicação

anual de 40 kg/ha, sendo uma parte em abril (15 kg/ha) e a outra em setembro (20 kg/ha). Estas informações, no caso de alfafa utilizada para feno, são extremamente importantes, pois geralmente toda a parte aérea das plantas são removidas pelos cortes, não retornando nenhum resíduo para o solo.

A reposição equilibrada dos nutrientes essenciais ao desenvolvimento da alfafa não terá os efeitos desejados se ela não for seguida de um adequado manejo de cortes. Isto porque a produção e a longevidade das plantas depende também do momento e da frequência dos cortes.

A coroa da raiz (parte da raiz principal junto ao nível do solo) é o local onde são armazenadas as reservas (açúcares) que garantem o rebrote após os cortes ou de um período de dormência (período em que as plantas paralisam o crescimento). Por isto, o conhecimento das tendências da disponibilidade de açúcares nas raízes da alfafa é essencial para o seu correto manejo de cortes. Isto porque após os cortes, além da energia consumida para os seus processos vegetativos normais, as reservas de açúcares das raízes também são utilizadas pela planta para realizar o rebrote.

Quando o novo crescimento inicia na primavera (em algumas regiões quentes do Estado, áreas de alfafa Crioula bem adubadas tem produzido o ano todo) ou depois que as plantas, tenham sido cortadas, as reservas

são utilizadas até que as plantas alcancem o crescimento máximo (estádio suculento). Após alcançar este estágio são formadas quantidades suficientes de açúcares pela fotossíntese, de tal sorte que as reservas das raízes começam a ser reestabelecidas. O máximo de reserva de açúcares disponíveis nas raízes é alcançado quando as plantas atingem o estágio de completa floração. E coincidentemente, quando a alfafa é cortada neste estágio, (completa floração), com as raízes apresentando um alto nível de reservas, ela consegue realizar rebrote mais rápido. Neste caso a produtividade e a persistência das plantas são mais facilmente mantidas.

Embora as plantas sejam beneficiadas pelo corte em plena floração, o feno que é produzido apresenta qualidade inferior em relação ao feno que é produzido quando o corte é realizado em estágio anterior a completa floração. A pesquisa tem demonstrado que é possível realizar o corte com as plantas a 1/10 de floração sem prejudicar a persistência e a produtividade do alfalal³. Embora neste estágio as raízes ainda não apresentem o nível mais alto de reservas, elas são suficientes a ponto de não debilitar as plantas. E neste estágio é possível colher além de uma alta quantidade de energia, também altas quantidades de proteína e minerais.

Embora a alfafa dependa basicamente das reservas de açúcares acumulados em suas raízes, ela poderá realizar um rebrote mais rápido e vigoroso se após o corte permanecer uma certa área foliar. Trabalhos realizados pelo Setor de Plantas Forrageiras da Faculdade de Agronomia da UFRGS, têm demonstrado que a permanência de uma resteva superior a 8 cm favorece substancialmente a velocidade do rebrote. Neste caso, com a permanência de uma área verde (tecido efetivo), menores quantidades de reservas são mobilizadas para a realização do rebrote. Além disso, realizando o corte a 8 cm acima do nível do solo, as gemas (na alfafa elas estão na base das plantas) responsáveis pelos sucessivos rebrotos são pouco ou quase nada danificados.

BIBLIOGRAFIA:

- (1) Murphy, W.M. & Johnson, M. J. The establishment and management of Alfafa in Central Oregon. Agricultural Experimental Station, Oregon State University Corvallis. Special Report - 456, mar. 1976.
- (2) Boletim Informativo. Instituto de Pesquisas Zootécnicas Francisco Osório. Secretaria da Agricultura (1), mar. 1976.
- (3) Smith, D. Experiments with the potassium fertilization of Alfafa for maximum production. Revista da Soc. Bras. de Zootecnia, v. 1, nº 2. 1974.

Use Adubos Trevo. Quem lida com fertilizantes há 46 anos, sabe muito bem como dar a você a terra prometida.

Podera, todo esse tempo em que os Adubos Trevo vêm fertilizando terras pelo Brasil afora, sempre se soube que Trevo é marca de fé. Garantia de colheitas fartas. Certeza do pão na mesa.

Final, toda a tecnologia desenvolvida em suas fábricas está voltada inteiramente para o aperfeiçoamento de fertilizantes e calcários adequados às terras brasileiras, de maneira a suprir suas deficiências.

Inclusive agora, o complexo industrial da Trevo, no Superporto de Rio Grande, lança no mercado, também, Supertrevo, o NPK Granulado,

numa composição única de Nitrogênio, Fósforo e Potássio. Sem contar a constante produção de outras formulações NPK, para os mais diversos tipos de culturas.

Por isso, quando chegar a hora de adubar, acredite nos Adubos Trevo, antes de tudo.

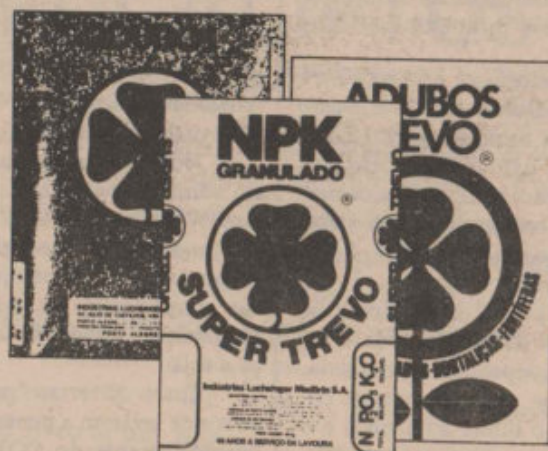
Prá deixar sua terra santa.

ADUBOS TREVO

Indústrias Luchsinger Madölin S.A.

Av. Júlio de Castilhos, 435

Fone 25-5455 - Porto Alegre - RS



PASTAGENS DE INVERNO



Pequenas quantidades de sementes de forrageiras os associados podem adquirir diretamente na Seção de Consumo.

PASTAGENS DE INVERNO

Procure formar pastagens de acordo com as recomendações do Departamento Técnico.

Espécie Forrageira	Época de Semeadura	Densidade kg/ha
aveia Coronado	abril a junho	90
aveia Suregrain	abril a junho	90
aveia Ipecoen	abril a junho	90
aveia Preta	abril a junho	80
aveia Anual	março a junho	20
Centeio	abril a junho	70
trevo "Yuchi"	abril a junho	8
trevo Branco yi	abril a junho	2
Festuca K-31	abril a junho	10
Pensacola	junho a outubro	25
Alfafa Crioula	abril a maio	15

CONSORCIAÇÕES RECOMENDADAS

- 70 kg/ha de aveia + 15 kg/ha de aveia Anual.
 - 60 kg/ha de Centeio + 15 kg/ha de aveia Anual.
 - Se o produtor desejar pode ainda semear junto trevo vermelho ou trevo "Yuchi", ou ainda ervilhaca.
 - 10 kg/ha de Festuca K-31 + 2 kg/ha de trevo branco yi.
 - A Pensacola pode ser semeada junto com o trigo.
- Para maiores informações procure o Departamento Técnico.

PRODUTOR DE SEMENTE: FISCALIZE A LAVOURA

Demonstrativo da semente condenada de soja da safra passada, por problema de feijão miúdo e mistura varietal:

Ijuí38.768 sacos
Santo Augusto.10.573 sacos
Vila Jóia16.293 sacos
Tenente Portela.9.182 sacos
TOTAL74.815 sacos
Total de semente de soja recebida pela COTRIJUI:

443.123 sacos.

Obs.: Estes dados são referentes aos Lotes de Semente Condenada durante a classificação, por não se enquadrarem dentro dos padrões de classificação aprovados pelo Conselho de Produtores de Semente da COTRIJUI.

Com esse demonstrativo, queremos novamente

alertar ao nosso corpo de produtores de sementes, que ele próprio é o melhor fiscal de sua lavoura, e que portanto, procure entregar somente só daquelas áreas que realmente estejam em condições de produzir uma semente de boa qualidade, evitando com isto prejuízos financeiros a si próprio.

PRODUTOR! CUIDADO COM AS MISTURAS NA SEMENTE

É durante a colheita que podem ocorrer os maiores problemas de mistura varietal, daí porque o Departamento Técnico da COTRIJUI solicita o máximo de atenção para estas recomendações.

1º) Nunca entregue como semente o produto colhido da bordadura da lavoura. Elimine para comércio, os primeiros 20 sacos ou mais, de todas as variedades.

2º) Marque na própria lavoura a sacaria com o nome da variedade.

3º) Só entregue a semente produzida naquelas áreas aprovadas pelo técnico e nas quantidades estimadas no

Certificado de Vistoria.

4º) Utilize somente sacaria nova.

5º) A velocidade do cilindro e abertura do côncavo requer regulagens apropriadas, para que a semente não sofra danos mecânicos, que virão prejudicar sua germinação posteriormente.

6º) Nunca esqueça de proceder rigorosa limpeza na automotriz, quando passar de uma variedade para outra
7º) Importante: a umidade máxima de recebimento é 13,5 por cento.

E lembre-se: o bom produtor acompanha a colheita de sua semente, do início até o fim.

HIPERGRAN

APRESENTA A SUA SUPERPRODUÇÃO

Aqui, a verdade provada: HIPERGRAN é superprodução no trigo. É menor custo de adubação por hectare. É mais dinheiro por safra. É lucro certo na mão. Fale com quem usa HIPERGRAN e compare o dinheiro gasto na adubação, com o resultado na boca da colheitadeira. Converse com o representante CRA de sua região e veja os argumentos dele, provados e comprovados. Seja um campeão na produção de Trigo.

COM HIPERGRAN A TERRA É BOA. HIPERGRAN É CRA.

companhia riograndense de adubos

Lavoura de trigo do Sr. ADEVINO JOÃO CONTRI
40 ha - Santo Ângelo - RS
Variedade: S 31 - Adubação: 250 kg/ha de HIPERGRAN 7-32-10*
Produção: 2.070 kg/ha - (34,5 sacos/ha) - Safra 1976
* HIPERGRAN 7-32-10 corresponde ao produto HIPERGRAN nº 73610
Reg. Min. Agricultura - RS - 1303
Garantias: N - 7%; P₂O₅ sol. - 32%; K₂O sol. - 10%; P₂O₅ sol. - 25%.

FEIRAS DO TERNEIRO EM 13 MUNICÍPIOS



Ampliada de 10 para 13 neste ano, realizar-se-ão de 18 de abril a 30 de junho, as Feiras de Terneiro organizadas pela Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul.

A Feira programada para Ijuí, que se realizará de 9 a 11 de junho, no já tradicional local, que são as dependências da Escola Municipal de 1º e 2º graus Assis Brasil, colocará a venda mais de 2.000 terneiros.

As inscrições para a Feira do Terneiro de Ijuí,

Inspetoria Veterinária que funciona junto ao Departamento Técnico da COTRIJUI, em Ijuí, ou também no escritório da COTRIJUI, em Santo Augusto.

Informações para as demais Feiras aparecem na tabela.

As feiras de Terneiro de um modo geral, além de estar possibilitando a diversificação, vem se constituindo numa nova alternativa econômica para os agricultores da região. De modo particular para a

vem há mais de três anos orientando o produtor para essa alternativa. Haja visto que agora com a incorporação da Cooperativa de Dom Pedrito, a COTRIJUI tem condições de abater e comercializar os animais terminados por seus associados.

A criação dessa infra estrutura no setor da pecuária de corte, poderá dar condições à cooperativa de dinamizar ao máximo esse modelo de produção, que virá possibilitar a inovação

Feiras	Período de Inscrição — compradores —	Data de Realização
Rosário do Sul	Encerradas	18, 19 a 20/04
São Borja	Encerradas	22, 23 e 20/04
S. Francisco P.	Encerradas	28, 29 e 30/04
Vacaria	Encerradas	3, 4 e 5/05
Pelotas	Encerradas	9, 10 e 11/05
J. de Castilhos	Encerradas	13, 14 e 15/05
Erexim	Encerradas	19, 20 e 21/05
Bagé	Encerradas	25, 26 e 27/05
Santa Maria	Encerradas	30, 31/05 e 01/06
Ijuí	20/02 a 24/05	9, 10 e 11/06
Palmeira das M.	20/02 a 24/05	13, 14 e 15/06
Santa Rosa	20/02 a 24/05	22, 23 e 24/06
Carazinho	20/02 a 24/05	28, 29 e 30/06

que começaram a 20 de fevereiro, poderão ser feitas até o dia 24 de maio, na

COTRIJUI as Feiras têm um significado todo especial, já que a cooperativa

tecnológica tão desejada para a pecuária rio-grandense.

MELHORES DEFENSIVOS PARA HORTALIÇAS E FRUTÍFERAS

Antes de aplicar defensivos em sua horta ou pomar, lembre-se que na COTRIJUI você encontra os produtos adequados.

Para hortaliças	
FUNGICIDAS	Adicionar por 100 lt. água
Batasan	75 g
Brema	170 g
Brassicol	300 g
Melpres	60 g
Peprosan	400 g
INSETICIDA	
Unden Em 20	200 g
Para Frutíferas	
FUNGICIDAS	Adicionar por 100 lit. água
Benlate	60 g
Difolatan Gf	200 cc
Dispreptine	50 g
Dithane M-45	250 g
Gebutox	100 g
Melprex	100 g
Peprosan	400 g
Solabar	4.300 g
INSETICIDAS	
Dipterex	200 g
Lebaycid	100 g

Maiores informações no Departamento Técnico.

SEMENTES DE HORTALIÇAS

Cebola-Baia Periforme	Beterraba
Repolho Híbrido	Couve-Flor
Alface	Cenoura
Rabanete	Rúcula

Organize sua horta com assistência do Depto. Técnico da COTRIJUI.

SOJA

OS EXCELENTES RESULTADOS DESTE ANO COMPROVAM:



As aplicações de herbicida Lazo mais Sencor® ou Lexone®, na superfície, após o plantio da soja e sem incorporar, resultam nos melhores controles de ervas e nas mais altas produções.

Laço
UM HERBICIDA
Monsanto

Comercialização e Serviços Técnicos no Brasil, pela Divisão Agrícola de **Indústrias Monsanto S.A.**
01301 Rua da Consolação, 661 - 1º andar
C. Postal 6341 - Tel. 257-7966
Telex 011-21883 - São Paulo - SP

LAÇO® é marca registrada de Monsanto Co.

ASSOCIADO PODERÁ PRODUIR LEITE EM DEZEMBRO

O levantamento de dados da produção leiteira realizado pelo Departamento Técnico da COTRIJUI já se encontra em fase de estudos. É importante que os associados saibam que não será possível desenvolver um programa de trabalho em toda a área de ação da Cooperativa. Inicialmente se buscará organizar a produção em Ijuí e municípios vizinhos. Numa outra etapa o mesmo programa deverá atingir aos locais mais distantes onde a Cooperativa atua.

No entanto, antes que seja elaborado e posto em prática o plano de trabalho é importante informar que o entusiasmo dos associados que estiveram presentes nas reuniões sugerem que o nosso quadro social está disposto a participar na reativação da produção leiteira da nossa região. Outra conclusão igualmente importante é de que há

necessidade de que o produtor leiteiro se conscientize de que é chegado o momento de pensar na pecuária leiteira dentro de uma nova dimensão. Neste sentido, profundas alterações deverão ser realizadas no atual sistema de produzir leite. Como fatores importantes a serem observados podem ser citados: a qualidade dos animais, a formação das pastagens, o manejo da produção, o manejo sanitário, as instalações e a higiene.

Com isto se pretende fazer com que a pecuária leiteira conduzida racionalmente se constitua num instrumento estabilizador dentro do instável quadro econômico em que se encontra a pequena propriedade. Face a isto o Departamento Técnico está estudando modelos de produção leiteira que serão em breve levados ao conhecimento dos associados interessados nesta área.



As recomendações que serão preconizadas pelo Departamento Técnico deverão ser encaminhadas

com a maior brevidade possível para que os associados possam ter condições de entregar

leite a CCGL já no próximo mês de dezembro.

COTRIJUI REPASSA MÁQUINAS

A COTRIJUI vem de receber as máquinas BRAUD 504, importadas da França e já começou a transferi-las aos associados através do repasse, com financiamento de até três anos.

Trata-se, segundo a direção da cooperativa, de máquina com alguns anos de experiência em lavouras brasileiras, notadamente na Foz do Iguaçu, onde o lavoureiro Edmundo Le Boulegard vem usando a BRAUD com sucesso. Ele, além de plantador, é mecânico formado, tendo feito curso de especialização na fábrica das automotrizas Braud, na França.

Esta máquina, que além de soja, trigo e milho é de fácil adaptação para colheita de arroz pois possui freio blindado que lhe permite operar em terrenos úmidos, é dotada de alguns mecanismos e acessórios utilíssimos para o lavoureiro: direção hidráulica, picador de palha, aspirador de pó; possibilita a troca do cilindro e do côncavo, para colher arroz. Segundo os técnicos da BRAUD, e mesmo produtores brasileiros que como o sr. Edmundo Le Boulegard a conhecem a fundo, a máquina é de fácil manejo e manutenção. Tanto é assim que muitas unidades já estão operando nas lavouras de soja. A cooperativa, ao repassar

a automotriz para seu associado, se compromete a dar completa

assistência técnica, fornecimento de peças, correias, etc.



Lavoureiros tomando contato com a Braud 504, fruto da tecnologia francesa.

O mais importante de um seguro é a certeza de que ele nunca vai falhar. A União faz um seguro tranquilo. Pergunte ao seu corretor.

Quando você faz um seguro, quer, em primeiro lugar, ter a certeza de que este seguro nunca vai falhar. A Companhia União de Seguros Gerais lhe proporciona isto, pelo mesmo motivo que tem cumprido seus compromissos durante 85 anos: solidez.

Deixe a União cuidar de sua segurança e fique realmente tranquilo. Chame a Corretora de sua Cooperativa. Ela estudará a fórmula perfeita para sua necessidade.



Cia. **UNIÃO**
de Seguros Gerais



85 anos de Segurança
Matriz: Porto Alegre
Empresa do Grupo Banrisul

COTRIJUI NA AMAZÔNIA EM FASE DE EXECUÇÃO

Durante solenidade realizada no gabinete do ministro da Agricultura, em Brasília, foi assinado a 17 último o documento que transferiu para a COTRIJUI 400 mil hectares de terras na região de Altamira, no estado do Pará, destinadas ao projeto de colonização a ser desenvolvido pela cooperativa.

O documento foi assinado pelo ministro Alysson Paulinelli, pelo presidente do INCRA, José Lourenço Tavares Vieira da Silva, e pelo presidente e vice-presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva e Arnaldo Oscar Drews, respectivamente, tendo assinado como testemunha o senador Jarbas Passarinho.

Falaram na oportunidade ressaltando a significação do projeto o ministro Alysson Paulinelli; o presidente do INCRA, José Lourenço Vieira da Silva, e o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, todos ressaltando a grandeza do empreendimento e focalizando suas perspectivas para o futuro daquela região do norte do País.

Após o ato de assinatura o presidente da COTRIJUI concebeu entrevista coletiva à imprensa de Brasília, quando forneceu detalhes do projeto e respondeu perguntas relacionadas com a economia agrícola, com enfoques especiais para a soja e o trigo.

Viajaram a Brasília para participar do ato de assinatura do documento, além do presidente e vice-presidente, mais os diretores Clóvis Adriano Farina e Alceu Carlos Hickembick, os conselheiros Alfredo Driemeyer, Reinhold Luiz Kommers, José Cláudio Koehler, Emilio Uhde, Pedro Bizarelo e Hugo Lino Costa Beber, além do coordenador do Projeto, economista Edgar Irio Simm.

O QUE VAI SER O PROJETO

Duas mil famílias de agricultores associados da COTRIJUI serão transferidas para a Amazônia Legal, num prazo to-

tal de dez anos, a uma média anual de duzentas economias. A cooperativa decidiu-se pela aceitação do projeto, a convite do INCRA, tendo em vista a necessidade de se criarem alternativas adicionais para o minifúndio em sua área de ação.

Em termos estaduais, a estrutura fundiária gaúcha é caracterizada pela predominância dos minifúndios, totalizando hoje mais de oitenta por cento dos estabelecimentos ou economias familiares existentes. Em vista disso, mais de 400 mil unidades de produção, pelo seu tamanho, tipo de atividade ou de culturas, além da forma da tecnologia empregada, estão fadadas à marginalização.

Para evitá-los, ou pelos menos, diminuí-los, é necessário aumentar o tamanho das unidades de produção, modificar ou adequar as atividades culturais às pequenas propriedades, dando novas opções como a exploração racional dos horti-granjeiros, criação de pequenos animais, com plena diversificação.

A iniciativa que está redundando no Projeto COTRIJUI-INCRA, constitui-se pois num programa associado de colonização e remembramento de minifúndios, com vistas a modificar o tamanho das unidades de produção na área de atuação da cooperativa.

Numa primeira etapa, a COTRIJUI pretende localizar no estado do Pará, a cerca de 80 quilômetros de Altamira, uma infra-estrutura capaz de derrubar e aproveitar comercialmente 200 mil hectares de matas, em cujo espaço será instalada a futura colonização. As restantes 200 mil hectares serão conservadas como reserva florestal. Cada família transferida receberá 200 hectares, sendo 100 hectares de área contínua, pronta para a agricultura e racionalmente preparada. As outras 100 hectares ficarão intocadas como reserva florestal. Cada 100 hectares que o colono receberá para lavoura estará destocada e pronta para a agricultura mecanizada.

O QUE O AGRICULTOR VAI PLANTAR

Nos lotes-modelos a serem estabelecidos, a cooperativa vai sugerir duas combinações de culturas. Lotes "A", onde cultivará 11 hectares com feijão, 32 hectares com arroz e quatro hectares com cana-de-açúcar, perfazendo uma área total limpa de 47 hectares, que o agricultor poderá ampliar na medida em que dispuser de mão-de-obra. No lote "B" ele cultivará culturas perenes. Ou seja: um hectare de cacau, cinco hectares de dendê, um hectare de café. Plantará também neste lote "B", oito hectares de feijão, oito hectares de arroz e 12 hectares de soja, totalizando 25 hectares. Segundo cálculos manifestados pelo economista Edgar Irio Simm, coordenador do Projeto Cotrijui-Amazônia, o agricultor que no Rio Grande do Sul detém um lote entre 10 e 20 hectares, terá condições de multiplicar por seis os níveis de sua renda familiar.

COLÔNIA DE FÉRIAS DA COTRIJUI

De 16 de dezembro de 1976 até fins de março deste ano, 2.920 pessoas gozaram férias na praia do Cassino em Rio Grande, hospedando-se na Colônia de Férias COTRIJUI, ex-Turis Hotel. Associados, funcionários, grupos de estudantes e professores, obedecendo programação pré-estabelecida, foram ao Cassino descansar e conhecer ou rever seus atrativos. Segundo levantamento feito pela coordenação, a grande maioria dos veranistas que a Colônia de

Férias COTRIJUI hospedou na temporada que findou, se integrou as excursões programadas, isto é, viajando em ônibus especialmente fretados.

A fase preparatória das excursões dá-se na região de origem dos associados, que encaminham inscrições junto ao Departamento de Comunicação e Educação Cooperativista. Este setor, em contato constante com a gerência do hotel e coordenação das excursões, já em Rio Grande, informa das

datas de saída, chegada, número de veranistas. Já na praia do Cassino, os funcionários Amaury de Almeida e Ivo Bazilio, além de outros, proporcionam atendimento aos excursionistas desde a chegada até que findem as férias.

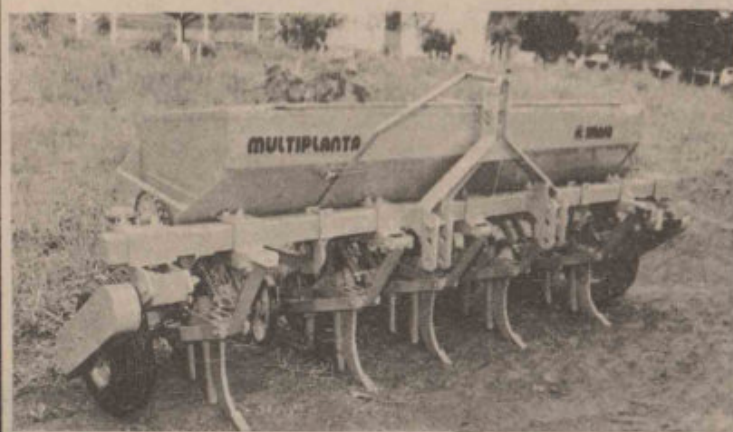
São atrações em Rio Grande, a Noiva do Mar, além da praia do Cassino, os Molhes, o Terminal Granelero "Luiz Fogliatto", o Museu Oceanográfico, além de outros pontos. No próxi-

mo verão, a oportunidade para conhecer tudo isso será renovada, principalmente para aqueles que ainda não

estiveram lá. Na foto grupo de associados ao retornar, sob a coordenação do conselheiro Emilio Uhde.



MULTIPLANTA IMASA



Já está no mercado nacional e com grande sucesso a MULTIPLANTA IMASA. MULTIPLANTA IMASA, apresenta 3 opções para sulcar o solo, de acordo com as variações do mesmo: DISCOS HORIZONTAIS com menor diâmetro, com revolvimento de terra localizado. Sistema de sulcadores (PÉ-DE-PATO) conforme foto, para abertura de sulco em maior profundidade e DISCOS VERTICAIS, para terrenos com incidência de raízes e pedregulhos. E com a MULTIPLANTA IMASA os agricultores terão maior nº de linhas de plantio na semeadura de trigo e arroz. MULTIPLANTA IMASA, além do plantio convencional, faz também o PLANTIO DIRETO, em resteva de trigo.



CADERNO DE TRIGO



COTRIJORNAL

Edição de abril de 1977

NOSSA LUTA PELO AUMENTO DA PRODUTIVIDADE

Ao apresentarmos a nossos associados um caderno especial sobre trigo, é bom dar aqui, de forma sintética, um relato do acompanhamento que a COTRIJUI vem tendo da política adotada em torno desse cereal, visando ampliar sua produção e, o que é mais importante, fazer crescer seus índices de produtividade.

Desde há três anos, o Departamento Técnico dispensa especial atenção ao trabalho de pesquisa da Secretaria da Agricultura, EMBRAPA e FECOTRIGO, que de forma conjunta procuraram demonstrar rentabilidade econômica de boa a excelente para a lavoura tritícola, uma vez observados certos critérios. Importante destacar desse acompanhamento, o fato de ter a COTRIJUI proporcionado a 80 produtores de semente, em outubro de 1976, participar de um Dia de Campo, tanto na EMBRAPA quanto na FECOTRIGO. Na observação detalhada dos experimentos, na constatação de resultados práticos, tiveram os agricultores oportunidade de dialogar com os técnicos que encaminharam as pesquisas, colhendo subsídios e também expondo seus problemas e preocupações em torno da lavoura tritícola. A nível técnico, também o departamento manteve a mesma proximidade com os campos de pesquisa. Em dezembro do ano passado, elementos da COTRIJUI participaram do encontro conjunto da Secretaria da Agricultu-

ra, FECOTRIGO e EMBRAPA, onde houve troca de informações sobre toda a pesquisa feita com o objetivo de dinamizar a política tritícola, no campo da produção e produtividade. Mais recentemente, em março deste ano, cinco engenheiros agrônomos da COTRIJUI participaram de um curso de preparação de pessoal técnico, realizado pela EMBRAPA, mais uma vez visando dotar os responsáveis pela assistência técnica na nova lavoura de trigo, das condições exigidas para um bom desempenho de suas funções.

A partir disso, o Departamento Técnico da COTRIJUI, chefiado pelo Dr. Nedy Borges, tinha os elementos necessários para elaborar um programa de ação a ser posto em prática na safra de trigo de 1977, em toda a área de alcance da cooperativa. Um primeiro passo foi reunir todo o pessoal técnico — agrônomos e Técnicos Agrícolas de nível médio, no período de 14 a 17 de março. Durante quatro dias, os agrônomos que participaram do curso especial na EMBRAPA, transmitiram as informações recebidas aos seus colegas. A etapa seguinte, seria a preparação de agricultores, que visou além de dar conhecimento dos aspectos técnicos da lavoura de trigo na safra deste ano, fornecer aos agricultores os elementos para encaminharem suas propostas de financiamento. Esta fase durou de 18 a 30 de março, tendo sido coberta com a realização de mui-

tas reuniões, toda a área de ação da COTRIJUI.

Ressalte-se aqui a boa vontade dos gerentes e assessores, das agências do Banco do Brasil S.A. em municípios onde atua a COTRIJUI, que solícitos forneceram as informações depois repassadas pelos departamentos técnico e de crédito da cooperativa a seus associados. Inclusive, decorrente da troca de idéia havida, optou o estabelecimento creditício pela uniformização da distribuição de verbas para financiamento do custeio da lavoura de trigo, deixando a critério do técnico que prestar a assistência estabelecer os valores, sempre seguindo regulamentação pré-elaborada.

Quanto a utilização de fungicidas e inseticidas, o Departamento Técnico da COTRIJUI, dentre os produtos indicados pela pesquisa, houve por bem selecionar um programa de tratamento, levando em conta para isso, segundo o Dr. Nedy Borges, dois fatores: eficiência e economicidade. Dentro desse programa, a assistência técnica saberá dar ao produtor o devido aconselhamento, determinando qual o tratamento mais indicado.

O recebimento de propostas para elaboração dos contratos de financiamento da lavoura de trigo está se processando desde 28 de março último. O documento se faz acompanhar do respectivo laudo técnico, obtendo-se assim a relação dos associados que farão aplicação de fungici-

das. Saliente-se que os contratos são feitos de forma executiva, isto é, o associado encaminha a proposta e assina o contrato no mesmo dia.

Quando o setor competente der por terminado esta tarefa, é que então o Departamento Técnico da COTRIJUI programará a assistência técnica, prevenindo-se para o mês de maio a primeira visita dos técnicos às lavouras onde ocorrerá tratamento fúngico. Será quando o técnico providenciará na troca e ajuste das peças do equipamento a ser usado na pulverização. Mais uma vez convém enfatizar o posicionamento do Departamento Técnico a propósito desse particular. Segundo seu diretor, Dr. Nedy Borges, é indispensável essa troca e o devido ajuste, para que se alcance a eficiência almejada no controle das doenças. Assim, quando chegar o mês de julho, época prevista para a primeira aplicação, o equipamento estará em perfeitas condições, evitando-se assim perda de tempo em nova regulagem no equipamento pelos encarregados da assistência técnica.

Para se enfatizar a preocupação que a COTRIJUI dispensará a lavoura tritícola na safra/77, vale dizer que 49 elementos, sendo 10 deles agrônomos e os de-

mais 39 técnicos de nível médio, foram especialmente preparados para a realização deste tipo de trabalho assistencial. Caso a necessidade comprove, esse quadro poderá ser ampliado.

A técnica a ser utilizada na lavoura de trigo deste ano, com a utilização de fungicidas, constitui-se no coroamento de todos os cuidados já tradicionais dispensados pelos produtores de trigo em safras passadas. Equivale dizer, é um passo importantíssimo a ser dado por todos quantos buscam maior rentabilidade, e com efetivo aumento da margem de segurança para se alcançar tal objetivo.

Para finalizar: o Departamento Técnico da COTRIJUI acompanhará, pari-passu, o desenvolvimento das lavouras de trigo que receberão tratamento com fungicidas, anotando ao final os índices de produtividade que cada propriedade alcançará, para dar ampla divulgação desses resultados. A área total das lavouras que receberão este tipo de tratamento é de cerca de 30 mil hectares. Na opinião do Diretor Técnico da COTRIJUI, será possível obter um rendimento médio não inferior a 1.500 kg/ha, índice este preconizado pelo CNPTRIGO como ideal para a lavoura tritícola.

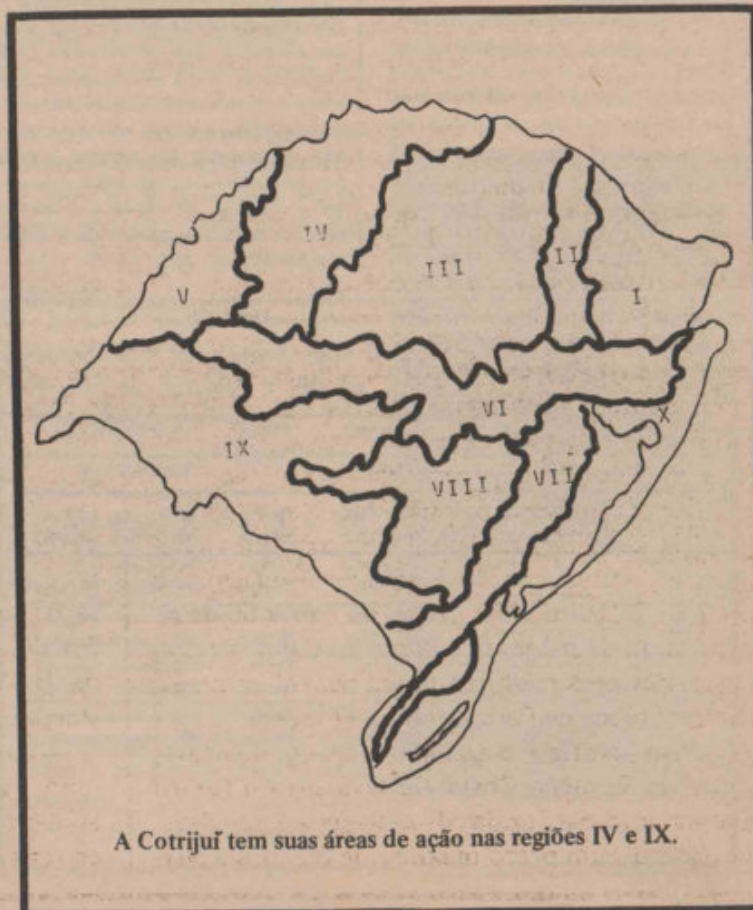
RECOMENDAÇÕES DE VARIEDADES

As variedades recomendadas pela Comissão Sul Brasileira de Trigo, para cultivo no Rio Grande do Sul, foram estudadas quanto ao rendimento de grãos, nas regiões tritícolas, I, II, III, IV e V. Dentro de cada região as variedades são apresentadas em ordem decrescente de rendimento. Aparecem em negrito as que mais se destacaram. Visa-se com este procedimento a indicação de melhores opções aos triticultores, com base nos resultados obtidos pela pesquisa nos anos de 1971, 1972 e 1973. Nas demais regiões o número de informações ainda não permite recomendação semelhante.

REGIÃO I

Precoce: **IAS-64**, **IAS-58**, Jacuí, **IAS-61**, Lagoa Vermelha, Cotiporã, **IAS-54**, B-15, **IAS-59**, Erexim, B-20, Nobre, S-76, C-33, **IAS-62**, **IAS-57**, **IAS-20**, **IAS-63**, Frontana, **IAS-55**.

Tardios: **IAS-60**, Encruzilhada, Cinquentenário, Toropi, Dom Marco.



A Cotrijuí tem suas áreas de ação nas regiões IV e IX.

REGIÃO II

Precoces: IAS-58, IAS-63, B-15, C-33, Jacui, S-76, B-20, IAS-62, IAS-57, IAS-59, IAS-55, IAS-61, IAS-64, Lagoa Vermelha, IAS-54, Nobre, Frontana, IAS-20, Cotiporã, Erexim.

Tardios: IAS-60, Dom Feliciano, Toropi, Vila Rica, Encruzilhada, Cinquentenário, Dom Marco, Santa Bárbara.

REGIÃO III

Precoces: Jacui, B-20, S-76, IAS-64, IAS-58, C-33, IAS-62, Nobre, IAS-59, IAS-63, IAS-57, Lagoa Vermelha, B-15, Erexim, IAS-61, IAS-55, IAS-20, Frontana, IAS-54, Cotiporã.

Tardios: Santa Bárbara, Cinquentenário, Encruzilhada, Toropi, Dom Marcos, IAS-60.

REGIÃO IV

Precoces: Jacui, B-20, IAS-63, IAS-58, IAS-59, B-15, IAS-20, Nobre, IAS-54, Erexim, IAS-64, IAS-55, IAS-57, Cotiporã, IAS-62, Frontana, C-33, Lagoa Vermelha, S-76, IAS-61, IAS-56.

Tardios: Toropi, Santa Bárbara, Encruzilhada, Cinquentenário, IAS-60, Dom Marco.

REGIÃO V

Precoces: IAS-61, B-20, IAS-64, IAS-58, S-76, B-15, IAS-62, Jacui, IAS-59, IAS-55, Erexim, IAS-54, IAS-57, IAS-20, Nobre, C-33, Frontana, IAS-63, Lagoa Vermelha, IAS-56, Cotiporã.

Tardios: Cinquentenário, Encruzilhada, IAS-60, Dom Marco, Toropi.

ÉPOCAS DE SEMEADURA

Considerações gerais - A importância do planejamento da sementeira de uma lavoura é inquestionável para a obtenção de elevados rendimentos. Com exceção das pequenas lavouras, não é possível dispor-se de máquinas e tempo suficiente para semear na melhor época. O rendimento médio só sempre dependente, primeiramente, da ação conjunta dos fatores meteorológicos sobre os diferentes plantios de uma lavoura. Como o tempo não pode ser previsto a longo prazo, a recomendação geral de épocas de sementeira para cada região será baseada nos resultados obtidos em vários anos, ensaios ecológicos e outros tipos de experimentos de épocas de sementeira. Uma curva de resposta integrada por dados de rendimentos obtidos em vários anos, na faixa de sementeira de cada região permitiu caracterizar uma faixa de sementeira mais "favorável" para cultivares de diferentes ciclos e comportamentos bioclimáticos. Esta "faixa da época de sementeira recomendada", do ponto de vista agroclimático, representa o tipo de resposta em termos de rendimento de grãos, normal ou mais frequente. A recomendação de épocas de sementeira abrange variedades precoces (inclui IAS-54 e IAS-55) e tardias.

Distribuição de sementeira - Deve-se começar a sementeira na data inicial da recomendação. Nos primeiros cinco dias não devem ser semeadas mais do que 20% da lavoura. Deve ser evitada a sementeira de variedades muito precoces em áreas baixas ou canhadas, sujeitas a fortes inversões de temperatura, para evitar danos por temperaturas de congelamen-

to. Estas áreas são caracterizadas pela ocorrência frequente de geadas durante o inverno e o início da primavera.

A sementeira nas coxilhas deve ser sempre iniciada da meia-encosta para cima, reservando-se as áreas baixas da canhadas para sementeiras de variedades tardias ou de plantios da faixa ótima.

Pelo menos 60 a 70% da área da lavoura deve ser semeada na faixa de épocas consideradas ótima ou ideal, que corresponde a um período dentro da faixa de sementeira recomendada, onde se obtém os rendimentos médios mais elevados. Pelo menos 10% da área total deve ser reservado para sementeira no fim da recomendação. Toleram-se sementeiras cinco dias antes do início da recomendação e dez dias depois.

Densidade de sementeira - A quantidade de semente que deve ser semeada varia conforme o ciclo da planta e a época de sementeira. As densidades por unidade de área são de 250 e 300 sementes aptas por m² para as variedades tardias e precoces. Quando a sementeira é feita no tarde deve ser aumentado o número de sementes a fim de ser compensado o menor número de aflhos.

Profundidade de sementeira - A profundidade na qual convém colocar a semente deve oscilar entre 2 a 5 centímetros. Maior profundidade dificulta a germinação. Menor profundidade expõe a semente ao sol e ao ataque de pássaros. Em resumo, a profundidade deve ser suficiente para obter a umidade necessária e a menor possível para assegurar o calor indispensável.

REGIÃO	ÉPOCA RECOMENDADA	PERÍODO ÓTIMO	CICLO	DENSIDADE DE SEMEADURA
I	5/6 a 20/7 20/6 a 31/7	10/6 a 10/7 25/6 a 20/7	Tardia Precoce	250 semente aptas/m ² 300 semente aptas/m ²
II	20/5 a 10/7 1/6 a 10/7	20/5 a 20/6 5/6 a 30/6	Tardia Precoce	250 semente aptas/m ² 300 semente aptas/m ²
III	10/5 a 30/6 25/5 a 10/7	15/5 a 15/6 25/5 a 20/6	Tardia Precoce	250 semente aptas/m ² 300 semente aptas/m ²
IV	10/5 a 20/6 15/5 a 30/6	15/5 a 15/6 20/5 a 20/6	Tardia Precoce	250 semente aptas/m ² 300 semente aptas/m ²
V	15/5 a 15/6 10/5 a 20/6	20/5 a 10/6 15/5 a 15/6	Tardia Precoce	250 semente aptas/m ² 300 semente aptas/m ²

DENSIDADE DE PLANTIO PARA LAVOURAS

GERMINAÇÃO %	Nº SEMENTES POR METRO LINEAR	VARIEDADES				
		JACUI S-31 IAS-63	C-33	C-3 CNT-7 C-17	IAS-54 IAS-61 FROTAS B-20	
80 82	68	124	119	115	95	
83 85	65	120	115	111	95	
86 88	63	116	111	107	89	
89 91	61	112	107	103	86	
92 94	59	108	104	100	83	
95 97	57	105	101	97	81	
98	55	103	99	95	80	

ESPAÇAMENTO: 18 Cm

DENSIDADE: 300 PLANTAS POR METRO QUADRADO

DENSIDADE DE PLANTIO PARA LAVOURAS COM

GERMINAÇÃO %	Nº SEMENTES POR METRO LINEAR	VARIEDADES EM				
		JACUI S-31 IAS-63	C-33	C-3 CNT-7 C-17	MARINGÁ CNT-2	
80 82	81	149	143	127	133	
83 85	78	144	138	122	128	
86 88	75	139	133	118	123	
89 91	73	135	129	114	119	
92 94	70	130	125	110	115	
95 97	68	126	121	107	112	
98	66	124	118	105	110	

ESPAÇAMENTO: 18 Cm

DENSIDADE: 360 PLANTAS POR METRO QUADRADO

CONTROLE INTEGRADO PRAGAS E MOLÉSTIAS

O cumprimento integral do programa de tratamento com fungicidas deve ser considerado como um dos fatores mais importantes na obtenção de bons resultados. Portanto, deve-se observar rigorosamente as recomendações técnicas sabendo que o cumprimento parcial deste programa poderá comprometer os seus resultados.

Tratamento da parte aérea - Em variedades suscetíveis ao ataque da cinza ou oídio, realizar o tratamento quando a lavoura apresentar 20% da superfície foliar coberta com os sinais do fungo. Aplicar um dos produtos constantes no grupo 1. Caso ocorrer novo

ataque de oídio aos níveis anteriores, recomenda-se mistura de um composto do grupo 1 com um do grupo 2, com a finalidade de reforçar o controle da moléstia.

Produtos Recomendados e Dosagens

Nome Técnico	Nome Comercial	% P.A.	Dosagem
Enxofre Molhável	Thiovit	80	200 g/m ²
Dinocap	Karathane	22,5	0,5 l/m ²
Oxitiuquinox	Morestan	25	0,5 l/m ²
Triadimefon	Bayleton	25	0,5 l/m ²
Ethirimol	Milgo	28	1,0 l/m ²

FUNGICIDAS	
Kg / Ha	
MARINGÁ	IAS-61
CNT-2	
110	115
107	111
103	107
99	103
96	100
93	97
91	95

FUNGICIDAS	
/ Ha	
IAS-54	
IAS-62	
FRONTANA	
B-20	
138	115
133	110
130	107
124	103
120	100
116	97
114	95

Os fungicidas e dosagens indicados são: (Grupo 2)

Nome Técnico	Nome Comercial	% P.A.	Dosagem
Maneb, Maneb ativado ou Mancozeb	Maneb, Manzate D ou Dithane M-45	80	2 - 2,5 kg/ha
Ziran	Rodisan	50	2 - 3,0 kg/ha
Thiran	Rhodiavran	50	2 - 3,0 kg/ha
Maneb + Captafol	Maneb, Manzate D. ou Dithane M-45 + 80+39 Difolatan		1 kg + 2 lt/ha

É conveniente adicionar um espalhante adesivo. Objetivando o controle dessas moléstias, proceder a pulverização durante o emborrachamento, repetindo cerca de 10 a 15 dias após. Já que o tratamento é de caráter preventivo, é importante que a época de aplicação seja observada, dando-se preferência aos estágios iniciais de emborrachamento. Em casos especiais, com ataques muito fortes ou com uma das aplicações prejudicadas por chuvas imediatas, deve-se repetir o tratamento.

Visando o controle de doenças das espigas, (Giberela e Septoria) acrescentar na última pulverização (início da floração) um dos seguintes produtos. (Grupo 3)

Nome Técnico	Nome Comercial	% P.A.	Dosagem
Benomil	Benlate	50	0,5 kg/ha
Carbendazin	Derosal	60	0,5 kg/ha
Metiltiofanato	Cicosin-Cercobin	70	0,7 kg/ha
Thiabendazole	Tecto	45	0,5 - 0,7 L/ha
Triadimefon	Bayleton	25	0,5 kg/ha

Todos os fungicidas recomendados são compatíveis com os inseticidas indicados para o controle das pragas do trigo. A aplicação de fungicidas deve sempre ter o assessoramento direto de um técnico especializado. Só as lavouras com alto potencial de produção justificam os tratamentos propostos. Em lavouras com nível técnico baixo não se deverá esperar resultados promissores.



Escala para graduação da infestação do Oídio.

PRAGAS DO TRIGO

PULGÕES

As pragas do trigo, principalmente os pulgões, são considerados ao lado das doenças, como os principais fatores na queda da produção. Os danos causados pelos pulgões podem ser

observados nas seguintes partes: redução no peso dos grãos, menor peso hectolitro, redução no poder germinativo das sementes e redução do número de grãos por espiga. Além destes danos, os pulgões podem ser vetores de viroses.

O rápido aumento da população e a velocidade de dispersão dos pulgões tem mostrado que as condições naturais são ineficientes para evitar os prejuízos ocorridos na lavoura do trigo. Por outro lado o uso adequado dos inseticidas tem sido a maneira prática e rápida de controle dessa praga. Entretanto o uso abusivo ou o mau uso desses produtos poderá agravar os problemas de poluição, intoxicação animal e humana, além de eliminar os inimigos naturais e por consequência facilitar o aparecimento de novos surtos.

As aplicações de inseticidas na forma de pó, visando o controle de pulgões em trigo, não apresentam a mesma eficiência e período de proteção que os inseticidas líquidos aplicados em

forma de pulverização. Portanto, não é recomendável a aplicação de pó.

Na escolha dos inseticidas líquidos em forma de ultra-baixo volume (UBV) ou diluídos em água para aplicação em alto ou baixo volume deverá ser levado em consideração especialmente a seletividade a inimigos naturais. O uso generalizado de produtos químicos, com esta característica, permitirá o aumento populacional de insetos úteis e deverá reduzir o número de aplicações de inseticidas.

ÉPOCA DE CONTROLE DOS PULGÕES

No momento da aplicação do fungicida deverá acompanhar o inseticida para controle de pulgões.

INSETICIDAS RECOMENDADOS PARA COMBATE DE PULGÕES

Nome Técnico	Nome Comercial	Dosagem/ha	Eficácia %	Período Proteção (Dias)	Toxidez a Inimigos Naturais	Toxidez Dermal a Mamíferos
Fenitrotion + Malation	Ambition 1000 E	1,0	70 - 90	10 - 15	Alta	Muito Leve
Clorpirifós	Losban	0,4	80 - 90	10 - 15	Alta	Baixa
Dicrotofós + Monocrotofós	Afidrin 25 S	0,4	75 - 95	15 - 20	Alta	Moderada
Dimetoato	Perfection 50 CE	0,7	40 - 60	10 - 15	Alta	Baixa
Fenitrotion	Folition 100E	1,0	85 - 95	10 - 15	Alta	Muito Leve
Fosalone	Zolone	1,5	75 - 95	10 - 15	Alta	Moderada
Fosfamidom	Dimecron 50E	0,6	65 - 75	15 - 20	Alta	Baixa
Malation	Malaton 100	1,5	85 - 95	10 - 15	Alta	Muito Leve
Mefosfolan	Cytrolane 250E	1,0	65 - 85	15 - 20	Alta	Muito Alta
Menzaom	Menazon	0,3	85 - 95	15 - 20	Média	Baixa
Demeton	Metasystox	0,5	75 - 95	15 - 20	Média	Alta
Monocrotofós	Azodrin 60 CE	0,3	75 - 95	15 - 20	Alta	Moderada
Ometoato	Folimat 1000	0,25	75 - 95	15 - 20	Alta	Baixa
Melilico	Folidol 60	0,8	85 - 95	10 - 15	Alta	Alta
Pirimicarb	Pirimor	0,15	85 - 95	10 - 15	Nula	Moderada
Tiometon	Ekatin 25CE	1,0	70 - 90	15 - 20	Alta	Moderada
Vamidotiom	Kival CE	1,0	75 - 95	15 - 20	Baixa	Baixa

A lagarta do trigo é comum no Estado. Normalmente aparece de setembro em diante, quando as condições ecológicas não são favoráveis. Quando o trigo está com o grão em forma de massa, praticamente não necessita mais realizar o controle. Do aparecimento da folha bandeira até o grão em massa é o período crítico de seu ataque.

Procure usar produtos de baixa toxicidade fazendo aplicação na época recomendada.

A saúde de seus familiares depende de você. Tome cuidado no uso dos defensivos, observando as seguintes recomendações:

- Guardar os defensivos em lugares próprios, longe de alimentos e do alcance de crianças ou animais.

- Evitar o contato com a pele, mãos e olhos. Usar sempre macacão, luvas, máscara e óculos apropriados.

- Não desintupir bicos com a boca.

- Não fumar, beber ou se alimentar quando estiver trabalhando com venenos.

- Após o trabalho, mudar as roupas e tomar banho imediatamente.

- Sentindo-se indisposto durante a aplicação, procure imediatamente o médico ou hospital mais próximo.

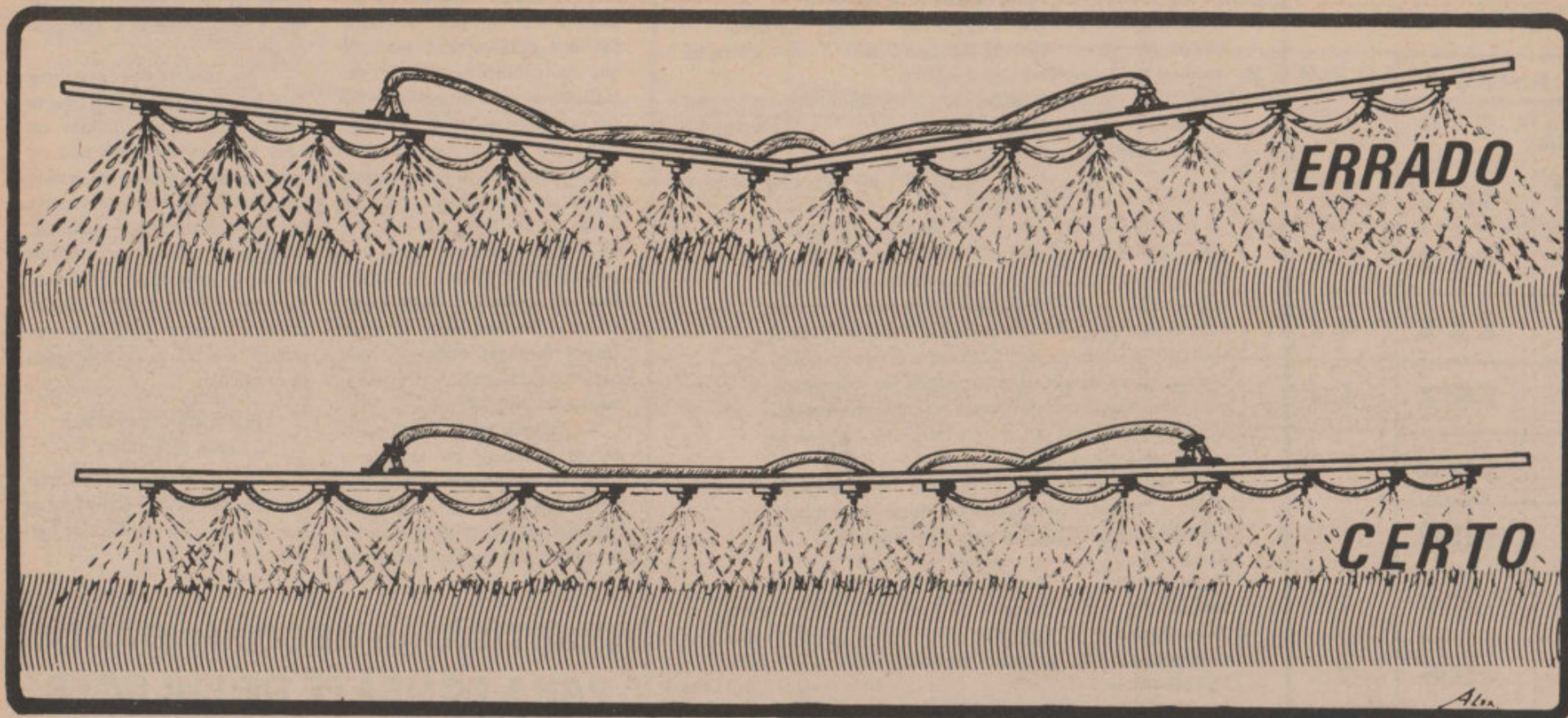
- Use defensivos somente com recomendação técnica.

- Evite a mistura de defensivos
- Aplique defensivos somente quando necessário.
- Tome cuidado na aplicação próximo a vertentes, açudes ou riachos, pois a contaminação poderá ser fatal.
- Não lave máquinas e utensílios diretamente em rios ou açudes, pois estará contaminando-os.
- Queime ou enterre as embalagens vazias de defensivos. Não as utilize para outros fins nem as deixe jogadas em qualquer local.



Normalmente é indicado uma aplicação. Ela é importante quando o ataque se verifica nos estágios iniciais de desenvolvimento da planta. Sempre adicionar um espalhante adesivo na dosagem indicada pelo fabricante, com exceção do mólgo e enxofre molhável. O enxofre é o mais barato, porém os demais fungicidas apresentam melhores resultados.

As Septerioses (Septória tritici e S. nodorum) e as ferrufens da folha (Puccinia recon-dita) e do colmo (puccinia graminis Tritici), responsáveis por grandes danos às lavouras, costumam surgir na época do emborrachamento em diante.



AJUSTE DO PULVERIZADOR

A modificação e regulagem do pulverizador é indispensável para se obter a eficiência dos tratamentos.

O equipamento deve ser de barra e com todas as modificações a seguir descritas, a fim de se executar um trabalho dentro das recomendações preconizadas pela pesquisa.

Todas as partes da planta deve receber a calda de fungicida a fim de proteger o aparecimento de moléstias.

O pulverizador deve apresentar os seguintes dados técnicos:

1. Vazão de trabalho: 200 lt./ha
2. Bicos a serem usados: D2-25
3. Pressão de trabalho

BICO	LIBRAS PRESSÃO	LITROS POR MINUTO	LITROS/HA C/VELOCIDADE DE:							
			3 km/h	4 km/h	5 km/h	6 km/h	7 km/h	8 km/h	12 km/h	
D2-25	40	0,60	240	180	144	120	103	90	60	
	60	0,71	284	213	170	142	121	106	71	
	150	1,10	440	330	264	220	188	165	110	

Fonte: CNPTRIGO - EMBRAPA
Setor de Economia Rural

Obs: Pressão de trabalho ideal: 60-80 lb.

4. Espaçamento entre bicos: 30 cm.

5. Verificações a serem feitas antes de iniciar a regulagem:

5.1. - Verificar se os bicos são da mesma especificação (D2-25).

É muito comum encontrarmos na barra bicos com especificações diferentes.

5.2. - Verificar se os bicos estão com a mesma vazão. Pode ocorrer entupimento de algum bico por sujeira do

tanque. A regulagem deve ser realizada com os bicos tendo a mesma vazão.

5.3. - Não se recomenda misturar bicos usados com bicos novos, pois os bicos usados terão uma vazão maior.

5.4. - Não utilizar pressão fora dos limites recomendados. Durante a aplicação observar constantemente o funcionamento dos bicos; em caso de obstrução desmonte para limpar. Nunca tentar desentupir o bico com quaisquer instrumentos metálicos (agulhas, prego) ou com a boca. Use água e palitos de madeira.

5.5. - Verificar se não há vazamento na bomba, mangueira ou nos próprios bicos. Caso haja vazamento nos bicos usar retentores próprios.

5.6. - Usar manômetro de baixa pressão.

MÉTODO DE REGULAGEM

1. Marcar uma distância de 50 metros no terreno.

2. Regular a pressão recomendada: 60-80 lb.

3. A velocidade de pulverização deverá ser de 4-5 Km por hora.

A rotação do motor deverá estar em torno de 1.500 RPM. Para obtenção dessa velocidade e rotação deverá ser usada na maioria dos tratores, 1ª. simples.

4. Medir o tempo requerido para percorrer os 50 metros.

5. Cálculo da vazão:

O cálculo da vazão é feito com o trator parado.

5.1. - Abrir as torneiras de cada mangueira.

5.2. - Ligar a tomada de força que aciona a bomba do pulverizador.

5.3. - Coloque o trator na mesma rotação que andou no percurso dos 50 metros.

5.4. - Coletar em um saco medidor a quantidade de água que cai de um bico durante o tempo gasto para percorrer os 50 metros.

O nível do líquido no saco graduado indicará a quantidade de litros pulverizados por hectare.

Obs: Alertamos que a vazão só será correta quando usados sacos devidamente confeccionados para o espaçamento existente entre os bicos.

5.5. - O nível do líquido deverá estar na faixa que indica 200 litros por hectare.

5.6. - Para aumentar a quantidade de líquido pulverizado por hectare, aumente a pressão ou diminua a velocidade do trator. Para diminuir a quantidade de líquido pulverizado, diminua a pressão ou aumente a velocidade do trator.

5.7. - Área pulverizada com um tanque:

Considerando o pulverizador com capacidade para 400 litros podemos pulverizar 2 hectare com cada tanque.

5.8. - Quantidade de produto a ser colocado no tanque:

- Sabemos que um tanque poderá pulverizar 2 hectares, e;

- Conhecendo a dosagem dos produtos a serem empregados:

Ex: Maneb - 2,5 kg/ha. Logo: no tanque deverá ser colocado 5 kg de Maneb.

5.9. - Uma vez determinada a velocidade e a pressão correta, mantenha-as durante a pulverização.

5.10. - Para reabastecimento rápido do tanque do pulverizador, aumente a pressão contando o número de voltas na torneira.

Após o reabastecimento, voltar à marca inicial de calibração, retornando o mesmo número de voltas.

RENTABILIDADE DE LAVOURAS TRATADAS COM FUNGICIDAS

As conclusões a seguir e os índices de rentabilidade, fizeram parte de um trabalho de autoria dos pesquisadores Roque C.A. Tomasi, Victor H. da F. Porto e Ivo Ambrosi, intitulado "Rentabilidade econômica de 38 propriedades que utilizaram fungicida e inseticida no Rio Grande do Sul e Paraná - 1976".

Afirmam os técnicos: 1) A utilização conjunta de inseticidas e fungicidas, aplicados nas épocas adequadas ou não, segundo os princípios ativos e doses

recomendadas pela pesquisa ou não, com a aparelhagem adequada ou não, possibilitou na área de 4.909,6 ha obter uma média de 1.538,25 kg/ha (trigo), o que confirma as afirmações do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo no sentido de que é possível alcançar com esta tecnologia, uma produção de 1.500 kg/ha. 2) Esta tecnologia é econômica, pois o lucro médio dos tratamentos foi de Cr\$ 2.652,49/ha, o que cobre perfeitamente os demais custos de plantio, colhei-

ta, depreciações e manutenções de máquinas implementos, benfeitorias, custo do capital terra, impostos, financiamento e FUNRURAL. 3) O lucro de Cr\$ 2.625,49/ha do tratamento com inseticidas e fungicidas, supera em Cr\$ 651,65 o custo de produção, (inclusive inseticidas) calculado pela FECOTRIGO para a safra de 1976.

A seguir, um demonstrativo do mesmo estudo, sobre a produtividade e rentabilidade

por variedades em seis propriedades, que utilizaram fungicida

e inseticida no estado do Rio Grande do Sul, no ano de 1976.

Área cultivada (ha)	Produtividade (ha)	Custo médio por ha. dos tratamentos (Cr\$)	Lucro médio tratamento (Cr\$/ha)
289,0	1.110,77	335,25	2.277,51
687,2	1.577,42	418,74	2.834,07
28,0	2.352,85	580,35	4.367,87
343,2	1.611,90	568,46	2.816,20
30,0	1.492,20	491,49	2.437,48
27,2	2.281,00	602,09	3.924,16



SUPLEMENTO INFANTIL ABRIL

Elaboração: Iselda S. - Marita K. - Viro Frantz

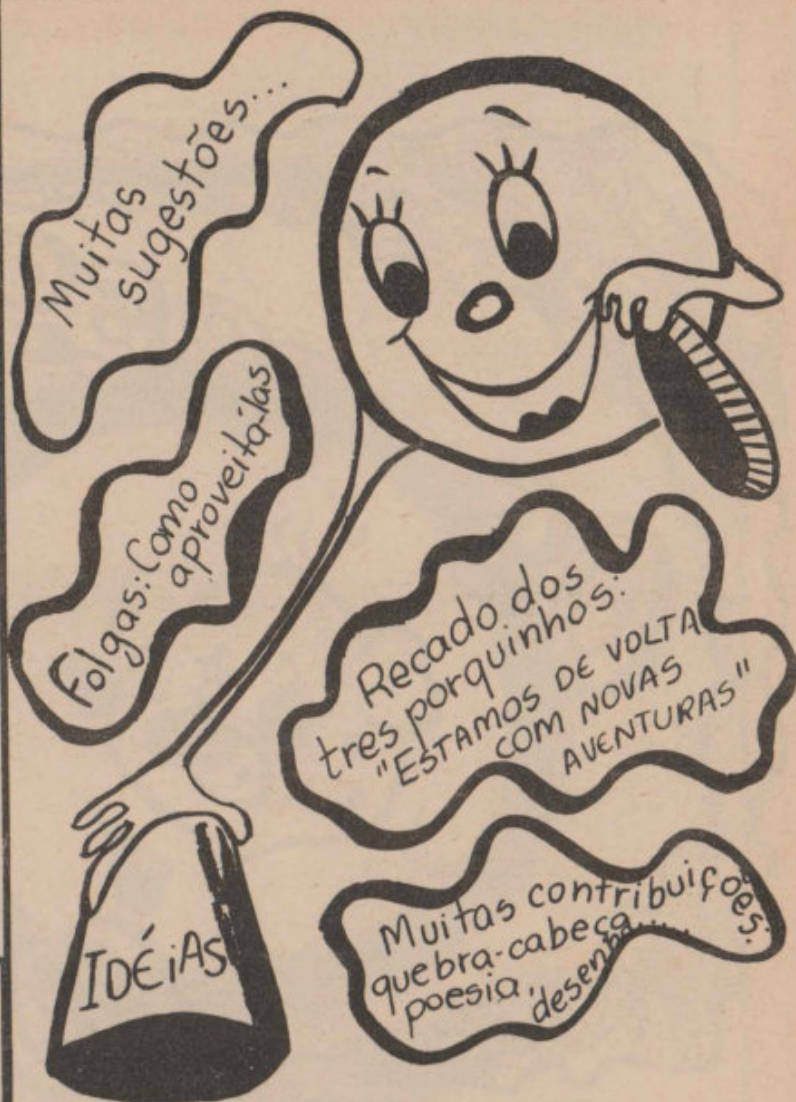
ESCOLINHA
DE ARTE
DA
FIDENE
1977

Crianças que brincam
que correm como eu
como eu brinco e sonho,
nossa alegria criança
faz o mundo mais risonho.

Gosto de ler o Cotrisol
porque ele traz alegria
de gente de tamanho pequeno,
mas que tem boa caligrafia.

Cotrisol é muito bacana,
nele eu canto todos os dias,
as quadrinhas, que as crian-
ças enviam...

(Dalva Dallabrida)



PODEMOS FAZER UMA PORÇÃO DE COISAS COM PINTURA

Algumas vezes você pode desejar pintar coisas que já fez, ou um lugar que visitou, ou ainda certas idéias que lhe passam pela cabeça, ou animais ou outras coisas interessantes.

COMO É DIVERTIDO BRINCAR COM OS PINCÉIS

Você pode fazer coisas muito engraçadas com o seu pincel. Veja o que acontece quando o passa ora devagarinho, ora bem ligeiro, ora bem de leve, ora apertando-o de encontro ao papel. Experimente fazer o seu pincel dançar, dar saltos, ou andar sobre o papel.

Talvez ache que saiu um erro aqui ou ali. Porém, olhando bem para o que aconteceu, você pode descobrir que apareceu alguma coisa nova.

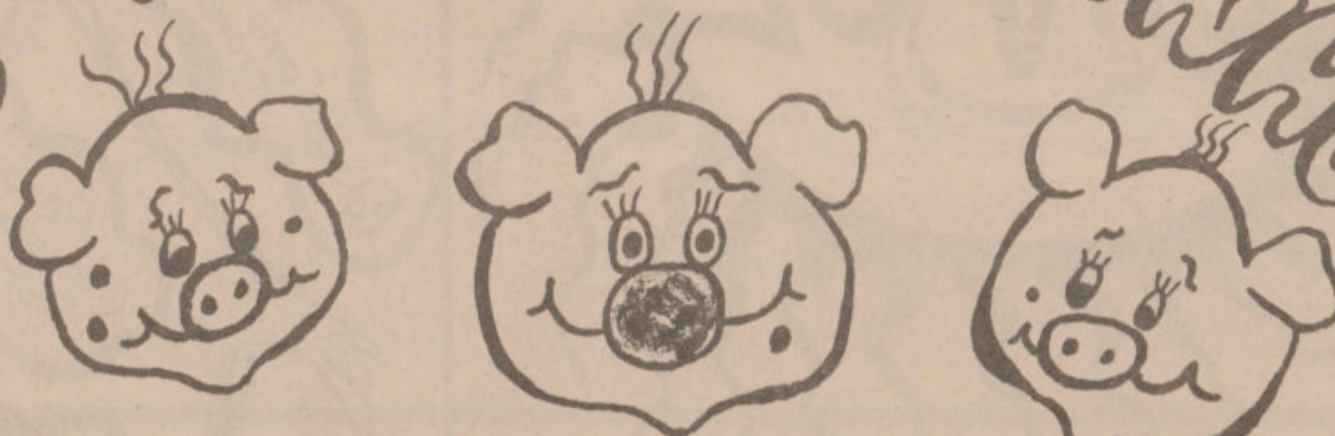
Bem, pode ser que você nunca tivesse conseguido isto, se não tivesse errado um pouquinho.

Podemos fazer uma porção de coisas com pedacinhos de PAPEL ou de PANO COLORIDO.

Você já experimentou fazer um quadro recortando e grudando pedacinhos de papel colorido?

Se quiser, em vez de papel, pode usar pedacinhos de pano.

OS TRÊS PORQUINHOS POBRES



II PARTE

A noite estava clara. Dona Lua achava-se de novo no seu lugar, com a cara desinchada, muito contente da vida. Tinha tirado o dente. Quando o dentista disse que o serviço custava vinte cruzeiros, ela responde que não tinha dinheiro mas tinha jóias. E deu para o dentista a estrela mais bonita do céu. O dentista fez com ela um pregador de gravata.

Sabugo olhou para cima.

— Dona Lua, a senhora que tem vivido muito, que já viu muitas coisas, diga que é que devemos fazer agora.

A Lua não gostou muito de ouvir dizer que ela era velha. Mas sorriu e respondeu:

— Vocês viram a fita dos três porquinhos? Pois bem. Vocês não são três porquinhos?

— Semos — disse Lingüicinha.

Sabugo corrigiu o irmão:

— Somos.

— Perfeitamente — continuou a Lua. — Pois imitem os porquinhos do cinema. Saiam em aventuras pelo mundo . . .

Os três porquinhos pobres começaram a bater palmas e a dançar, muitos satisfeitos com o conselho da Lua.

Depois, cansados das travessuras da noite, deitaram-se a dormir debaixo duma árvore e só acordaram quando o Sol já estava alto.

— Não gosto daquele sujeito . . . — disse Salsicha, apontando para cima.

— Que sujeito? — perguntou Sabugo.

— O Sol . . .

— Fala baixo que ele pode ouvir . . .

Mas o Sol não ouviu, porque estava ainda com muito sono. Fazia pouco que tinha levantado da cama.

Os três porquinhos lembraram-se do conselho da Lua. E começaram a se preparar. Chegaram a um lugar onde a carroça do lixo despejava todo o cisco da cidade.

Sabugo apontou para o monte de papéis velhos, latas, garrafas, cacos, caixas e disse:

— Ali está o nosso guarda-roupa.

Os três porquinhos pobres começaram a procurar no lixo as roupas e instrumentos para ficarem parecidos com os três aventureiros do cinema.

Sabugo botou na cabeça um saco de papel e levou ao ombro uma enxada velha. Salsicha agarrou uma caçarola furada e fez com ela um boné; pegou um violão quebrado e um pedaço de pau e disse:

— Aqui está o meu violino.

Lingüicinha enfiou na cabeça um funil, feito chapéu. Agarrou um pedaço de taquara e gritou:

— Aqui está a minha flauta.

Muito contentes da vida, os três irmãos começaram a pular e a dançar. Depois pararam. Pensaram. Olharam-se.

— Falta alguma coisa . . . — disse Salsicha.

— Falta mesmo . . . — concordou Sabugo.

— Que será? — perguntou Lingüicinha.

O Sol soltou um berro:

— Burros! Falta a canção! Falta a música!

Os três porquinhos olharam para o Sol, tiraram os chapéus (o saco de papel, a caçarola furada e o funil) e disseram ao mesmo tempo:

— Muito obrigado, Dr. Sol!

Sabugo descansou a enxada no chão e disse:

— Eu sou o poeta. Vocês são os músicos. Inventem uma música que eu faço os versos.

Lingüicinha levou a flauta à boca. Salsicha começou a esfregar a ripa no violão quebrado. Inventaram os dois uma musiquinha, depois de muito brigarem e discutirem. Com a cabeça nas mãos, olhos fechados, Sabugo pensou nos versos.

Depois de algum tempo estava tudo pronto, música e letra.

Saíram cantando a nova canção. Agora só faltava encontrarem uma aventura.

Seguiram pela estrada. Fazia muito calor. O sol estava suando. Estendeu a mão de fogo para uma montanha da Suíça e trouxe de lá um sorvete de coco. Depois espichou mais o braço e, com uma canequinha

... tirou água do Rio Amazonas; partiu um pedaço de gelo dum
do Mar do Norte e com ele gelou a água da caneca. Depois to-
nda a água dum gole só. Fez tanto barulho que uma nuvem se as-
tremeu, pôs-se a chorar e a derramar lágrimas.

Sabugo estendeu a mão e disse:

— Está chovendo.

Mas o choro da nuvem cessou logo, porque um corvo ia passando
com pena dela e foi à farmácia buscar-lhe um remédio para os ner-

Os três porquinhos continuaram a caminhar até que avistaram
a floresta.

— Ali é a floresta encantada — disse Sabugo.

— Vamos encontrar Chapeuzinho Vermelho — disse Salsicha.

— E o Lobo Mau! — gritou Lingüicinha.

Os irmãos pararam e se olharam, desconfiados. Todos estavam
medo de entrar no mato, e nenhum queria confessar.

— Estão com medo? — perguntou Sabugo.

— Eu não! — disse Salsicha.

— Eu também não! — berrou Lingüicinha.

Continuaram a andar e entraram no mato.

Para esconder o medo, puseram-se a cantar. As árvores todas ta-
pavam a boca com as mãos para não rirem.

Os porquinhos iam cada vez se afundando mais na floresta...

Sentiram fome. Pararam.

— Olha uma pitangueira! — gritou Salsicha.

Começaram a apanhar pitangas para comer.

A Pitangueira, que estava dormindo, sentiu uns beliscões no cor-
po e acordou.

— Malvados! — gritou ela. — Vou chamar a polícia!

Pegou do telefone e ligou para a Chefatura de Polícia.

Os porquinhos estavam tremendo de medo, porque nunca tinham
sido capazes de falar.

— É da polícia? — perguntou a Pitangueira. — Mandem ligeiro
a patrulha para aprender uns vagabundos que vieram roubar as mi-
nhas pitangas.

Os porquinhos queriam fugir mas o medo era como chumbo nas
pernas deles.

A Pitangueira, com as mãos na cintura, batia com os pés no chão
de um jeito duma comadre que está zangada.

De repente se ouviu uma buzina no mato. O grito da sereia foi fi-
nalmente mais forte, mais forte... Apareceu um automóvel. Desceram de-
zesseis macacos fardados como policiais. Na frente vinha o sargento,
de uniforme charuto.

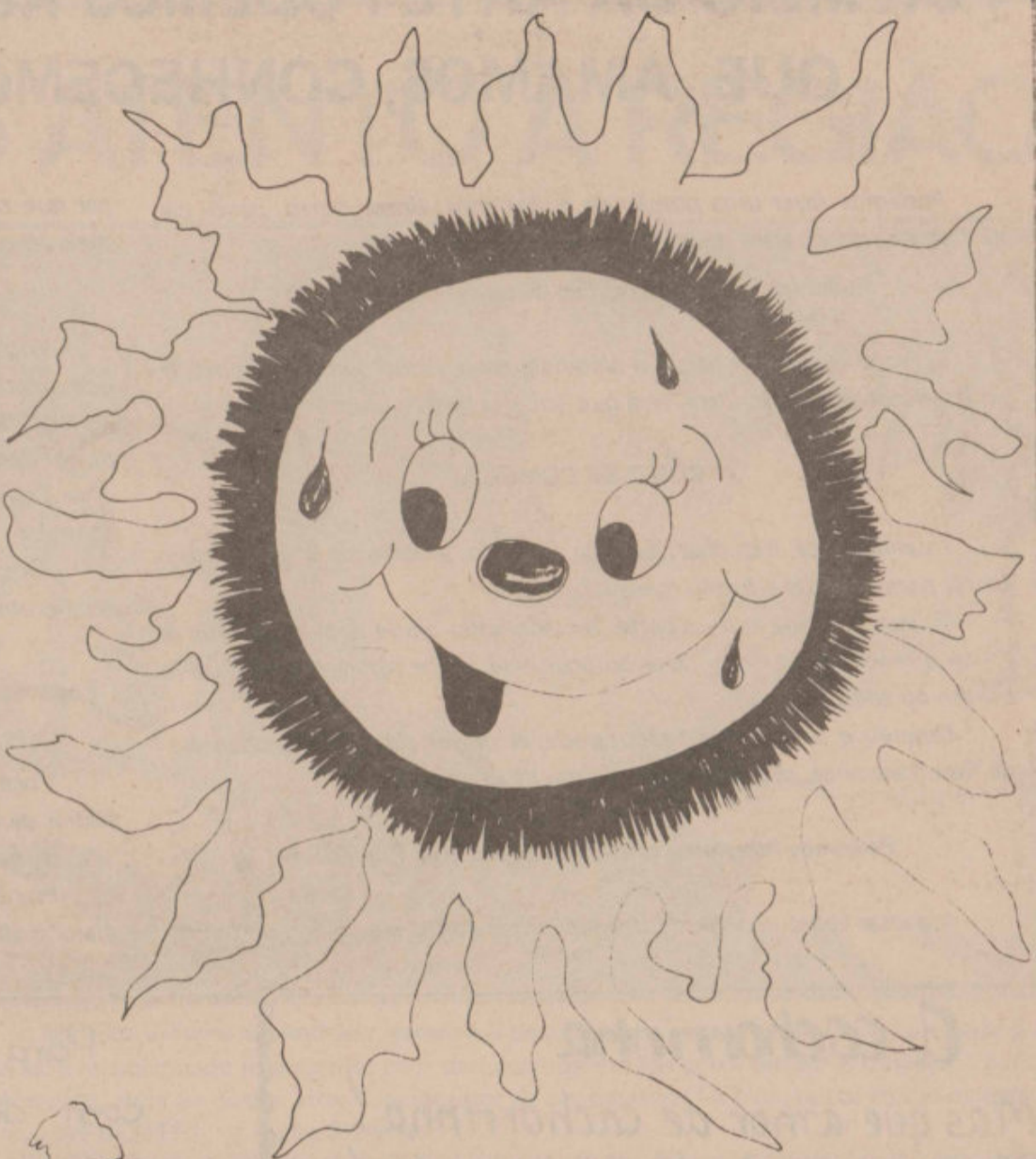
— Em nome da lei, estão presos! — gritou ele, caminhando para
os porquinhos.

Os três irmãos foram para a cadeia. O delegado era uma raposa
velha, que usava óculos. Fez perguntas aos prisioneiros. Perguntou
quantos anos tinham, se eram casados, como se chamavam. Depois dis-

— Cinquenta cruzeiros de multa.

Os porquinhos declararam que não tinham dinheiro. A raposa en-
tão decidiu levar os três para a cadeia. A cadeia ficava numa gruta. Os
porquinhos foram para a mesma cela em que se encontrava um tatu.

— Como é seu nome? — perguntou-lhe Sabugo.



— Conde de Monte-Cristo — respondeu o tatu.

Contou que estava muito velho, que se achava preso ali havia
muitos, muitos anos, por causa de política.

Os porquinhos ficaram muito tristes, pensando no tempo que
ainda tinha de ficar ali fechados. Mas o tatu cochichou:

— Faz vinte anos que estou preparando a minha fuga. Olhem...

Afastou uma pedra e mostrou um buraco muito grande que ia dar
na estrada.

— Como as minhas unhas cavei este buraco. Hoje vou fugir. Que-
rem vir comigo?

Os porquinhos se alegraram e disseram que sim.

Ao anoitecer, fugiram. O tatu apertou as mãos dos porquinhos,
despediu-se e saiu caminhando, apoiado num bastão. Era um tatu de
barbas brancas, muito instruído.

Os três irmãos seguiram pela primeira estrada que encontraram.

POR MEIO DA ARTE PODEMOS REPRESENTAR AS COISAS QUE AMAMOS, CONHECEMOS E IMAGINAMOS!

Podemos fazer uma porção de coisas com: tintas, barro, pano, caixinhas, plásticos vazios ou com muitos outros materiais.

Podemos fazer uma porção de coisas com **BARRO**

Se você quisesse mostrar a alguma pessoa aquilo que deseja possuir, ou aquilo de que mais gosta, será que poderia fazê-lo usando barro?

COMO SE COMEÇA

Quando você trabalhar, comece sovando, amassando e esticando o barro, para ver qual a forma que ele toma.

Talvez a forma que o barro for tomando ajude você a resolver as coisas que vai fazer. Pode fazer buracos nele, se lhe agrada. Pode fazê-lo lisinho ou todo arrepiado.

Quando o barro estiver seco, pode, se quiser, pintá-lo. Também pode fazer desenhos, riscando com a ponta de um prego.

Podemos fazer uma porção de coisas com **PINTURA**

Algumas vezes você pode desejar pintar coisas que já fez, ou um lu-

gar que visitou, ou ainda certas idéias que lhe passam pela cabeça, ou animais ou outras coisas interessantes.

COMO É DIVERTIDO BRINCAR COM OS PINCÉIS

Você pode fazer coisas muito engraçadas com o seu pincel. Veja o que acontece quando o passa ora devagarinho, ora bem ligeiro, ora bem de leve, ora apertando-o de encontro ao papel. Experimente fazer o seu pincel dançar, dar saltos, ou andar sobre o papel.

Talvez ache que saiu um erro aqui ou ali. Porém, olhando bem o que acontece, você pode descobrir que apareceu alguma coisa nova.

Bem, pode ser que você nunca tivesse conseguido isto, se não tivesse errado um pouquinho.

Podemos fazer uma porção de coisas com pedacinhos de **PAPEL** ou de **PANO COLORIDO**

Você já experimentou fazer um quadro recortado e grudando pedacinhos de papel colorido?

Se quiser, em vez de papel, pode usar pedacinhos de pano.

Prenda os pedacinhos de fazenda recortada num pedaço de pano maior e alinhe-o pelas beiradas.

A cachorrinha

Mas que amor de cachorrinha!
Mas que amor de cachorrinha!

Pode haver coisa no mundo
Mais branca, mais bonitinha
Do que a tua barriguinha
Crivada de mamiguinha?

Pode haver coisa no mundo
Mais travêssa mais bonitinha
Que esse amor de cachorrinha
Quando vem fazer festinha
Remexendo a traseirinha?

Poemas Infantis
Vinicius de Moraes - Editora SABIA

Procure na horizontal e na vertical:

Minha enxadinha
trabalha bem,
Corta matinhos
num vai e vem."

M	I	C	O	U	M	T	V	E	M
I	C	O	R	B	A	R	A	N	U
N	U	R	T	E	T	A	L	X	A
H	M	T	A	M	I	N	H	A	L
B	A	A	L	H	N	U	A	D	H
V	T	M	A	L	H	M	A	I	A
A	I	V	E	C	O	R	T	N	U
E	N	X	A	D	S	I	L	H	A
A	T	R	A	B	A	L	H	A	E
M	I	E	X	A	C	O	V	A	I



(Roberto C. Ladwig)

Para você, gente miúda, uma cruzadinha com desenhos.

